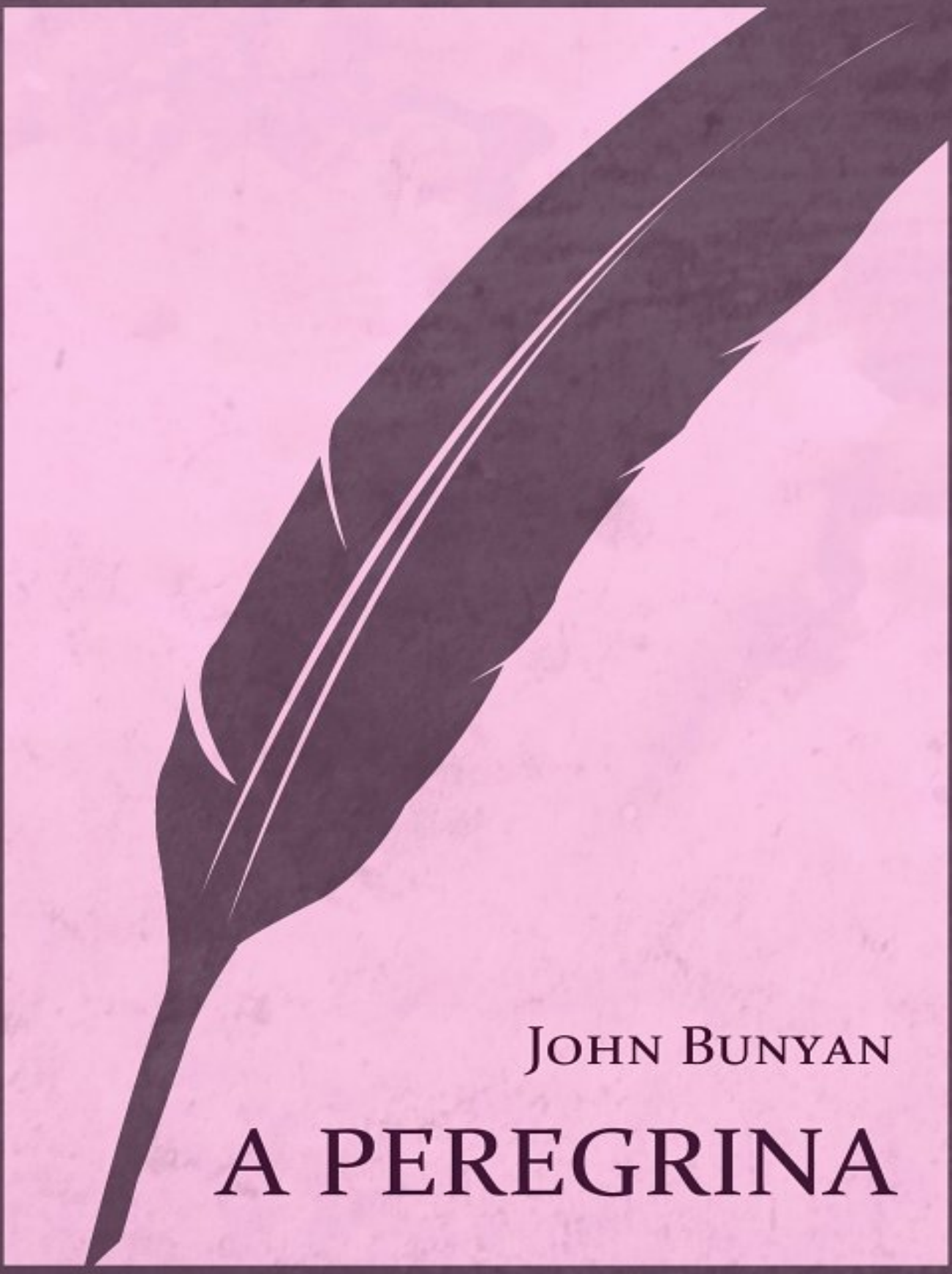
CLÁSSICOS

MC



JOHN BUNYAN

A PEREGRINA

CLÁSSICOS

JOHN BUNYAN

A PEREGRINA

Traduzido por
EDUARDO PEREIRA E FERREIRA

MC
mundocristão
São Paulo • Lisboa

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Tradução e prefácio, copyright © 1999 por Editora Mundo Cristão.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação para ebook: Grupo MC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bunyan, John, 1628-1688.

A peregrina [livro eletrônico] / John Bunyan; traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
2,0 Mb ; ePUB.

Título original: The Pilgrim's Progress.
ISBN 978-85-7325-950-6

1. Alegoria 2. Ficcção cristã 3. Peregrinos e peregrinações — Ficção 4. Prosa inglesa 5. Salvação — Ficção 6. Vida cristã — Ficção I. Título. II. Série.

13-09344 CDD–828.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Alegorias em prosa: Século 17: Literatura inglesa 828.4
2. Prosa alegórica: Século 17: Literatura inglesa 828.4
Categoria: Literatura/Clássicos

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: janeiro de 2014

Sumário



Prefácio à edição em língua portuguesa

1. Cristiana e seus filhos
2. A partida
3. A porta estreita
4. Primeiras dificuldades
5. As peregrinas chegam à casa de Intérprete
6. Ao pé da Cruz
7. O morro da Dificuldade
8. Os peregrinos chegam ao Palácio Belo
9. Experiências domésticas
10. O Vale da Humilhação
11. O Vale da Sombra da Morte
12. Honesto e Temente
13. Os erros de Teimoso
14. Em casa de Gaio
15. O gigante Guerra-ao-Bem
16. A Feira da Vaidade
17. As Montanhas Aprazíveis
18. Os pastores das Montanhas Aprazíveis
19. Valente-pela-Verdade
20. O Solo Enfeitiçado
21. A entrada na Cidade Celestial

Prefácio à edição em língua portuguesa



A edição original de *A peregrina* foi lançada em 1684, seis anos após a publicação de *O peregrino*. Em língua inglesa, esta obra foi lançada sob o título *O peregrino: segunda parte.* No entanto, preferimos dividir a obra em dois volumes para refletir a edição histórica original com fidelidade, mas especialmente para valorizar *A peregrina* como obra distinta e com méritos próprios.

Trata-se de um livro que retrata ambições literárias que ultrapassam uma simples continuação da primeira parte. (Quem sabe Bunyan não optasse pelo título “A peregrina” se a tivesse escrito em português. Em língua inglesa, no entanto, ele não poderia tê-lo feito pelo simples fato de que o vocábulo “pilgrim” – peregrino – refere-se a ambos os gêneros: feminino e masculino.)

A história de *A peregrina* inicia-se quando Cristiana, a esposa do peregrino Cristão, arrepende-se de não tê-lo acompanhado na primeira viagem, e decide então empreender sua própria jornada com os filhos e a amiga Misericórdia.

Ao longo da caminhada, Cristiana e seus companheiros solidificam suas próprias convicções à medida que vão reconstituindo a saga heroica do peregrino Cristão. No entanto, as lutas individuais e solidárias do primeiro volume dão espaço a conflitos e dificuldades vividos em comunidade.

A primeira parte desta obra é altamente autobiográfica, enquanto a segunda se concentra em um maior aprofundamento e reflexão dos princípios extraídos a partir das experiências de Cristão e das demais personagens.

Em cada página de ambos os volumes, Bunyan evidencia-se como um cristão devoto. Ele acreditava indubitavelmente que a Bíblia possuía a chave para qualquer dificuldade pragmática e filosófica. Portanto, para melhor entender os conflitos e as aparentes soluções, o leitor de Bunyan é remetido constantemente às páginas da Bíblia.

Assim como no primeiro volume, em *A peregrina*, Bunyan também compôs uma longa introdução poética na qual esclarece seus

objetivos literários francamente proselitistas. Segue, em versão *transcriada* em português, a apologia de *A peregrina*:[1]

Vai, livro meu, sai audaz pelo mundo afora
Por onde o peregrino primeiro passou outrora.
Bate à porta. Se alguém disser: "Quem é?"
Responde: "Cristiana", aguarda com fé.
Se te convidarem a entrar, vai com zelo,
Entra com os teus filhos, faz teu apelo.
Diz quem sois, de onde viestes também.
Talvez vos reconheçam, vos façam bem.
Se não, pergunta, inquire com paixão
Se já não acolheram um peregrino cristão.
E se, refletindo, disserem que sim,
Que lhes deu alegria do começo ao fim,
Conta que estes que lhe seguiram o trilho
Eram do peregrino a mulher e seus filhos.
Dize que tudo deixaram, a casa, o lar,
E, peregrinos, saíram ao céu buscar.
Que pelo caminho passaram apuros,
Tormentos no claro e até no escuro;
Cobras calcaram, arrastaram o diabo,
E de muitos males, sim, deram cabo.
Fala também dos outros, valente na luta,
Bravos defensores, de honrosa conduta,
Os que pela peregrinação, pela vontade do Pai,
Rejeitam este mundo sim, sem dizer um ai.
Vai, fala também dos finos regalos
Que paga o caminho aos seu vassalos.
Conta ainda, dize o quanto o peregrino
É Amado do Rei, e com zelo cristalino,
Que adoráveis moradas não lhe daria.
Venha a procela, mesmo a vaga bravia,
Que no fim a bonança será o ninho
Dos que do Senhor seguem o caminho.
Quem sabe a ti abracem com o coração,
Como fizeram ao primeiro, e te honrarão

Com muita alegria e graça, a ti e aos teus,
Pois, verás, amam os peregrinos de Deus.

1.ª Objeção
Mas e se não quiserem em mim acreditar?
Que sou de fato tua; sim, pois alguns há
Que falseiam o peregrino e seu nome, reptis,
E buscam copiá-lo, com disfarce e ardis,
Insinuando-se, mão em mão, brejeiros,
No lar e no peito de tantos romeiros.

Reposta
De fato tantos copiaram o meu peregrino
E lhe tomaram o título; ah! esses abomino.
Sim, e outro pespegaram ao seu livro
O meu nome e o título, num ato abusivo.
Mas os seus traços o revelam bem claro:
Esse livrório não é meu, ó autor ignaro.
E se tais falsários acaso encontrardes,
Dizei logo a verdade, antes que seja tarde,
E usai a vossa própria língua materna,
Língua que hoje homem nenhum mais governa.
Mas se ainda assim duvidarem de vós,
Julgando-vos ciganos, um povo feroz,
Filhos da iniquidade, a terra a profanar,
Ou que buscais ao homem bom enganar,
Basta então que me chameis, e eu, sem demora,
Atestarei os bons peregrinos que sois agora.
Sim, atestarei que vós, e vós somente,
Sois romeiros meus, a Deus tementes.

2.ª Objeção
Quem sabe indague eu sobre ele, contudo,
Àqueles que o querem morto e desnudo.
Mas que farei se, à porta do inimigo bulho,
Minha pergunta lhes ferir fundo o orgulho?

Resposta

Não te apavores, pois, que esses vis diabretes
Metem medo infundado, ganindo em falsete.
Mas este livro andarilho rodou terra e mar
E jamais soube eu que, em qualquer lugar,
Fosse deposto, pelo povo desprezado,
Em reino e país nenhum, rico ou atrasado.
Na França e em Flandres, de gente bruta,
Meu peregrino é tido como irmão de luta.
Na Holanda, diz-se, foi mesmo um estouro:
Pois lá o peregrino vale até mais que ouro.
Na Escócia e, aliás, na selvagem Irlanda,
Ao meu peregrino cedeu-se a guirlanda.
Também na Nova Inglaterra entrou,
E o povo de lá? Simplesmente adorou.
Tanto que enfeites recebeu, joias raras,
Para exibir as suas virtudes mais caras.
Caminha o meu peregrino com tanta graça,
Que muitos milhares o louvam pelas praças.
Quem o procura, encontra-o tarde ou cedo
Que o peregrino não tem nem pejo, nem medo;
A cidade, o campo, acolhem-no, peito aberto,
E quem pode negar-lhe o sorriso comperto?
Pois quem vê do meu peregrino a face
Dele dirá: onde homem tão pugnace?
Pois se o mima e ama mesmo o nobre
Quem há que por vê-lo não se desdobre?
Que não o estime com amor até desmedido?
Pois o riso deles menos vale que o meu gemido.
Senhoras e moças o cobrem de elogios,
Por ele até sentem no peito ardores sadios,
Que o peregrino lhes conquistou o respeito,
Com belos enigmas, em estilo escorreito,
Tanto que, óbvio, recompensa em dobro,
Todo o santo sacrifício de lê-lo ao cobro.
Já ouvi, inclusive, e isso com brio juro
Que alguns o igualam ao ouro mais puro.

As crianças, até elas, quem diria,
Veem-se o peregrino, vibram de alegria,
Saúdam-no, as veias saltando ao pescoço,
Berram que é o mais amado dos moços.
Mesmo os que jamais o viram admiram
As coisas muitas e boas que dele ouviram,
E sua companhia desejam, ouvi-lo narrar
Histórias tantas de peregrinos sem par.
Sim, os que não o amaram de início,
Mas o chamaram tolo, estrupício,
Hoje que o viram, são fãs ardentes;
E aos queridos dão o livro de presente.
Por isso, então, ó minha segunda parte
Não temas fazer da tua face estandarte
Pois ninguém que dele gostou, jamais,
Pensará ferir-te com armas mortais:
Que trazes repertório tão novo e proveitoso,
Para o são e o enfermo, o moço e o idoso.

3.ª Objeção
Mas há quem diga que ele ri alto demais;
Ou que nuvens o envolvem, invernais;
Que vaza palavras e histórias muito sombrias,
E, nelas, não se veem do peregrino as crias.

Resposta
Do peregrino seus olhos marejados, claro,
Deixam entrever o riso e o pranto amaro
Certas coisas conseguem (como não?)
Divertir a mente e corroer o coração;
Quando Jacó entre ovelhas viu Raquel
Beijou-a e chorou, provou o mel e o fel.
Nuvens torpes o envolvem, diz o vulgo,
Mas isso prova que a sabedoria, julgo,
Se cobre com o seu próprio manto.
E incitar a mente à busca, no entanto,
Do que com muito prazer até se acharia,

Coisas ocultas em vazia verborragia,
Isso o faz, perscrutando, a mente piedosa,
Intuindo o sentido da passagem nebulosa.
Também sei que um símile sombrio
Intromete-se na imaginação, esguio,
E adere ao coração, mais vibrante,
Do que a ideia mais dessemelhante.

Cuida, livro meu, com todo esforço
Que o desânimo não te vergue o dorso.
Pois te envio a amigos, não oponentes,
Gente, decerto, que te acolherá contente.
Aliás, o que o peregrino primeiro ocultou,
Tu, meu valente segundo, já revelou;
O que Cristão, ao partir, deixou selado,
A doce Cristiana torna escancarado.

4.ª Objeção
Mas há quem já reprove o método do primeiro;
Julgam-no romance, conto brejeiro rasteiro.
E encontrando esses tais, que lhes direi?
Desprezá-los, como desprezam o Rei?

Resposta
Ah, Cristiana minha! Se os encontrares,
Saúda-os amavelmente nos seus lares.
Insulto por insulto não, não espero de ti.
Mas se te cerrarem o cenho, te peço, sorri.
A natureza, quem sabe um relato ruim,
Os fez desprezá-lo ou rejeitá-lo assim.
Há quem não coma queijo, outros rabada,
Uns não amam os amigos, nem sua morada;
Uns detestam porco, frango, aves do luco
Mais do que lhes apraz a coruja ou o cuco.
Deixa que escolham, Cristiana, sossega,
E busca o que ao te encontrar se alegra;
Basta te apresentares a eles, modesta,

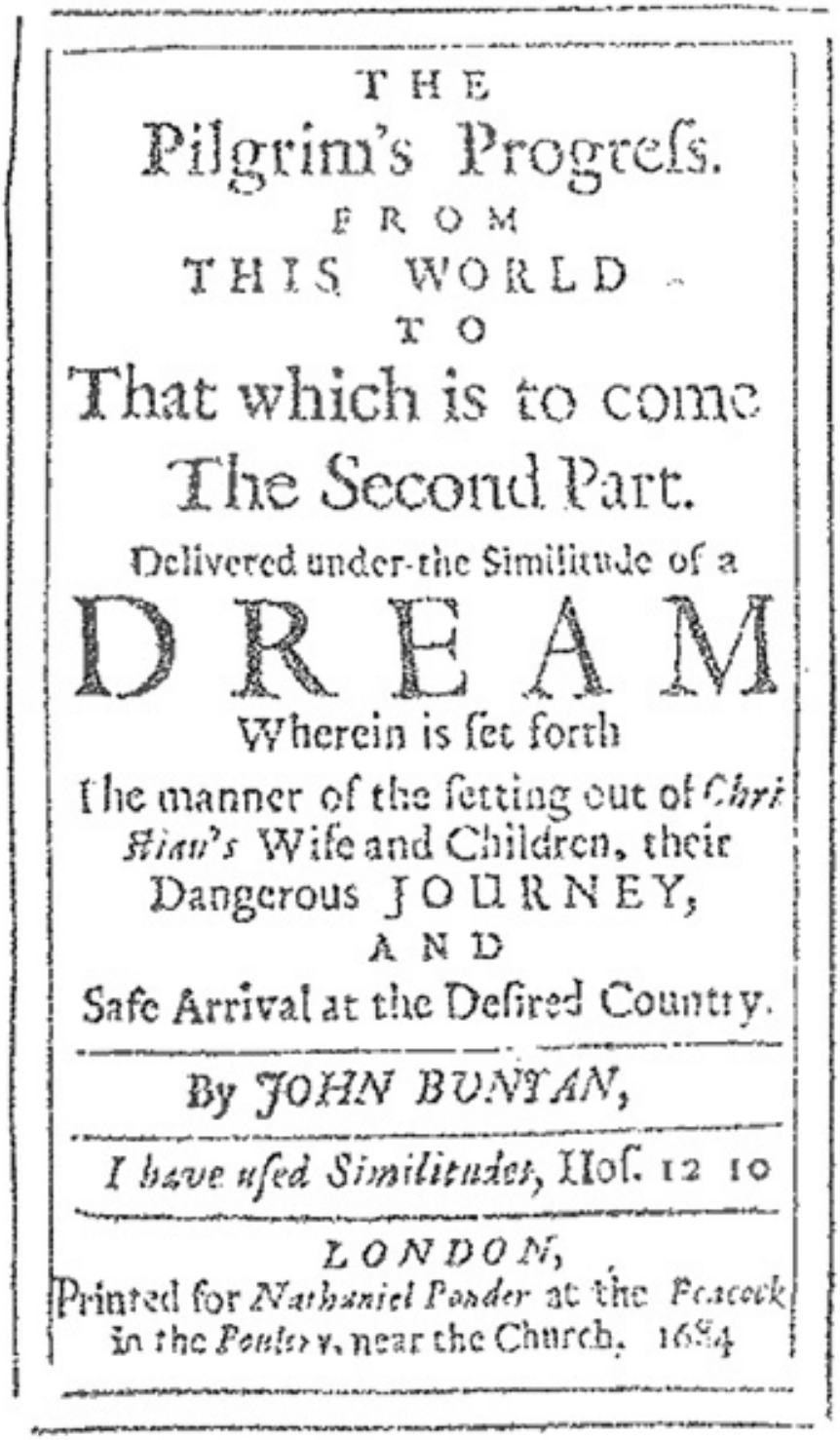
Como a peregrina, atriz desta gesta.
Vai, então, obra minha, e mostra a todo
O que te acolher e saudar com denodo
As coisas que guardas ocultas contigo
E o que lhe mostrares, isso eu bendigo,
Que lhe traga o bem, o leve a ser um dia
Peregrino melhor que eu ou tu poderias.
Vai, pois, diz aos homens quem tu és:
Diz: "Sou Cristiana e, sem temer revés,
Eu e meus filhos diremos, à moda do bardo,
Quanto pesa a um peregrino o seu fardo"
Vai, diz-lhes os homens quem são
Que agora partem em peregrinação.
Diz: "Eis Misericórdia, minha amiga,
Companheira boa de tanta fadiga.
Aprendam, fitando-lhe o rosto zeloso,
A distinguir o peregrino do ocioso.
E com ela aprenda a moça, sim, e a menina
A prezar o mundo vindouro, com disciplina"
Se a donzela piedosa entrega à ira de Deus
Os pecadores mais débeis, mesmo que seus,
É como os jovens bradando, com gana,
Diante de céticos anciãos: "Hosana".
Depois fala do velho amigo Honesto
Peregrino esse, sim, de belos gestos.
Diz o quanto era tal homem sincero,
Que tão bem suportou sofrimento severo.
Talvez isso leve alguns a amar a Cristo,
A enfim rejeitar o seu pecado malquisto.
Conta também como o tal Temeroso
Partiu em peregrinação, e, medroso,
O quanto sofreu em meio a despeitos
Até alcançar enfim o prêmio perfeito.
Malgrado a fraqueza, era homem bom;
Bom homem, a vida terá como dom.
Narra ainda a história do tal sr. Hesitante,
Que, tardo, assim mesmo seguia adiante;

Conta como quase foi morto na subida,
Mas como Grande-Coração lhe salvou a vida.
Eis um homem sincero, mas desventurado;
Quanta piedade naquele rosto crestado!
Fala de Prestes-a-Tropeçar, homem sestroso,
Preso a muletas, sim, mas bem virtuoso.
Conta o quanto ele e Hesitante amavam
E como suas opiniões concordavam.
Diz que, apesar das suas falhas bravas,
Enquanto um cantava, o outro dançava.
Não te esqueças de Valente-pela-Verdade,
Que, jovem audaz, primava pela fogosidade.
Diz que tinha espírito tão expedito
Que homem nenhum o deixava aflito.
E conta como ele e Grande-Coração
O Castelo da Dúvida puseram no chão.
Não te esqueças do sr. Desesperança,
Nem de Apavorada, sua filha, criança,
Embora vivam os dois sob mantos tantos
Que até parece que Deus os largou ao pranto.
Mas, firmes, seguiram até a meta final,
E viram que o Senhor era de fato real.
Depois de narrar essas coisas ao mundo,
Fere essas cordas, livro meu, fere fundo,
Pois a música virá, e tão bela e louçã
Que fará dançar o coxo, tremer o titã.
Os enigmas que trazes dentro do peito
Revela-os todos, sem mácula ou defeito.
Mas permaneçam dúbias outras palavras,
Essas para o desfrute de mentes mais bravas.
E que seja uma bênção este meu livro
Aos que o amam com amor votivo.
E quem nele investiu seu dinheiro suado
Não diga jamais: “Fui enganado”.
Que este segundo volume dê fruto
Para todo peregrino resoluto.
E que convença o homem perdido

A pôr o pé no caminho sofrido.

É a sincera oração do autor,

John Bunyan


THE
Pilgrim's Progress.
FROM
THIS WORLD
TO
That which is to come
The Second Part.
Delivered under the Similitude of a
DREAM
Wherein is set forth
The manner of the setting out of *Christian's* Wife and Children, their Dangerous JOURNEY,
AND
Safe Arrival at the Desired Country.
By *JOHN BUNYAN*,
I have used Similitudes, Hos. 12 10
LONDON,
Printed for *Nathaniel Ponder* at the *Peacock* in the *Poultry*, near the Church. 1684

Frontispício da edição original, 1684.

1
Cristiana e seus filhos



Caros companheiros, foi certamente muito agradável para mim, e proveitoso para você, contar o sonho que tive de Cristão, o peregrino, e sua perigosa viagem rumo à Cidade Celestial.

Naquela ocasião, contei-lhes também o que vi a respeito de sua mulher e filhos, e como relutaram em seguir com ele em peregrinação, o que forçou Cristão a partir sem eles, pois não ousou correr o perigo que o ameaçava se permanecesse com a família na Cidade da Destruição. Portanto, como naquele momento lhes mostrei, Cristão deixou-os e partiu.

Ora, aconteceu que, por conta de uma variedade de fatores, muitos obstáculos enfrentei e acabei impedido de prosseguir nas minhas viagens habituais pelas regiões de onde Cristão veio, e assim, até agora, não havia tido a oportunidade de fazer novas investigações sobre aqueles que ele deixara para trás, para então lhes fazer um relato sobre eles. Mas interessei-me pelo assunto e decidi voltar para lá.

Havendo-me acomodado num bosque, a cerca de quilômetro e meio do lugar, assim que dormi voltei a sonhar. Em meu sonho, um idoso cavalheiro se aproximou de onde eu estava e, como ele seguia pelo mesmo caminho que eu, achei por bem levantar e acompanhá-lo. Em nossa caminhada, como geralmente fazem os viajantes, passamos a conversar, e calhou que nossa conversa recaiu sobre Cristão e suas andanças. Pois assim falei com o velho:

– O senhor sabe que cidade é aquela lá embaixo, à esquerda do caminho?

– É a Cidade da Destruição, lugar populoso, mas repleto de más qualidades, de gente frívola e inútil – respondeu o sr. Sagacidade, pois esse era o seu nome.

– Acho que foi essa a cidade por onde passei certa vez, por essa razão sei que esse relato que o senhor me dá é verdadeiro – disse-lhe eu.

SAG. – De fato. Gostaria até de poder falar melhor dos homens que moram ali.

– Ora, percebo então que estou diante de um homem muito bem-intencionado, alguém que tem prazer em ouvir e falar do que é bom. Por acaso não ouviu falar do que aconteceu a um homem que vivia algum tempo atrás nessa cidade, de nome Cristão, que saiu em peregrinação rumo às regiões superiores?

SAG. – Claro que sim! E ouvi falar também dos aborrecimentos, das dificuldades, das batalhas, dos cativeiros, dos clamores, dos gemidos, dos pavores e dos medos que ele enfrentou na sua jornada. Devo dizer-lhe também que toda a nossa terra se lembra bem dele. Algumas famílias ouviram falar dele e dos seus feitos, e buscaram informações sobre a sua peregrinação.

– É, acho que posso dizer – continuou Sagacidade – que sua jornada lhe granjeou muitos admiradores dos seus caminhos. Embora enquanto vivia aqui era tido por todos como louco, agora que se foi, todos só lhe têm elogios, pois se diz que vive muito bem onde está. É... muitos daqueles que estão decididos a jamais correr os riscos que ele correu desejam, assim mesmo, o que ele alcançou.

– Devem mesmo pensar – disse eu –, se é que pensam algo verdadeiro, que ele vive bem onde está agora, pois ele se encontra na própria Fonte da Vida, e tem o que tem sem labuta nem pesar, pois lá não há sombra de angústia.

SAG. – Ah! O povo fala coisas estranhas dele. Alguns dizem que ele agora anda de branco (Ap 3.4), que usa uma corrente de ouro no pescoço, que traz na cabeça uma coroa de ouro, engastada de pérolas. Outros dizem que os Seres Resplandecentes, que por vezes lhe apareciam durante a jornada, tornaram-se seus companheiros, e que é tão íntimo deles no lugar onde está agora quanto aqui um vizinho conhece o outro.

– Além disso – disse Sagacidade –, sabe-se com certeza que o Rei do lugar onde ele está agora lhe concedeu uma morada rica e agradável na corte, e que diariamente ele come e bebe, caminha e conversa com esse Rei, e recebe os sorrisos e as graças daquele que é juiz de tudo por lá. Alguns esperam que esse Príncipe, o Senhor daquelas terras, breve virá por estas bandas, e vai querer

saber por que, se é que saberão lhe dar motivos, seus vizinhos o tinham em tão pouca conta e tanto o desprezaram ao perceber que ele se tornaria peregrino.

– Dizem que hoje – comentou ainda – ele caiu nas graças do Príncipe, e que seu soberano está muito irritado com as indignidades que lançaram sobre Cristão quando ele se fez peregrino. Dizem também que esse Príncipe considerará todas as ofensas como feitas a ele mesmo, e não admira, pois foi pelo amor que tinha pelo seu Príncipe que ele se aventurou assim.

– De minha parte, isso muito me alegra – disse eu. – Fico feliz por esse pobre homem, pois agora ele goza o descanso da sua fadiga (Ap 14.13) e colhe o fruto das suas lágrimas com alegria. Hoje ele está fora do alcance da artilharia dos seus inimigos e fora do alcance dos que o odeiam.

– Também me alegro – continuei – ao ver os rumores desse fato se espalhando pela nossa terra. Quem sabe isso não trará efeitos positivos para aqueles que ficaram para trás? Mas, enquanto a lembrança ainda está viva na minha mente, gostaria de saber se o senhor ouviu algo sobre a mulher e os filhos desse homem. Pobres criaturas! O que lhes terá ocorrido?

Sag. – Quem? Cristiana e seus filhos? Provavelmente se sairão tão bem quanto o próprio Cristão, pois, embora tenham sido insensatos no começo, não se deixando convencer nem pelas lágrimas, nem pelas súplicas de Cristão, depois pensaram melhor e mudaram de ideia. E assim fizeram as malas e também partiram atrás dele.

– Ótimo, excelente! – exclamei. – Mas foram todos: mulher, filhos e tudo o mais?

Sag. – Isso mesmo. Posso até lhe contar como aconteceu, pois presenciei os fatos e conheço muito bem a história.

– Pois eu gostaria muito de ouvir...

Sag. – Terei o maior prazer. Afirmo que todos eles partiram em peregrinação, a boa mulher e seus quatro meninos. E como vamos caminhar juntos um bom trecho, vou lhe contar tudo, do começo ao fim.

– Essa tal Cristiana, pois esse passou a ser o seu nome desde o dia em que ela e os filhos adotaram a vida de peregrinos – começou a contar Sagacidade –, depois que o marido cruzou o rio, nada mais

ouviu sobre ele. Certas ideias, então, vieram-lhe à cabeça. Primeiro, por ter perdido o marido, e porque o vínculo amoroso dessa relação se havia rompido irremediavelmente.

– Você sabe – disse-me ele – que a natureza não deixa de perturbar os vivos com muitos e tristes pensamentos a respeito da perda de entes queridos. Essa perda do marido, então, custou-lhe muitas lágrimas. Mas isso não foi tudo. Cristiana também começou a pensar se a sua conduta imprópria para com o marido não fora a causa de não mais tê-lo visto, e de ele lhe haver sido tirado.

– Por conta disso – continuou ele – começaram a lhe fervilhar na mente todos os seus atos impiedosos, perversos e iníquos para com o querido marido, e isso, por lhe pesar a consciência, terminou por sobrecarregá-la de culpa. Pesava-lhe bastante também a lembrança dos muitos lamentos, das amarguradas lágrimas e suspiros do marido, e de como ela endurecera o coração diante de todas as suas súplicas e ternos argumentos usados para convencê-la, bem como aos filhos, de seguirem com ele.

– Tudo o que Cristão lhe disse ou fez enquanto suportava ainda o peso do fardo nas costas – contou-me Sagacidade –, agora lhe voltava como raio e lhe cortava o coração; especialmente este clamor do marido: “Que farei para ser salvo?” soava ainda em seus ouvidos, trazendo-lhe imensa angústia.

À medida que caminhávamos, Sagacidade foi relatando toda a história sobre a tristeza de Cristiana e de seus filhos.

Cʀɪsᴛ. – Meus filhos, estamos todos em falta. Pecamos contra o seu pai, e ele se foi. Seu pai queria que fôssemos com ele, mas eu mesma não quis e também privei vocês da vida. – Aí os meninos rebentaram em lágrimas, bradando que queriam ir atrás do pai.

Cʀɪsᴛ. – Ah! se tivéssemos ido com ele, estaríamos muito melhor do que agora. Antes eu tolamente imaginava que as preocupações do seu pai provinham de uma louca fantasia dele, ou que ele tivesse se curvado ao peso da própria melancolia. Agora não me sai da cabeça que elas provinham de outra causa: que a luz das luzes lhe fora dada, e pela ajuda desta, como agora percebo, ele escapou ao laço da morte.

Todos então choravam e se lamentavam: – Ah, maldito dia!

À noite, Cristiana teve um sonho, e eis que viu um largo pergaminho se abrir diante dela, no qual estavam registradas todas as suas ações. O conteúdo desse documento parecia-lhe tão sombrio, que ela clamou em alta voz no sono: “Senhor, tem misericórdia de mim, pecadora”. E os filhos a ouviram.

Depois disso, Cristiana imaginou ver dois homens tenebrosos ao lado da sua cama, que diziam: “Que faremos com esta mulher? Ela clama por misericórdia acordada e dormindo. Se continuar assim, também vamos perdê-la, como perdemos seu marido. Por esse motivo precisamos, de um jeito ou de outro, evitar que ela pense no que vai acontecer daqui por diante, senão nem o mundo todo poderá impedir que ela se torne peregrina.[1]

Ora, ela acordou coberta de suor e também tremia muito. Adormecendo novamente, imaginou ver Cristão, seu marido, num lugar de bem-aventurança entre muitos imortais, com uma harpa na mão. Lá estava ele de pé tocando a harpa perante alguém que, sentado num trono, tinha um arco-íris sobre a cabeça.

Imaginou-se também se prostrando com o rosto no chão, aos pés do Príncipe, dizendo: “Agradeço sinceramente ao meu Senhor e Rei por ter-me trazido até este lugar”. Então se ouviu um clamor daqueles que estavam ao redor tocando harpas (Ap 14.2), mas homem nenhum pôde compreender o que diziam, senão Cristão e seus companheiros.

Na manhã seguinte, ao levantar, orou a Deus e conversava um pouco com os filhos quando ouviu forte batida à porta. Cristiana, então, gritou lá de dentro:

– Se você vem em nome de Deus, entre.

– Amém – disse o homem, que então abriu a porta e a saudou: – A paz esteja nesta casa. Cristiana, sabe por que eu vim?

Ela corou e tremeu. Também seu coração começava a arder de desejo de saber de onde ele vinha e o que queria com ela. E ele disse:

– Meu nome é Segredo e moro com os sublimes, onde se diz que você deseja ir para lá. Também ouvi dizer que você está ciente do mal que causou ao seu marido, por ter endurecido seu coração

contra o caminho dele, conservando também na ignorância estes meninos. Sendo assim, Cristiana, o misericordioso me enviou para dizer-lhe que é um Deus pronto a perdoar, e que se deleita em multiplicar o perdão dos pecados. Ele também quer que você saiba que ele a convida a ir à presença dele, à sua mesa, onde vai lhe dar os manjares da sua casa e a herança de Jacó, seu pai.

– Lá vive Cristão – continuou Segredo –, que foi seu marido, com multidões de companheiros, sempre olhando aquela face que dá vida a quem a vê. E todos eles muito se alegrarão ao ouvir o som dos seus passos na soleira da casa do Pai.

Ouvindo isso, Cristiana se viu muito envergonhada e prostrou-se de rosto ao chão. O visitante retomou a palavra.

– Cristiana, aqui também lhe trouxe uma carta do Rei do seu marido.

Ela a tomou e abriu. O papel tinha o aroma dos melhores perfumes e nele estava escrito, em letras de ouro, mais ou menos o seguinte: o Rei queria que ela seguisse os passos do marido, Cristão, pois esse era o caminho que levava à sua cidade, para que lá pudessem habitar na sua presença com eterno júbilo. A boa mulher ficou espantada, e disse ao visitante:

– Será que o senhor não poderia nos levar, eu e meus filhos, para que também nós possamos adorar esse Rei? – ao que respondeu o visitante:

– Cristiana, o amargo precede o doce. Você deve padecer dificuldades, como aquele que antes de você entrou na Cidade Celestial. Portanto, aconselho-a a fazer como Cristão, seu marido. Vá até a distante porta estreita, do outro lado da planície, pois é lá o início do caminho que deve tomar, e lhe desejo de todo o coração boa sorte. Também a aconselho a guardar no peito esta carta, para lê-la para si mesma e para seus filhos até que vocês a saibam de cor. Trata-se de uma das canções que deverá entoar na casa da sua peregrinação (Sl 119.54). Você deverá também entregá-la no portão, ao fim da jornada.

Então, vi no meu sonho que o velho senhor, enquanto me contava a história, parecia bastante comovido. E prosseguiu em seu relato. Cristiana reuniu s filhos e começou a falar-lhes:

– Filhos meus, como vocês veem, tenho convivido ultimamente com grande dor na alma por conta da morte do seu pai, não que duvide absolutamente da felicidade dele, pois estou muito contente por ele estar bem. Também tenho me preocupado muito com a minha condição e a de vocês, que acho sinceramente lamentável. Minha conduta também para com o seu pai, quando ele passava por aquela angústia toda, pesa demais na minha consciência, pois endureci o meu coração e o coração de vocês contra ele, e recusei-me a acompanhá-lo na peregrinação.

– Essas ideias iriam acabar me consumindo – explicou-lhes a mãe –, não fosse um sonho que tive a noite passada, e também o incentivo que este estranho me deu agora de manhã. Vamos então, filhos meus, façamos as malas e partamos rumo à porta que conduz à Terra Celestial, para que possamos ver o seu pai e estar com ele e seus companheiros, em paz, segundo as leis daquela terra.

E seus filhos rebentaram em lágrimas de alegria, vendo que esse era o desejo do coração de sua mãe. O visitante, então, despediu-se, e a família pôs-se a arrumar as coisas para a jornada.

2
A partida



Enquanto se preparavam para partir, vieram duas mulheres, vizinhas de Cristiana, e bateram à porta.[1] E ela disse, como antes:

– Entre, se vem em nome de Deus.

As mulheres ficaram espantadas, pois não estavam acostumadas a esse tipo de linguagem, muito menos da boca de Cristiana. Ainda assim entraram e, ao encontrar a boa mulher preparando-se para deixar a casa, disseram-lhe:

– Vizinha, pode nos dizer o que significa isto?

Cʀɪsᴛ. – Estou me preparando para uma viagem. (Timorata, a mais velha delas, era filha daquele que Cristão encontrou no morro da Dificuldade e quis fazê-lo voltar por medo dos leões.)

Tɪᴍ. – Que viagem é essa? Diga-me.

Cʀɪsᴛ. – Vou atrás do meu marido. – E, dizendo isso, chorou.

Tɪᴍ. – Por favor, vizinha querida, nem pense em fazer isso. Pelos seus filhos, não se atire assim covardemente em uma aventura tão arriscada.

Cʀɪsᴛ. – Não, meus filhos vêm comigo. Nenhum deles quer ficar.

Tɪᴍ. – Pois me pergunto aqui comigo o que ou quem lhe deu essa ideia...

Cʀɪsᴛ. – Ah, vizinha, soubesse você o que sei, não duvido que fosse comigo.

Tɪᴍ. – Mulher! Que novas são essas que você sabe agora, que desviam os pensamentos das amigas e a tentam a partir sabe-se lá para onde?

Cʀɪsᴛ. – Desde a partida do meu marido tenho sofrido muito, mas especialmente depois que ele cruzou o rio. Mas o que mais me perturba é o modo como me portei com ele quando o vi naquela angústia. Além do mais, hoje me sinto como ele se sentia naquele momento. Nada me serve mais, senão partir em peregrinação.

– Eu o vi em sonho na noite passada – continuou. – Ah, quem dera minha alma estivesse com ele! Ele vive na presença do Rei daquela terra; senta e come com ele à mesa; tornou-se

companheiro de imortais, e tem hoje uma casa que lhe foi dada, casa diante da qual os melhores palácios da terra não passam de montes de estrume.

– O Príncipe do lugar também mandou me chamar – disse –, com a promessa de receber-me se eu for até ele. Seu mensageiro esteve aqui há pouco e me trouxe uma carta, convidando-me. – E tirou a carta e a leu, dizendo: – O que vocês me dizem?

TIM. – Ah, que loucura essa que tomou conta de você e de seu marido, obrigando-os a passar tamanhas dificuldades! Certamente você já ouviu falar do que o seu marido enfrentou desde o primeiro passo que deu no caminho, conforme nos pôde confirmar nosso vizinho Obstinado. Tanto ele quanto Volúvel o acompanharam, mas eles, como outros homens inteligentes, tiveram receio de prosseguir.

– Também ouvimos, além disso – insistiu Timorata –, que ele encontrou leões, Apoliom, a Sombra da Morte e muitas outras coisas. Tampouco o perigo que ele enfrentou na Feira das Vaidades deve ser esquecido, pois se ele, homem que era, sofreu tanto nessas provações, que poderá fazer você, uma pobre mulher? Pense também que estes queridos meninos são seus filhos, sangue do seu sangue, portanto, se você não tem amor à vida, fique em casa por amor a seus filhos.[2]

CRIST. – Não me tente, vizinha. Tenho agora algo de muito valor nas mãos, e seria uma louca, e das piores, se não agarrasse essa oportunidade. E por mais que você me fale de todas as dificuldades que devo encontrar no caminho, longe estão elas de serem para mim desânimo, pois mostram que estou no caminho certo. O amargo precede o doce; isso também fará o doce mais doce. Portanto, como não vieram à minha casa em nome de Deus, peço que vão embora e não mais me perturbem. – Então Timorata, sentindo-se insultada, disse à companheira:

– Vamos, cara Misericórdia, vamos deixá-la entregue à própria sorte, pois ela despreza o nosso conselho e a nossa companhia.

Misericórdia, porém, viu-se em dúvida e não quis concordar tão prontamente com a vizinha por duas razões. Primeiro, seu coração se afligia por Cristiana. Assim pensou consigo: “Se a minha vizinha precisa ir, vou acompanhá-la por algum tempo para ajudá-la”.

Segundo, seu coração se afligia pela sua própria alma, pois o que Cristiana dissera a impressionara. Por tudo isso pensou ainda consigo: “Pretendo conversar mais com Cristiana, e se encontrar verdade e vida no que ela me disser, também eu, de todo o meu coração, vou com ela”. Assim, Misericórdia respondeu o seguinte à vizinha Timorata:

– Vizinha, decidi acompanhá-la nesta visita a Cristiana esta manhã e já que ela, como você vê, fala em deixar para sempre esta terra, penso acompanhá-la em parte do caminho nesta manhã de sol, para quem sabe ajudá-la. – Mas nada lhe falou sobre a segunda razão, guardando-a consigo.

Tim. – Ora, vejo que também você pende para a insensatez, mas ponha a mão na consciência, que ainda há tempo; seja inteligente, amiga. Enquanto estamos longe do perigo, ótimo, mas quando entramos, não há como sair.

Timorata, então, voltou para sua casa e Cristiana tratou de cuidar da sua viagem. Mas chegando Timorata a casa, mandou chamar algumas das suas vizinhas: as senhoras Cegueira, Insensata, Leviandade e Ignorância. Assim, estando todas reunidas, pôs-se Timorata a contar o caso de Cristiana e sua jornada. E foram estas as suas palavras:

Tim. – Vizinhas, como tinha pouco a fazer esta manhã, fui visitar Cristiana e, chegando à porta da casa dela, bati, como é nosso costume. E ela respondeu: “Entre, se vem em nome de Deus”. Então entrei, pensando que estava tudo bem. Mas assim que entrei, vi que ela se preparava para ir embora da cidade com os filhos. Quando lhe perguntei o que significava aquilo, ela me disse, em resumo, que havia decidido partir em peregrinação, como o fez seu marido. Também me contou um sonho que teve, e que o Rei da terra onde seu marido estava lhe mandara uma carta, convidando-a para ir até lá.

Sra. Ign. – E então, você acha que ela vai?

Tim. – Ah, certamente, aconteça o que acontecer. E o sei por isto: o meu poderoso argumento para convencê-la a ficar (as dificuldades

que ela enfrentaria no caminho), para ela é um grande incentivo para empreender a jornada. Pois ouçam o que ela me disse: “O amargo precede o doce. Sim, e por essa razão torna o doce ainda mais doce”.

Sra. Ceg. – Ah, mulherzinha cega e louca. Será que não vai tomar juízo diante do exemplo do marido? De minha parte, digo que se ele se visse aqui de novo, certamente ficaria contente por estar são e salvo, e por nada deste mundo se disporia a enfrentar tantos perigos.

Sra. Insen. – Fora com essa gente louca da nossa cidade! É bom mesmo que nos livremos dela. Afinal, se ela ficasse e continuasse com essas ideias, quem suportaria viver perto dela? Pois ou viveria deprimida ou ficaria intratável, ou ainda falaria de coisas que nenhum ser humano normal pode tolerar. Portanto, eu mesma não vou lamentar nem um pouco a sua partida. Que vá! E que gente melhor venha em seu lugar. Esses malucos excêntricos só estragam o mundo.

Sra. Levian. – Ora, vamos mudar de assunto. Estive ontem com madame Libertina, e vocês nem imaginam a nossa alegria. Pois além de nós duas, estavam lá a sra. Luxúria e três ou quatro mais, com o sr. Lascívia, a sra. Imoralidade e algumas outras pessoas. E ouvimos música, dançamos e tudo o mais de prazeroso. Posso assegurar a vocês que a minha senhora é uma dama admiravelmente distinta, e o sr. Lascívia, um cavalheiro e tanto.

3
A porta estreita



A essa altura, Cristiana já se pusera a caminho, e Misericórdia seguia com ela. Assim, estando também os quatro meninos com elas, Cristiana começou a conversar:

Crist. – Misericórdia, considero um inesperado favor seu o fato de ter vindo me acompanhar um pouco pelo caminho.

Miser. – Se eu soubesse que vale a pena acompanhar a senhora até o fim, certamente não voltaria a passar perto desta cidade – disse a jovem (pois era ainda moça a tal Misericórdia).

Crist. – Misericórdia, arrisque-se comigo. Bem sei qual será o fim da nossa peregrinação. Meu marido está num lugar que não trocaria nem por todo o ouro das minas da Espanha. Você tampouco será rejeitada, mesmo que venha somente por meu convite. O Rei, que mandou chamar a mim e meus filhos, se compraz na misericórdia. Além disso, se quiser, posso contratá-la e você irá comigo como minha criada. Mesmo assim, tudo dividiremos, você e eu. Não deixe de vir comigo.

Miser. – Mas como posso ter certeza de que também serei recebida? Tivera eu tal esperança, não hesitaria, e acompanharia a senhora, por mais difícil que o caminho pudesse ser, contando com o auxílio daquele que pode ajudar.

Crist. – Bom, querida Misericórdia, digo-lhe então o que você deve fazer. Venha comigo até a porta estreita, e ali novamente perguntarei sobre a sua situação,[1] e se não receber nenhum encorajamento, não me oporei a que você volte. Também lhe pagarei pela sua bondade para comigo e meus filhos, e por estar nos acompanhando agora.

Miser. – Então irei até lá com a senhora, e veremos o que acontece, e que o Senhor me conceda boa sorte e lance os olhos sobre mim.

Cristiana então sentiu uma grande alegria em seu coração, não só porque tinha companhia, mas também porque conseguira convencer

a pobre moça a desejar ardentemente a sua própria salvação. Assim seguiram juntas, e Misericórdia começou a chorar.

CRIST. – Por que você está chorando assim, minha irmã?

MISER. – Ai de mim! Quem é que, refletindo, não lamentaria o triste estado dos meus parentes que ainda permanecem na nossa cidade pecadora? E o que me entristece ainda mais é o fato de não terem instrutor, ninguém que lhes diga o que há de vir.

CRIST. – O coração é que faz os peregrinos. Portanto, faça pelos seus amigos o que o meu bom Cristão fez por mim quando se foi. Ele muito lamentou o fato de eu não lhe dar ouvidos, nem demonstrar consideração por ele, mas o seu Senhor, que é nosso também, recolheu as suas lágrimas e a colocou no seu odre (SI 56.8).

– Agora, eu e você, e esses meus queridos filhinhos – disse –, estamos colhendo o fruto e o benefício delas. Espero, Misericórdia, que essas suas lágrimas não se percam, pois diz a verdade: “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes” (SI 126.5-6). – Então Misericórdia disse a Cristiana:

> O bendito me guie sem risco,
> Se for da sua vontade,
> Até a sua porta, o seu aprisco,
> Até a santa imortalidade.
>
> E não permita me desvie eu
> Da sua graça e caminho,
> Mas me faça nazireu,
> E me cubra do seu linho.
>
> E que os meus ele reúna,
> Os que ficaram lá atrás,
> Peço, Senhor, não os puna
> Livre-os de Satanás.”

Mas quando Cristiana chegou ao Pântano do Desânimo, começou a hesitar e pensou: “Neste lugar provavelmente meu marido ficou todo sujo de lama”.

Ela percebeu também que, apesar da ordem do Rei de deixar o lugar bom para os peregrinos, estava ainda pior do que antes.

A essa altura em meu sonho, perguntei a meu companheiro Sagacidade – que me contava a história – se isso era mesmo verdade, e ele respondeu-me:

– Sem dúvida que é. Pois muitos que lá fingem ser operários do Senhor, simulando consertar a estrada do Rei, levam sujeira e esterco em vez de pedras, e assim pioram em vez de consertar.[2] Ali, portanto, Cristiana e os meninos hesitaram, mas Misericórdia os incentivou, dizendo: – Vamos, vamos nos aventurar, só devemos ficar atentas.

Assim, prestando bem atenção às pegadas, seguiram cambaleantes, tentando atravessar o pântano. Cristiana, porém, esteve prestes a cair, e isso não só uma nem duas vezes.

Não haviam ainda chegado à outra margem quando ouviram estas palavras: “Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor” (Lc 1.45). Misericórdia, então, disse a Cristiana:

– Tivesse eu motivo tão bom de esperança de uma recepção positiva quanto a senhora, acho que nem o Pântano do Desânimo me desencorajaria.

– Ora – disse Cristiana – você conhece a sua ferida, e eu a minha. Querida amiga, esteja certa de que teremos muitas dificuldades antes do fim da jornada. Pois é de imaginar que quem pretende alcançar glórias como as que almejamos, que quem é tão invejado quanto nós na nossa felicidade, deva mesmo enfrentar medos e cicatrizes, tormentos e aflições dos que nos odeiam.

Neste ponto o sr. Sagacidade deixou-me e eu continuei sozinho em meu sonho. Então julguei ver Cristiana e Misericórdia, e os meninos, chegando próximos à porta. E, estando todos eles diante da porta, puseram-se a discutir como deveria ser o chamado, e o que deveriam dizer àquele que viesse abrir. Concluíram que Cristiana, sendo a mais velha, deveria bater à porta e também falar, em nome de todos eles, com quem viesse abrir.

Ela então bateu, como o seu marido o fez muitas e muitas vezes. Mas em vez de ouvir a resposta, pensaram ouvir um cão que latia para eles, e, pelo latido, parecia-lhes cão dos grandes. Isso meteu medo nas mulheres e nos meninos.[3] Por esse motivo, não ousaram, por certo tempo, voltar a bater à porta, temendo que o mastim

saltasse sobre eles. Bastante perturbadas, não sabiam o que fazer. Não ousavam bater, por medo do cachorro, nem voltar, temendo que o porteiro as visse recuar, e assim se sentisse ofendido.

Finalmente, tomaram coragem para voltar a bater, e o fizeram com mais força do que antes. Do outro lado, ouviram a voz do porteiro: – Quem é?

O cão, ao ouvir a voz do porteiro, parou de ladrar, e o homem abriu a porta. Cristiana inclinou-se, reverente, e disse:

– Que nosso Senhor não se ofenda porque suas criadas bateram à sua porta majestosa. – Ao que o porteiro perguntou:

– De onde vocês vêm, e o que querem? – Mais uma vez foi Cristiana quem respondeu:

– Vimos de onde Cristão veio, e com a mesma meta que ele, ou seja, com a humilde intenção de sermos graciosamente admitidos nesta porta, entrando no caminho que leva à Cidade Celestial. E digo ainda, meu Senhor, que sou Cristiana, viúva de Cristão, que já alcançou a glória. – Ouvindo isso, o porteiro admirou-se e disse:

– Ora, então ela agora se tornou peregrina, aquela que pouco tempo atrás abominava esta vida?

– Isso mesmo, e também meus queridos filhos – respondeu ela, abaixando a cabeça –. Assim, o Porteiro a tomou pela mão e a levou para dentro, dizendo: – “Deixai vir a mim os pequeninos” (Mc 10. 14).

Então fechou a porta, depois chamou um trombeteiro, que estava sobre o portão, e mandou que saudasse Cristiana com brados de alegria e som de trombeta. Ele obedeceu e, tocando, encheu o ar de notas melodiosas.

Ora, esse tempo todo a pobre Misericórdia ficou do lado de fora, tremendo e chorando por medo de ser rejeitada. Mas depois de conseguir admissão para si e os filhos, Cristiana passou a interceder pela amiga.

C_{RIST}. – Meu Senhor, veio comigo uma companheira que ficou lá fora. Ela me acompanhou até aqui com o mesmo objetivo que eu, porém

está muito deprimida, crendo que veio sem convite, enquanto eu vim por convite do Rei do meu marido.

Ora, Misericórdia começava a ficar impaciente, pois cada minuto lhe parecia uma hora, assim impediu que Cristiana concluísse sua intercessão por ela, batendo à porta de novo.[4] E então bateu tão forte que fez saltar Cristiana. Perguntou o Porteiro:

– Quem está lá fora?

– É a minha amiga – respondeu Cristiana.

Ele abriu a porta e olhou para fora, mas Misericórdia estava caída no chão, desmaiada, pois temia que a porta não lhe seria aberta.

Port. – Moça, levante-se – disse-lhe, tomando Misericórdia pela mão.
Miser. – Ah, Senhor, sinto-me sem forças. Pouca vida ainda resta em mim.
Port. – Disse certa vez o profeta: “Quando dentro em mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo” (Jn 2.7). Não tenha medo, levante e diga-me por que você veio até aqui.
Miser. – Vim em busca daquilo para o que não fui convidada, como o foi minha amiga Cristiana. Ela foi convidada pelo próprio Rei, mas eu recebi convite apenas dela. Por esse motivo temo estar sendo presunçosa.
Port. – Ela quis que você viesse com ela até aqui?
Miser. – Quis, e como meu Senhor vê, aqui estou. E se ainda há graça e perdão de pecados, suplico que eu, sua pobre criada, receba-os. – Então, ele a tomou novamente pela mão e a levou gentilmente para dentro.
Port. – Eu intercedo por todos os que creem em mim, sejam quais forem os meios pelos quais venham até mim. – Depois, disse aos que estavam em torno: – Vão buscar algo que restabeleça Misericórdia da sua fraqueza.

Trouxeram-lhe um pouco de mirra (Ct 1.13), e logo depois ela estava refeita.

Assim Cristiana, seus filhos e Misericórdia foram recebidos pelo Senhor no início do caminho, e dele ouviram doces palavras. Então

eles ainda lhe disseram:

– Estamos muito arrependidos dos nossos pecados, e suplicamos ao nosso Senhor o perdão, e mais orientações sobre o que devemos fazer.

– Pois lhes concedo o perdão – disse ele – por palavras e atos; por palavras, na promessa do perdão; por atos, do modo como eu o obtive. Tomem agora de meus lábios um beijo, e o restante lhes será revelado.

4
Primeiras dificuldades



Vi então no meu sonho que o seu Senhor lhes falou muitas boas palavras, alegrando bastante o seu coração. Levou-os até o terraço que havia sobre o portão para mostrar-lhes o ato pelo qual foram salvos. Disse-lhes também que ao longo do caminho teriam esta mesma vista,[1] para seu consolo.

Depois ele os levou até um salão ensolarado, onde as duas mulheres começaram a conversar.

Crist. – Ah, Senhor! Como estou feliz por termos chegado aqui!

Miser. – A senhora deve mesmo estar feliz, mas eu sou a que mais motivos tenho para dar pulos de alegria.

Crist. – Cheguei a pensar, ali diante da porta, depois de bater sem que ninguém atendesse, que todo o nosso esforço havia sido em vão, principalmente quando aquele horrível cão começou a latir tão alto contra nós.

Miser. – Meus piores temores vieram quando vi que a senhora tinha sido aceita, e eu, ficado para trás. Pensei então que se havia cumprido o que está escrito: “Duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra” (Mt 24.41). Esforcei-me muito para não gritar: “Ai de mim, ai de mim!”.

– Ao mesmo tempo – continuou ela –, tinha medo de bater de novo à porta. Quando, porém, ergui os olhos e li o que estava escrito no alto da porta, tomei coragem. Também pensei que deveria bater de novo ou morrer ali mesmo. Então bati, embora nem eu mesma saiba dizer como, pois o meu espírito se debatia então entre a vida e a morte.

Crist. – Não sabe dizer como foi que bateu? Pois posso lhe assegurar que as batidas foram tão fortes que o barulho até me fez dar um salto. Pensei jamais ter ouvido batidas tão fortes em toda a minha vida. Cheguei até a imaginar que você fosse forçar a porta, ou tomar o reino de assalto.[2]

Miser. – Quem me dera! Como é que eu poderia fazer uma coisa dessas? A senhora viu que a porta estava fechada para mim, e que

por perto se ouvia um cão dos mais cruéis. Quem é que, numa situação semelhante à minha, não bateria com toda a força? Mas e o que disse o meu Senhor sobre a minha rudeza? Não ficou irritado comigo?

Crist. – Quando ele ouviu o barulho das batidas, abriu um sorriso puro e maravilhoso. Creio que o que você fez lhe agradou bastante, pois ele não deu mostras do contrário. Mas me pergunto por que ele mantém por perto esse cachorro. Se eu soubesse disso, acho que não teria tido coragem suficiente para me aventurar como fiz. Agora, porém, que já estamos aqui dentro, está tudo bem e meu coração exulta de alegria.

Miser. – Pois quando ele descer de novo, vou perguntar, se a senhora não se opõe, por que ele mantém no quintal um cão tão feroz. Espero que ele não me entenda mal.

– Isso mesmo – disseram as crianças. – E, por favor, veja se consegue convencê-lo a amarrar o cachorro, pois temos medo de que ele vá nos morder quando partirmos.

Afinal ele desceu e foi ter com os peregrinos novamente. Misericórdia prostrou-se diante dele e, rosto ao chão, adorou-o. Depois disse:

– Meu Senhor, aceite o sacrifício de louvor que agora lhe ofereço com os meus lábios.[3]

– A paz seja contigo. Levante-se – disse ele. Mas ela, ainda de rosto no chão, disse:

– “Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito; contudo falarei contigo dos teus juízos.” Por que o Senhor mantém um cão tão cruel no seu quintal, diante do qual mulheres e crianças como nós quase fogem correndo da porta, de tanto medo? (Jr 12.1-2). – Ele então lhe respondeu:

– Este cão não é meu. Ele fica aqui perto, nas terras de outro homem, e só os meus peregrinos ouvem os seus latidos. Pertence ao castelo que vocês veem ao longe, mas pode chegar até aqui, até os muros deste lugar. Já assustou muitos peregrinos sinceros, fazendo-lhes até bem, pela força do seu ladrar. Na verdade, seu dono não o tem como demonstração de boa vontade para comigo

ou os meus, mas sim com o intento de evitar que os peregrinos se aproximem de mim, atemorizando-os de modo que não batam à porta de entrada.

– Às vezes – disse ele ainda –, esse cão escapa e apavora aqueles que amo, mas tenho aceitado tudo isso com paciência. Ofereço imediatamente aos meus peregrinos auxílio oportuno, para que o cão não lhes faça o que a sua natureza má gostaria. Ora, se você soubesse disso de antemão, não teria tido medo do cão, não é verdade?

– Os mendigos que vão de porta em porta também estão sujeitos aos uivos e latidos – continuou – ou correm o risco de levar mordidas de um cão, mas nem por isso preferem perder suas esmolas. Será que um cão, cão do quintal de outro homem, cão cujo ladrar ponho a serviço dos peregrinos, impede alguém de vir até mim? Pois eu os livro dos leões e salvo os seus amados do poder do cão (Sl 22.20-21).

– Confesso a minha ignorância – respondeu-lhe Misericórdia –, pois falei do que não entendia. Reconheço que o Senhor conduz bem todas as coisas.

Então Cristiana começou a falar da sua jornada e a perguntar sobre o caminho. E ele lhes deu de comer, lavou-lhes os pés e lhes indicou o rumo a seguir, conforme também fizera antes a Cristão.

Depois, vi no meu sonho que seguiram pelo caminho, com um tempo bastante agradável. Cristiana começou a cantar, dizendo:

Bendito adia, o belo dia
Em que me fiz peregrina;
E bendita a alma sadia
Que me pregou a doutrina.

Já há muito comecei
A buscar a eternidade.
Corro tanto que nem sei;
Pior nunca do que tarde.

Já não o choro, mas o riso
Antes o medo, agora a fé.
Pois o início preciso
Nos poupa de andar à ré.

Cristiana, seus filhos e a moça iam subindo pelo caminho. Do outro lado do muro que o contornava, havia um jardim,[4] que pertencia ao dono do cão ladrador. Algumas árvores frutíferas que cresciam no jardim lançavam os ramos sobre o muro e, como estavam maduros, aos vê-los, os viajantes os colhiam, e muitas vezes comiam-nos, causando-lhes grande mal.

Os filhos de Cristiana, como tendem a fazer os meninos, admirados com as árvores e com os frutos que delas pendiam, colheram-nos e começaram a comer. Sua mãe os repreendeu dizendo-lhes que era errado pegar frutas que não lhes pertenciam. Mas eles continuaram.

Na verdade, Cristiana não sabia que elas pertenciam ao inimigo, e garanto a você, leitor, que se ela soubesse, quase morreria de medo. Mas isso passou, e eles seguiram caminho.

Um pouco mais adiante, avistaram dois homens de aspecto repugnante, que desciam rapidamente ao encontro deles. Cristiana e Misericórdia, sua amiga, cobriram-se com véus com o intuito de prosseguir na jornada, e os filhos seguiram à frente.

Os homens que desciam para encontrá-los se dirigiram diretamente às mulheres, como para abraçá-las. Cristiana então lhes disse que ficassem longe delas e que seguissem o seu caminho em paz.

No entanto, os dois, como surdos, não deram ouvidos às palavras de Cristiana, e estenderam as mãos sobre as mulheres. Cristiana, mostrando-se muito irritada, pôs-se a chutar os desconhecidos. Misericórdia também fazia o que podia para afastá-los. Disse-lhes então Cristiana:

– Afastem-se, que não temos dinheiro. Como podem ver, somos peregrinas, vivemos da caridade dos nossos amigos. – Um dos dois homens respondeu-lhe:

– Não procuramos seu dinheiro, mas queremos que vocês nos concedam um pequeno pedido. Queremos torná-las mulheres eternamente felizes.

Cristina, sem conseguir entender o que queriam dizer com aquilo, falou novamente:

– Não vamos nem ouvir, nem pensar, nem conceder o que vocês pedirem. Estamos com pressa, não podemos nos deter. Nosso caso é caso de vida ou morte.

Então, as duas mulheres e os meninos tentaram passar novamente pelos homens, mas os dois lhes barraram a passagem, dizendo:

– Não pretendemos lhes fazer mal. É outra coisa que queremos.
– O que vocês querem é nos tomar o corpo e a alma, pois bem sei por que vieram. No entanto, preferimos morrer aqui mesmo a nos deixar enredar em laços que ponham em risco nosso bem-estar daqui por diante. – E as duas começaram a gritar e a pedir socorro: – Assassinos, assassinos!

Pensavam, assim, abrigar-se debaixo das leis que protegem as mulheres. Os homens, contudo, ainda procuraram se aproximar para dominá-las. E elas, então, gritaram mais alto.
Como eles não estavam muito longe da porta pela qual entraram, os gritos foram ouvidos. Alguns saíram da casa e, reconhecendo a voz de Cristiana, correram em seu auxílio. Assim que avistaram as mulheres, viram que estavam metidas em apuros com os dois homens; e os meninos, em volta, choravam. Então o homem que saiu em socorro delas gritou para os dois valentões:

– O que vocês pensam que estão fazendo aí? Querem fazer pecar o povo do meu Senhor?
Chegando, tentou agarrar os dois, mas eles conseguiram fugir pulando o muro e entrando pelo jardim do homem a quem pertencia o enorme cão, que se pôs a protegê-los. Auxiliador se aproximou das mulheres e perguntou como estavam.

– Somos muito gratas ao seu Príncipe. Tomamos um grande susto. Também lhe agradecemos por ter vindo em nosso auxílio, pois senão não teríamos resistido. – Depois de algumas palavras, Auxiliador lhes disse:

– Fiquei muito surpreso que, estando vocês lá embaixo na porta, e sendo duas mulheres frágeis, não tenham pedido ao Senhor alguém que as acompanhasse. Teriam certamente evitado esses problemas e perigos, pois ele lhes concederia um guia.

Crist. – Ai de nós! Ficamos tão felizes pela bênção de ter entrado que esquecemos os perigos que enfrentaríamos adiante. Além do mais, quem é que poderia imaginar que tão perto do palácio do Rei espreitavam homens tão perversos? De fato, teria sido melhor se tivéssemos pedido ao nosso Senhor alguém que nos acompanhasse. Mas se ele sabia que nos seria útil, admira-me já não ter enviado um guia conosco.

Aux. – Nem sempre é necessário conceder coisas que não são pedidas, para que não acabem desprezadas; mas, ao sentir-se a falta de algo, aquele que a sente passa a dar-lhe o valor devido, e consequentemente começa a usá-lo daí em diante. Se o meu Senhor lhes tivesse concedido um guia, certamente vocês não teriam lamentado esse descuido de não tê-lo pedido, como agora têm oportunidade de fazer. Assim todas as coisas trabalham para o bem, e tendem a deixá-las mais atentas.

Crist. – Devemos então voltar ao nosso Senhor, confessar a nossa insensatez e pedir-lhe um guia?

Aux. – Eu mesmo levarei até ele a confissão da sua insensatez. Não precisam voltar, pois em todos os lugares por que passarem não terão falta de nada, e em cada hospedagem que o meu Senhor preparou para acomodar os peregrinos há o suficiente para protegê-los de qualquer ataque. Contudo, como já lhes disse, o Senhor quer que lhe peçam, pois o que não merece ser pedido deve ter pouco valor (Ez 36.37).

Dizendo isso, Auxiliador voltou, e os peregrinos seguiram caminho.

Miser. – Afinal, o que aconteceu? Achei que já estávamos livres de todo perigo, e que jamais tornaríamos a provar a angústia.

Crist. – A sua inocência é perdoável, irmã. A minha falta, no entanto, é muito maior, pois vi tal perigo antes de sair, e nem assim me preparei para ele, quando isso certamente era necessário. Sendo assim, a culpa é toda minha.

MISER. – Como é que a senhora já sabia disso antes de sair de casa? Explique-me esse enigma.
CRIST. – Pois vou lhe contar. Antes de sair de casa, à noite, estando eu na cama, sonhei com isso. Vi dois homens, muito parecidos com esses, ao pé da cama, tramando entre si um meio de impedir a minha salvação. Lembro-me bem das suas palavras. Eu estava me debatendo em meio a tormentos, quando disseram: “Que faremos com esta mulher? Pois ela clama por misericórdia acordada e dormindo. Se continuar assim, também vamos perdê-la, como perdemos seu marido”. Isso, como você vê, deveria ter-me alertado e me feito tomar as devidas providências para evitar o perigo.
MISER. – Ora, por causa desse descuido, tivemos a oportunidade de aprender uma lição, de atentar nas nossas próprias imperfeições. Assim nosso Senhor aproveitou a ocasião para manifestar a riqueza da sua graça, pois ele, como pudemos testemunhar, demonstrou toda a sua bondade para conosco, e sem que a pedíssemos. O Senhor, portanto, libertou-nos de mãos mais fortes que as nossas por pura graça.

5
As peregrinas chegam à casa de Intérprete



Conversando desse modo, elas se aproximaram de uma casa que ficava no caminho, erguida para refrigério dos peregrinos, cuja descrição o leitor encontrará com mais detalhes no relato da peregrinação de Cristão, pois ele já estivera lá. Tratava-se, portanto, da casa de Intérprete.

Chegando a casa, aproximaram-se da porta e ouviram muitas vozes vindas lá de dentro. Aguçando os ouvidos, pensaram escutar o nome de Cristiana, pois deve saber o leitor que, antes de ela chegar, já eram fortes os rumores da sua peregrinação com os filhos. Isso, para os habitantes da casa, era motivo de grande alegria, pois já sabiam que ela era esposa de Cristão, que algum tempo atrás se mostrara tão relutante em sequer ouvir falar de peregrinação.

Sendo assim, as duas mulheres e os meninos ali ficaram ouvindo, enquanto as boas almas lá de dentro, sem saber que os seis estavam à porta, elogiavam Cristiana. Afinal, ela bateu, como já havia feito no início do caminho. Veio então uma moça abrir a porta e, olhando para fora, admirou-se ao ver ali as duas mulheres.

Moça – Com quem gostariam de falar?
Crist. – Disseram-nos que este é um lugar privilegiado para aqueles que se tornaram peregrinos. Como nós começamos nossa peregrinação, pedimos que, se possível, nos seja concedida hospedagem, pois já vem chegando o fim do dia, e não pretendemos caminhar à noite.
Moça – Qual é o seu nome, por favor, para que eu possa informá-lo ao meu senhor lá dentro?
Crist. – Meu nome é Cristiana. Fui esposa do peregrino que há alguns anos passou por aqui, e estes são os filhos dele. Esta jovem é também minha companheira, e igualmente peregrina. – Então Inocência (pois esse era o nome da moça) correu lá para dentro e disse a todos:

– Adivinhem quem está lá na porta? Cristiana e seus filhos, além de outra companheira, e pedem hospedagem. – Todos então deram vivas de alegria e foram chamar o senhor da casa.

Int. – Você é Cristiana, a mulher que Cristão, aquele bom homem, deixou quando se tornou peregrino?

Crist. – Sou aquela mulher que endureceu o coração a ponto de desprezar os tormentos do meu marido, e que deixou que ele saísse sozinho em peregrinação. Estes são os quatro filhos dele. Mas agora vim também, pois me convenci de que nenhum outro caminho é reto, senão este.

Int. – Então se cumpriu o que está escrito do homem que disse ao seu filho: “Vai hoje trabalhar na vinha”. E ele respondeu: “Não quero”, mas, depois, arrependido, acabou indo (Mt 21.28,30).

Crist. – Assim seja, amém! Deus faça verdadeiras para mim essas palavras, e conceda que eu possa, no fim, estar com ele em paz, sem mancha nem mácula.

Int. – Mas por que você está aqui à porta? Entre, filha de Abraão. Falávamos de você agora mesmo, pois já vínhamos ouvindo rumores de que você se havia tornado peregrina. Venham, filhos, entrem; venha, moça, entre também. – E assim fez todos entrar.

Lá dentro, foram convidados a se sentar e descansar. Depois, os que atendiam os peregrinos entraram na sala para vê-los. Um deles sorriu, o outro também, todos enfim sorriram de alegria por ter Cristiana se tornado peregrina.[1] Admiraram os meninos e acariciaram-lhes o rosto, em sinal de calorosa recepção. Também acolheram muito bem Misericórdia, e deram a todos boas-vindas à casa de seu senhor.

Em seguida, como a ceia ainda não estava pronta, Intérprete lhes mostrou os sugestivos lugares da casa, os mesmos que Cristão, marido de Cristiana, vira quando por ali passara. Puderam ver, então, o homem atrás das grades, o homem e seu sonho, o homem que abriu caminho em meio aos inimigos, e o quadro do maior de todos eles, além das outras coisas que tanto ajudaram Cristão.

Depois, quando Cristiana e os seus já haviam refletido pelo menos em parte dessas coisas, Intérprete os chamou novamente. Primeiro os levou até um quarto onde havia um homem que tinha na

mão um ancinho e que não desgrudava os olhos do chão. Havia também ali outro homem, acima do primeiro, com uma coroa celestial nas mãos. Este propunha ao primeiro trocar a coroa pelo ancinho, mas ele não lhe dava ouvidos, nem mesmo tirava os olhos do chão. Com sua ferramenta, ele continuava a juntar as palhas, os gravetos e a poeira do quarto.

CRIST. – Acho que compreendo pelo menos parte do significado disto. Suponho, meu senhor, que este é o símbolo do homem deste mundo.
INT. – É isso mesmo. Quanto ao ancinho, simboliza os seus pensamentos mundanos. Como você vê, ele prefere prestar atenção às palhas, aos gravetos e à poeira do chão do que às palavras que lhe diz o homem lá de cima, que traz na mão a coroa celestial.
– Essa cena – disse Intérprete – mostra que o céu não passa de fábula para alguns, e que as coisas daqui são tidas como as únicas essenciais. Você também observou que o homem só olhava para baixo, não? Pois isso é para mostrar a você que as coisas terrenas, quando arrebatam os pensamentos dos homens, afastam seu coração de Deus.
CRIST. – Ah! Liberte-me deste ancinho!
INT. – Essa oração foi esquecida, e hoje se acha quase enferrujada. "Não me dês (...) a riqueza"[2] é, quando muito, oração de um dentre dez mil. Hoje, mais do que nunca, procuram-se palha, gravetos e poeira.
– Ai de nós! Porque isso é realmente verdade! – disseram Misericórdia e Cristiana, chorando.

Depois de lhes mostrar essas coisas, Intérprete os levou até o melhor compartimento da casa (quarto realmente magnífico!) e pediu-lhes que olhassem em volta para ver se encontravam algo útil. Eles olharam e procuraram, mas nada havia ali para ser visto além de uma grande aranha na parede, a qual desprezaram.

MISER. – Não estou vendo nada, senhor. – Cristiana, porém, manteve-se calada.
INT. – Pois olhem de novo.

CRIST. – Não há nada aqui além de uma horrível aranha, agarrada à parede pelas mãos.
INT. – Não haverá nada mais neste quarto espaçoso além de uma única aranha? – Então os olhos de Cristiana marejaram, pois era mulher de raciocínio rápido.
CRIST.– Ah, senhor, certamente há aqui mais que uma. Sim, e aranhas cujo veneno é bem mais nocivo do que o desta.
INT. – Você tem razão – disse-lhe cheio de alegria.

As palavras fizeram Misericórdia corar, enquanto os meninos cobriram o rosto com as mãos, pois todos começaram a compreender o enigma.
INT. – A aranha agarra com as mãos, como vocês podem ver, e está nos pa1ácios do Rei (Pv 30.28). Por que estaria isso registrado senão para lhes mostrar que, por mais que estejam cheios do veneno do pecado, vocês habitam no melhor quarto da casa do Rei lá do alto?
CRIST. – Pensei em algo parecido, mas não consegui perceber toda a extensão desse ensinamento. Imaginei que éramos como aranhas e que parecíamos criaturas horríveis, por mais que nos achássemos em belos recintos, mas não me havia ocorrido que, com esta aranha, esta criatura venenosa e repugnante, deveríamos aprender a agir com fé. E, no entanto, ela agarra com as mãos, como vemos, e habita no melhor quarto da casa. Deus nada fez em vão.

Então todos pareciam felizes, mas as lágrimas lhes enchiam os olhos, e, entreolhando-se, inclinaram-se respeitosamente diante de Intérprete.

Ele os levou em seguida para outro quarto, onde havia uma galinha e sua ninhada; ali pediu que observassem um pouco. Um dos pintinhos foi beber água numa vasilha e, a cada gole que dava, erguia a cabeça e os olhos para o céu.

– Vejam – disse Intérprete – o que faz este pintinho e aprendam com ele a reconhecer de onde vêm as suas bênçãos: ao recebê-las, ergam os olhos para o alto. Mas continuem observando.

Então, atentos, eles perceberam que a galinha chamava seus pintinhos de quatro maneiras diferentes: durante todo o dia, usava um cacarejo comum; de vez em quando, ouvia-se um cacarejo especial; um cacarejo carinhoso; e um cacarejo agudo, como um grito de alarme.

INT. – Comparem esta galinha ao Rei, e os pintinhos aos seus súditos fiéis. Assim como ela, o Senhor tem os seus métodos de abordar o seu povo. A sua voz natural ouve-se continuamente; chama com voz especial quando tem algo a dar; chama com voz carinhosa aos que estão debaixo das suas asas; e, por fim, sua voz se apresenta como um clamor, que serve de alarme diante da aproximação de um inimigo. Decidi, queridas, trazê-las aqui por que vocês são mulheres, e, portanto, essas coisas são mais fáceis para vocês.

Cristiana, então, pediu-lhe que as deixassem ver outras coisas. Ele as levou ao matadouro, onde um açougueiro abatia uma ovelha. E eis que a ovelha, calada, aceitava a morte pacientemente. Disse Intérprete:

– Vocês devem aprender a sofrer como esta ovelha, e a tolerar as ofensas sem murmurar nem reclamar. Vejam como ela aceita calada a morte, e sem sinal de contrariedade deixa que sua pele lhe seja puxada por sobre as orelhas. Pois saibam que vocês são as ovelhas do Rei. – Saindo de lá, levou-as ao jardim, onde se via grande variedade de flores: – Veem todas estas flores?

– Sim – respondeu Cristiana.

– Pois vejam que as flores são diferentes na altura, na variedade, na cor, no aroma, na virtude, e algumas são melhores que outras. Elas também ficam no lugar onde o jardineiro as plantou, sem disputar umas com as outras.

Depois as levou ao campo, que fora semeado com trigo e aveia. Observando-o, repararam que as espigas haviam sido cortadas, restando somente as hastes. Disse ele:

– Esta terra foi adubada, arada e semeada. Mas que faremos com a lavoura?

– Queimar parte dela e fazer adubo com o resto – arriscou Cristiana.

– O fruto, como veem, é o que se quer, e pela falta dele vocês condenam a plantação ao fogo e ao peso dos pés dos homens. Cuidado para que, dizendo isso, não condenem também a si mesmos – advertiu-lhes Intérprete.

Mais tarde, já voltando para casa, vislumbraram um pássaro com uma grande aranha no bico. Intérprete pediu-lhes que olhassem para aquela cena.

Olharam e, enquanto Misericórdia se admirava, Cristiana exclamou:

– Que disparate! Um passarinho pequeno e bonito como esse, e mais sociável que muitas outras aves! Pensei que só comesse migalhas de pão, ou outras coisas inofensivas. Já não gosto tanto dele.

– Esse pássaro é um símbolo bem apropriado para representar certos mestres – disse Intérprete –, pois na aparência são como ele, belo no canto, na plumagem e na conduta. Demonstram um amor muito grande pelos mestres sinceros e, mais que todos os outros, parecem desejar sua amizade e companhia, como se pudessem viver só com as migalhas dos bons. Fingem frequentar a casa dos piedosos e cumprir os compromissos do Senhor, mas quando se veem sozinhos, como este pássaro, podem apanhar e engolir aranhas, mudar seu regime alimentar, beber a iniquidade e sorver o pecado como água.

Voltando para dentro de casa e vendo que a ceia ainda não estava pronta, Cristiana pediu a Intérprete que lhes mostrasse ou contasse outras coisas proveitosas. Ele concordou e disse-lhes uma série de ditos proveitosos:

– Quanto mais gorda a porca, mais deseja a lama; quanto mais gordo o boi, mais alegre vai para o matadouro; e quanto mais

saudável o homem lascivo, mais inclinado é ao mal.

– As mulheres têm o desejo de andar arrumadas e belas, mas a mais bonita é a que se adorna com o que é valioso aos olhos de Deus.

– É mais fácil vigiar uma ou duas noites do que ficar alerta um ano inteiro. É mais fácil professar a fé da boca para fora do que ser fiel à doutrina até o fim.

– Qualquer capitão, ao ver seu navio em perigo em meio à tempestade, não hesita em lançar pela amurada as coisas de menor valor. Quem é que lançaria primeiro as coisas mais valiosas? Ninguém, senão o que não teme a Deus.

– Um só vazamento faz afundar o navio, e um só pecado destrói o pecador.

– Quem esquece um amigo é ingrato para com ele; mas quem esquece o Salvador não tem misericórdia de si mesmo.

– Aquele que vive no pecado e busca a felicidade aqui é como quem semeia o joio e sonha encher o celeiro de trigo ou cevada.

– Se um homem quer viver bem, que nunca descuide do último dia, e faça deste seu companheiro.

– Murmurações e mudanças de ideias provam que o pecado anda no mundo.

– Se o mundo, que Deus despreza, é tido como coisa tão valiosa pelos homens, que dirão eles do céu, que Deus elogia?

– Se relutamos tanto em deixar esta vida, que nos traz tantos tormentos, que dizer da vida lá do alto?

– Todos alardeiam a bondade dos homens; mas quem se comove com a bondade de Deus?

– Raramente nos sentamos para comer, em vez disso comemos e já saímos. Portanto, há em Jesus Cristo mérito e justiça de sobra para atender a necessidade do mundo inteiro.

Concluindo, Intérprete os levou novamente para o jardim, mostrando-lhes uma árvore cujo miolo estava todo apodrecido e morto, mas ainda assim crescia e dava folhas.

– O que isso significa? – quis saber Misericórdia.

– A esta árvore – disse ele –, de belo exterior e miolo apodrecido, podemos comparar muitos dos que estão no jardim de Deus, pois com a boca falam maravilhas de Deus, mas na verdade nada fazem por ele. Suas folhas são belas, mas seu coração só serve como pavio do explosivo de Satanás.

Estando pronta a ceia e posta a mesa, todos se sentaram e comeram, depois de dar graças. E, como era praxe naquela casa, os hóspedes eram entretidos com boa música. Com voz suave, um dos cantores entoava este cântico:

> O Senhor é o meu único esteio,
> É ele quem me dá de comer.
> Como não estar o celeiro cheio?
> Do que poderia eu carecer?

Ao término da canção e da música, Intérprete perguntou a Cristiana o que a fez entrar na vida de peregrina.

Cʀɪsᴛ. – Primeiro, senti-me aflita com a perda de meu marido que me deixou sinceramente pesarosa, mas não passava de um sentimento natural. Depois disso, vieram-me à cabeça as dificuldades que ele enfrentou durante a peregrinação, e senti que minha atitude para com ele também colaborara para isso.

– Então a culpa tomou conta de mim – contou-lhe pesarosa –, e me teria levado ao desespero se, oportunamente, não sonhasse com o bem-estar do meu marido. Recebi, também, do Rei da terra onde hoje vive o meu marido uma carta e um convite para ir até ele. O sonho e a carta tanto me impressionaram que me obrigaram a tomar este caminho.

Iɴᴛ. – Então não encontrou nenhuma oposição antes de partir?

Cʀɪsᴛ. – Encontrei, sim: uma vizinha minha, certa sra. Timorata, que é parente daquele que tentou convencer o meu marido a voltar por medo dos leões. Ela me disse que eu era totalmente louca por me arriscar nessa aventura desesperada e fez o que pôde para me desencorajar, mencionando as dificuldades e os tormentos que meu marido enfrentou no caminho. Mas tudo isso superei muito bem.

– Tive, no entanto, um sonho – mencionou ela –, com dois homens mal-encarados que tramavam uma forma de me fazer

fracassar na jornada. Esse sonho me perturbou muito e até hoje me volta ao pensamento, fazendo-me desconfiar de todo aquele que encontro, com medo de que venham me prejudicar, desviar-me do caminho.

– Aqui confesso algo que só confessaria ao meu Senhor – concluiu. – Logo depois da porta do início do caminho fomos covardemente atacadas, tanto que tivemos de gritar por socorro, e os dois que nos atacaram lembravam muito aqueles que vi no meu sonho.

INT. – Você começou bem e seu fim deverá ser melhor ainda. – Depois, dirigindo-se a Misericórdia, perguntou: – E o que a fez vir até aqui, querida amiga? – Ela corou e tremeu diante da pergunta, e ficou calada. – Não tenha medo. Basta crer e ser sincera.

MISER. – Na verdade, senhor, a falta de experiência é que me faz desejar o silêncio, e é também isso que me enche de medo do fracasso. Nada posso lhe dizer sobre visões e sonhos, como minha amiga Cristiana, tampouco sei o que é lamentar a recusa do conselho dos familiares.

INT. – O que foi então que a motivou a tomar este caminho, querida amiga?

MISER. – Bem, quando Cristiana arrumava suas coisas para partir da cidade, eu e outra amiga fomos casualmente visitá-la. Batemos à porta e entramos. Lá dentro, vendo o que ela fazia, perguntamos o que significava aquilo. Ela disse que tinha recebido um convite para ir até onde estava seu marido, e nos contou que o tinha visto num sonho, morando num lugar lindo, entre imortais que usavam coroa, tocavam harpa, comiam e bebiam à mesa do Príncipe, e lhe cantavam louvores por tê-los levado até lá.

– Mas enquanto ela contava essas coisas para nós – disse Misericórdia –, meu coração ardia dentro de mim. Então, pensei comigo: “Se isso é verdade, deixo o meu pai e a minha mãe, e a minha terra natal, e, se puder, vou com Cristiana”. Assim, pedi-lhe que me falasse mais da verdade dessas coisas, e perguntei se eu poderia ir com ela, pois estava convencida de que era extremamente perigoso permanecer em nossa cidade.

– Mesmo assim, pus-me a caminho com tristeza no coração – confessou –, não porque relutasse em partir, mas porque deixava

para trás muitos dos meus parentes. Venho, portanto, com todo o desejo do meu coração, e, se puder, irei com Cristiana até onde está seu marido e o Rei.

INT. – Seu ponto de partida é bom, pois você deu crédito à verdade. Você é como Rute, que deixou pai e mãe, sua terra natal, e partiu com um povo que até então não conhecia; e tudo pelo amor que tinha a Noemi e ao Senhor seu Deus. “O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio” (Rt 2.12).

Ao fim da ceia, os hóspedes foram conduzidos aos seus quartos. As mulheres ficaram cada qual num quarto, e os meninos dormiram juntos. Misericórdia, já na cama, nem conseguia dormir de tanta alegria, pois as suas dúvidas finalmente se haviam dissipado, numa sensação que jamais sentira antes. Afinal, adormeceu bendizendo e louvando a Deus, que lhe derramara tantas e tantas graças.

De manhã, levantaram com o sol e trataram de se preparar para a partida. Intérprete, porém, pediu-lhes que aguardassem um pouco:

– Vocês precisam partir daqui limpas de corpo e alma. – Depois chamou Inocência, a moça que no dia anterior abrira a porta às mulheres: – Leve-os ao jardim para o banho[3] e lave-os, tirando-lhes o pó da estrada.

Inocência, então, levou-os ao jardim e disse-lhes que antes de partir deviam banhar-se. Assim, o senhor da casa tratava todas as peregrinas que se hospedavam ali. E elas entraram no banho, assim como os meninos, e todos saíram não só limpos e perfumados, mas também revigorados e fortalecidos até a medula. E quando voltaram à casa, pareciam todos bem mais belos do que antes de entrar no banho.

Já dentro de casa, Intérprete olhou para as mulheres e as admirou, elogiando: – Formosas como a lua (Ct 6.10).

Em seguida, mandou buscar o selo que usava para selar os que ali se banhavam, e gravou nos hóspedes o seu sinal, para que fossem reconhecidos nos lugares por onde passariam.

O selo era a memória da Páscoa que os filhos de Israel comeram quando saíram da terra do Egito. O sinal foi gravado entre os seus olhos,[4] o que aumentou bastante a sua beleza, pois era como um

adorno no rosto. Também aumentou a gravidade da sua expressão, e deu ao semblante deles a aparência de anjos.

Mais uma vez, Intérprete se dirigiu à moça que servia as mulheres e pediu-lhe que fosse ao vestiário e trouxesse roupas para as hóspedes.

Inocência trouxe, então, vestes brancas e entregou-as a Intérprete, que mandou que as mulheres as vestissem. Era linho fino, branco e limpo (Ap 19.8).

Estando as mulheres adornadas desse modo, parecia que tinham medo uma da outra, pois não podiam ver em si mesmas a glória que resplandecia na outra. Assim, uma passou a estimar a outra mais que a si mesma.

– Você está mais bonita do que eu – disse uma delas.

– Você está mais linda do que eu – retrucou a outra.

Os meninos também ficaram assombrados ao ver as mulheres em vestes tão lindas. Intérprete, então, chamou um criado, de nome Grande-Coração, e mandou que se armasse de espada, capacete e escudo. Então, ordenou-lhe que levasse as mulheres à casa Bela, seu próximo lugar de descanso.

Ele então tomou as suas armas e partiu à frente delas. Intérprete desejou-lhes ainda boa sorte. Os da família também foram se despedir, com votos de felicidade. Por fim partiram, cantando:

> Foi esta a nossa segunda estação.
> Aqui pudemos ver e ouvir
> As boas coisas que, geração em geração,
> Outros nem puderam deduzir.
> O louco homem do ancinho, a aranha,
> A galinha e seus pintinhos também,
> Todos me ensinaram lição tamanha
> Que eu aprenda e pratique, amém!
> O açougueiro, a lavoura, o jardineiro,
> O pássaro e sua presa, a árvore ruim,
> Todos eles oferecem, qual sinaleiros,
> Motivos e mais motivos para mim,
> Para que eu vigie e ore sem parar,
> E busque ser sincera com ardor,
> Carregando a cruz, par em par,
> Servindo ao meu Deus com temor.

6
Ao pé da Cruz



Vi então no meu sonho que eles seguiam pelo caminho, com Grande-Coração a guiá-los. Caminhando, chegaram ao lugar onde o fardo de Cristão lhe caiu das costas, rolando até o sepulcro. Ali fizeram uma parada e louvaram a Deus.

Cʀɪsᴛ. – Lembro-me agora do que nos foi dito lá atrás, à entrada do caminho: que teríamos o perdão, por palavras e atos; por palavras, isto é, pela promessa; e por atos, ou seja, do modo como foi obtido. Já conheço algo da promessa, mas confesso que não sei o que significa alcançar o perdão por atos, ou do modo como foi obtido. Mas acho que o senhor, caro Grande-Coração, o sabe. Poderia então explicar-nos, por favor? Estamos prontas para ouvir a sua explicação.

Gʀande-Cᴏʀação, – O perdão pelo ato consumado é aquele que alguém obtém a favor de outros que dele necessitam. Não é alcançado pela pessoa perdoada, mas é obtido pelo Sᴇnhᴏʀ, que a ela o oferece. Assim, abordando a questão mais amplamente, o perdão que você e Misericórdia, e também estes meninos, alcançaram foi na verdade obtido por outra pessoa: por aquele que os recebeu à porta do caminho. Ele o obteve de modo duplo: praticou a justiça para ampará-los e derramou o próprio sangue para lavá-los.[1]

Cʀɪsᴛ. – Mas se ele nos transfere a sua justiça, o que retém para si mesmo?

Gʀande-Cᴏʀação – Ele tem mais justiça do que vocês necessitam ou do que ele mesmo necessita.

Cʀɪsᴛ. – Por favor, esclareça-nos o significado disso.

Gʀande-Cᴏʀação – Com todo o prazer. Mas primeiro devo dizer que aquele de quem falaremos agora não tem par nem igual. Ele tem duas naturezas numa só pessoa, fáceis de distinguir, impossíveis de dividir. Cada uma dessas naturezas tem a sua justiça, e cada justiça é essencial a essa natureza. Tanto que, para extinguir a natureza, basta separar dela a sua justiça. Dessas justiças, portanto, não

participamos, pois nenhuma delas nos é imputada para que sejamos justos e tenhamos vida.

– Além dessas – disse Grande-Coração –, ele tem outra justiça, já que suas duas naturezas estão unidas numa única. Essa não é a justiça da divindade, em oposição à humanidade, nem a justiça da humanidade, em oposição à divindade, mas uma justiça própria da união dessas duas naturezas, a qual pode ser corretamente denominada de justiça essencial à sua preparação por Deus para a função de mediador, que lhe foi confiada.

– Sendo assim – continuou –, se ele se afasta da sua primeira justiça, deixa sua divindade; se ele se desprende da sua segunda justiça, mancha a pureza da sua humanidade; e se ele se separa da terceira justiça, abandona a perfeição que o capacita para a função de mediador.

– Portanto – concluiu – ele tem outra justiça, que consiste no cumprimento (obediência) de uma vontade revelada, e é essa que ele imputa aos pecadores, e por essa é que os pecados são expiados. Por essa razão ele disse: “Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos” (Rm 5.19).

Cʀɪsᴛ. – Mas então as outras justiças não têm utilidade para nós?

Gʀᴀɴᴅᴇ-Cᴏʀᴀçãᴏ – Têm sim, pois, se é certo que elas são essenciais às suas naturezas e à sua função, e como tal não podem ser imputadas a outrem, é em virtude delas que a justiça justificadora é eficaz. A justiça da sua divindade possibilita a sua obediência; a justiça da sua humanidade capacita a sua obediência a justificar; e a justiça que reside na união dessas duas naturezas, e que o capacita para a sua função, dá a essa justiça a autoridade necessária para realizar a obra para a qual se destina.

– Portanto – acrescentou –, existe uma justiça de que Cristo, como Deus, não necessita, porque ele é Deus mesmo sem ela. É uma justiça de que Cristo, como homem, não precisa, pois é homem perfeito mesmo sem ela. É uma justiça de que Cristo, como Deus-homem, também não necessita, porque é perfeitamente Deus-homem sem ela. Logo, trata-se de uma justiça de que Cristo, como Deus, como homem, como Deus-homem, não precisa para si

mesmo e, portanto, pode prescindir dela. É uma justiça justificadora, da qual ele mesmo não carece, e por esse motivo a concede e a denomina “dom da justiça” (Rm 5.17).

– Como Cristo Jesus, o Senhor colocou-se debaixo da lei – continuou –, tal justiça precisa ser legada, pois a lei não só obriga aquele que está debaixo dela a agir com justiça, mas a lançar mão da caridade. Por conseguinte, ele se vê obrigado, em função da lei, a, tendo duas capas, dar uma delas a quem não tem nenhuma. Ora, nosso Senhor tem de fato duas capas, uma para si e outra de sobra, portanto, ele graciosamente dá uma delas àqueles que não têm nada.

– É por essa razão, Cristiana, Misericórdia e todos vocês que estão aqui – disse Grande-Coração –, que o seu perdão vem por atos ou pela obra de outro homem. Cristo, o Senhor, foi quem fez tal obra, e é ele quem sempre concede o fruto dessa obra a cada pobre mendigo que encontra pelo caminho.

– Contudo, para que o perdão venha pela obra – explicou –, há um preço a pagar a Deus, e também é necessário que haja algo preparado para nos cobrir com a justiça. O pecado nos entregou à justa maldição de uma lei justa e, para escapar a essa maldição, precisamos ser justificados por meio da redenção, que é o preço pago pelos danos que causamos.

– A redenção – concluiu – vem pelo sangue de nosso Senhor, que desceu para tomar o lugar de vocês, morrendo a morte de vocês, pelas transgressões de vocês. Foi assim que ele, pelo sangue, resgatou-os, cobrindo de justiça as suas almas corruptas e deformadas. Por causa disso, pelo amor de Cristo, que Deus conteve a sua ira e não irá feri-los quando voltar para julgar o mundo.

Cʀɪsᴛ. – Magnífico! Agora vejo que havia algo a aprender no significado do perdão por palavras e atos. Cara Misericórdia, esforcemo-nos então por guardar esse ensinamento; e, meus filhos, lembrem-se disso também vocês. Mas, senhor, porventura não foi isso que fez o fardo do meu bom Cristão lhe cair dos ombros e que o fez dar três pulos de alegria?

Gʀande-Cᴏʀação – Isso mesmo. Foi a fé que rompeu os laços que prendiam o fardo aos ombros dele, e que nenhuma outra coisa

poderia quebrar. Foi para dar-lhe uma prova da grande virtude desta justiça e perdão que Deus o deixou carregar o seu fardo até o pé da cruz.

Crist. – Foi o que pensei, pois embora o meu coração já estivesse antes radiante e exultante, agora está dez vezes mais feliz. O que senti, ainda que tenha sentido pouco até aqui, convenceu-me de que, se mesmo o homem mais pecador do mundo viesse aqui, e aceitasse e acreditasse como eu, sairia com o coração mais alegre e jovial.

Grande-Coração – A visão disso não só nos traz consolo e alívio do fardo, mas produz em nós um amor mais profundo. Pois quem é que, pensando mesmo uma só vez que o perdão não vem somente pela promessa, mas por esse sacrifício também, não se deixa comover pelo modo como essa redenção se deu e também pelo homem que a conquistou para ele?

Crist. – É verdade; me dá até um aperto no coração quando penso que ele teve de sangrar por mim. Ah, quanto amor! Ah, Senhor bendito! O Senhor merece ter-me, pois ele me resgatou; merece ter todo o meu ser, pois pagou por mim dez mil vezes o que valho.

– Não admira que isso tenha marejado os olhos do meu marido – acrescentou –, e o tenha feito avançar com tanta determinação. Agora tenho certeza de que ele desejou que eu estivesse ao seu lado, mas eu, cega pelo pecado, deixei-o vir totalmente só.

– Ah, Misericórdia – disse ela ainda –, que bom seria se seu pai e sua mãe estivessem aqui! E, por que não?, também a sra. Timorata. Pois o desejo mais sincero do meu coração é que mesmo a madame Libertina estivesse aqui conosco. Com toda a certeza também o coração delas se comoveria. Nem o medo de uma, nem a forte lascívia da outra prevaleceriam, convencendo-as a voltar ou a recusar a oportunidade de se tornarem peregrinas.

Grande-Coração – Vejo que você fala agora segundo o ardor da sua paixão. Será que esse fervor sempre vai acompanhá-la? Afinal, nem todos se dão conta disso. Nem todos os que viram Jesus sangrar tiveram tais impressões. Houve gente que, mesmo estando ao lado da cruz e vendo o sangue correr-lhe até a terra, estava tão alheia a tudo que, em vez de lamentar, riu-se dele e, em vez de tornar-se seu discípulo, endureceu o coração contra ele.

– Portanto – continuou –, tudo o que vocês têm, minhas filhas, tudo o que vocês agora sentem é o resultado de uma graça que lhes foi concedida. Lembrem-se do que lhes foi dito: não é com um cacarejo comum que a galinha dá comida aos seus pintinhos.

E vi ainda no meu sonho que eles foram caminhando até o lugar onde Cristão encontrara três homens dormindo, Simplório, Preguiça e Presunção, que agora estavam numa forca, próximos à margem do caminho.

MISER.– Quem são aqueles três homens, e por que foram enforcados?
GRANDE-CORAÇÃO – Eram homens de muitos vícios. Nem lhes passava pela cabeça a hipótese de ser peregrinos, e ainda buscavam erguer obstáculos aos outros. Gostavam da preguiça e da loucura e, sempre que podiam, convenciam os outros a tomar o mesmo caminho, fazendo-os supor que no fim acabariam bem. Dormiam quando Cristão passou por aqui, e agora estão enforcados.
MISER. – Mas será que conseguiram convencer alguém das suas convicções?
GRANDE-CORAÇÃO – Certamente conseguiram desviar muita gente do caminho. Convenceram, por exemplo, certo homem chamado Lerdo. O mesmo fizeram com um tal Fôlego-Curto; também com Sem-Coração, com Desejo-da-Luxúria e com Sonolento. Persuadiram, ainda, uma jovem, chamada Ignorância, a abandonar o caminho e imitá-los. Além do mais, pintaram um retrato negativo de nosso Senhor, convencendo os outros de que ele era cruel e exigente.

– Também pintaram um retrato bem negativo da boa terra – explicou-lhes –, dizendo que não era nem metade da maravilha que diziam dela. Ademais, trataram de difamar os servos do Senhor, dizendo que mesmo os melhores não passavam de intrometidos, agitadores e inquisidores. E, além de tudo, diziam que o pão de Deus não passava de cascas ocas; que o consolo dos seus filhos eram pura fantasia; que a viagem e os esforços dos peregrinos não davam em nada.
CRIST. – Ora, se é assim que agiam, não posso lamentar a sua sorte. Tiveram somente o que mereciam, e é bom mesmo que estejam bem ao lado do caminho, para que sirvam de exemplo para os

outros. Não seria melhor ainda que seus crimes ficassem gravados numa placa de ferro ou bronze, ali ou no local onde os cometeram, como alerta para outros homens ímpios?
Grande-Coração – Pois já se fez isso, como você poderá verificar aproximando-se mais um pouco do muro.
Miser. – Não, não. Que fiquem ali enforcados, e seus nomes apodreçam, e seus crimes não sejam apagados, para que sempre testemunhem contra eles. Foi, acho eu, uma grande graça que tenham sido enforcados antes de passarmos por aqui. Quem sabe o que eles fariam a duas pobres mulheres como nós? – Então passou a cantar, dizendo:

> Que sirvam como exemplo vocês três
> Aos que à verdade preferem a rudez;
> E quem aqui passe este fim tema,
> Se aos peregrinos causar problema.
> E tu, alma minha, de tais homens te afasta,
> Senão a ti te restará somente a vergasta.[2]

Assim prosseguiram até chegar ao sopé do Morro da Dificuldade, onde novamente seu bom amigo, o sr. Grande-Coração, aproveitou a oportunidade para narrar-lhes o que aconteceu com Cristão. Primeiro os levou até a fonte.
Grande-Coração – Vejam, esta é a fonte de que bebeu Cristão antes de subir o morro. Naquela época, a água era límpida e boa, mas hoje está suja, poluída pelos pés de alguns que não querem que os peregrinos saciem aqui a sua sede.
Miser.– E por que pensam assim os invejosos?[3] – perguntou, irritada.
Grande-Coração – Ainda assim podemos bebê-la. Basta encher um jarro limpo, pois a sujeira se deposita no fundo e a água, por si mesma, fica mais clara.

Cristiana, seus filhos e a amiga pegaram um pouco da água num jarro de barro e a deixaram descansando até que a sujeira se depositasse no fundo. Depois, beberam.

O guia então lhes mostrou os dois caminhos que, partindo dali, contornavam o morro, um de cada lado. Fora naqueles atalhos que se perderam Formalidade e Hipocrisia.

Grande-Coração – São veredas perigosas. Dois homens caíram em perdição por causa delas quando Cristão passou por aqui, e embora tenham sido fechadas com correntes, postes e um poço, mesmo assim há gente que prefere se aventurar por elas, em vez de aceitar o desafio de subir o morro.

Crist. – "O caminho dos pérfidos é intransitável" (Pv 13.15). Admira-me que alguém ainda corra o risco de tomar essas trilhas.

Grande-Coração – Pois saiba que se arriscam, sim. E, se por acaso, algum dos servos do Rei os vê e os chama para dizer que estão no caminho errado, alertando-os do perigo, eles pouco se importam, respondendo: "Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te obedeceremos a ti; antes certamente a toda a palavra que saiu da nossa boca [obedeceremos] etc." (Jr 44.16-17).

– Se você olhar bem atentamente – advertiu-a – verá que essas trilhas são bem sinalizadas, não só pelos postes, pelo poço e pela corrente, mas também pelas cercas que as ladeiam. Mesmo assim preferem seguir por elas.

Crist. – São preguiçosos, não gostam de fazer nenhum esforço. A subida é para eles desagradável. Por esse motivo se cumpre neles o que está escrito: "O caminho do preguiçoso é como que cercado de espinhos" (Pv 15.19). Preferem caminhar para as armadilhas a subir este morro e trilhar o resto do caminho até a cidade.

7
O morro da Dificuldade



Puseram-se, então, a subir o morro mas, antes de chegarem ao cume, Cristiana arquejava:

– Este morro é mesmo de tirar o fôlego. Não admira que quem ama mais o conforto que a própria alma prefira um caminho mais fácil.

– Preciso me sentar um pouco – reclamou Misericórdia, enquanto o menor dos meninos começou a chorar.

– Vamos, vamos, não descansem aqui. Pouco acima fica a pousada do Príncipe – preveniu Grande-Coração.

Dizendo isto, tomou pela mão o menininho e o levou até lá. Chegando à pousada, quiseram sentar-se para descansar, pois estavam todos muito cansados e sentindo muito calor devido ao esforço.

Miser. – Como é bom o descanso para os que trabalham! E como é bom o Príncipe dos peregrinos, que lhes proporciona locais de repouso.[1] Muito já ouvi falar desta pousada, mas jamais a havia visto. E é bom não dormir aqui, pois, segundo ouvi dizer, Cristão pagou caro por isso.

Grande-Coração – E vocês, queridos? – disse aos meninos. – Como estão? Que estão achando da peregrinação? – Então o mais novo respondeu:

Tiago – Senhor, o coração quase me saiu pela boca, mas agradeço por ter-me estendido a mão na subida. Agora me lembro do que me disse a minha mãe: que o caminho do céu é íngreme como subir uma escada, e o caminho do inferno é fácil como descer um morro. Mas prefiro subir a escada rumo à vida a descer o morro rumo à morte.

Miser. – No entanto, o ditado diz: “Para baixo todo santo ajuda”.

Tiago – Vem o dia em que, na minha opinião, descer o morro será o mais difícil.

Grande-Coração – Bom menino. Você deu a resposta correta. – Misericórdia sorriu, enquanto o menino corou.
Crist. – Não querem comer alguma coisa para adoçar um pouco a boca, enquanto descansamos as pernas? Tenho aqui romãs, que o sr. Intérprete me deu na hora da despedida, assim como favo de mel e uma garrafinha de vinho.[2]
Miser. – Achei que ele lhe havia dado algo, pois vi que a chamou de lado na hora de ir embora.
Crist. – Foi mesmo. Mas, Misericórdia, você pode estar certa de que entre nós será como quando saímos da minha casa. Dividiremos tudo o que tenho de bom, pois, afinal, você se tornou minha companheira por livre vontade. – Ela então repartiu o que tinha com Misericórdia e os meninos, oferecendo também ao guia.
Grande-Coração, – Vocês estão em peregrinação, mas eu logo estarei de volta. O que vocês têm certamente lhes fará muito bem. Em casa tenho isso tudo diariamente.

Terminando de comer e beber, ficaram conversando por algum tempo. Depois o guia alertou-os de que a tarde já vinha caindo e que seria bom continuar.

Todos se puseram de pé para partir. Os meninos foram na frente, mas Cristiana se esqueceu de levar consigo a garrafa de vinho, e por isso mandou o mais novo buscá-la.

Miser.– Acho que é um lugar onde se perdem coisas mesmo. Cristão perdeu o seu rolo e Cristiana esqueceu a garrafa. Qual a causa disso, senhor?
Grande-Coração – O sono ou a desatenção. Alguns dormem quando deveriam permanecer despertos; e alguns esquecem quando deveriam lembrar. É por tudo isso que muitas vezes, nos locais de descanso, alguns peregrinos perdem algo. Eles devem vigiar e lembrar-se do que já receberam nos momentos de maior alegria. Mas se não o fazem, frequentemente a alegria se transforma em lágrimas, e a luz do sol em nuvens. Lembre o episódio de Cristão neste lugar.

Chegando ao lugar em que Desconfiança e Timorato encontraram Cristão e tentaram convencê-lo a voltar por medo dos leões, viu-se ao lado da estrada uma espécie de tablado e, diante dele, uma grande placa. Nela, liam-se alguns versos e, embaixo, a razão da construção do tablado naquele local. Eis os versos e as palavras que haviam abaixo deles:

> Cautela, peregrinos,
> Com a língua e o coração;
> Não seja este o sítio
> Da sua perdição.
>
> Este tablado foi erguido para castigar os que, por medo ou desconfiança, temam avançar na peregrinação. Também neste tablado, Desconfiança e Timorato tiveram a língua queimada com um ferro em brasa, por tentar impedir que Cristão prosseguisse em sua jornada.

MISER. – Isso me lembra muito as palavras do salmista: “Que te será dado, ou que te será acrescentado, ó língua enganadora? Setas agudas do valente; e brasas vivas de zimbro” (SI 120.3-4).

E prosseguiram até avistarem os leões. Ora, Grande-Coração era um homem forte e, por esse motivo, não temia leões. Contudo, chegando ao lugar onde estavam as feras, os meninos, que antes seguiam na frente, encolheram-se atrás de todos, pois tiveram medo. Vendo a sua reação, o guia sorriu e disse: – Vocês gostam de ir na frente quando não há perigo, mas buscam a retaguarda assim que surgem os leões?[3]

Avançando, Grande-Coração desembainhou a espada para abrir caminho para os peregrinos diante dos leões. De repente, surgiu um homem que, aparentemente, tinha a intenção de atiçar as feras e perguntou ao guia dos peregrinos o que estavam fazendo ali.

O homem se chamava Ódio, ou Sanguinário, pois já matara muitos peregrinos, e era da raça dos gigantes.

GRANDE-CORAÇÃO – Estas mulheres e estes meninos são peregrinos, e este é o caminho pelo qual precisam passar. E vão passar, apesar de você e dos leões.

ÓDIO – Este não é o seu caminho, tampouco passarão por aqui. Vim para detê-los, e incitar os leões contra eles.

De fato, em virtude da ferocidade dos leões e da aparência temível do homem que os atiçava, o caminho exibia poucos vestígios de uso, pois estava quase todo coberto de relva.

CRIST. – Embora o caminho não tenha sido usado ultimamente, e ainda que os viajantes no passado tenham tomado desvios, não será mais assim agora que me levantei por mãe em Israel.[4]

Ouvindo isso, Ódio jurou pelos leões que tudo continuaria como antes, que nada mudaria enquanto ele estivesse ali, e fez sinal para que desviassem, pois não permitiria a passagem.

O guia, porém, buscava um modo de aproximar-se de Ódio para atacá-lo, e desfechou golpe tão preciso com a espada que forçou o gigante a recuar. Este, então, bradou, atiçando os leões:

ÓDIO – Você quer me matar no meu próprio território?
GRANDE-CORAÇÃO – Esta é a estrada do Rei. Você é que colocou os seus leões no lugar errado. As mulheres e os meninos que estão comigo, ainda que sejam frágeis, vão prosseguir no caminho apesar dos seus leões.

Dizendo isso, desferiu um golpe tão forte que fez o inimigo cair de joelhos. Com o mesmo golpe quebrou-lhe o capacete, e o golpe seguinte lhe decepou um braço.

O gigante então soltou um rugido tão horripilante que as mulheres se assustaram, mas ao mesmo tempo sentiram alívio ao vê-lo debatendo-se no chão. Como os leões estavam acorrentados, sozinhos nada poderiam fazer. Assim estava morto aquele que com o auxílio das feras pretendia barrar a passagem dos peregrinos:

– Venham, sigam-me, que os leões não poderão lhes fazer mal nenhum – chamou Grande-Coração.

E todos foram. As mulheres tremiam ao passar pelas feras, e os meninos também pareciam quase à morte. Todos, porém, passaram sem nenhum arranhão.

8
Os peregrinos chegam ao Palácio Belo



Os peregrinos já conseguiam avistar a casa do porteiro, e logo a alcançaram. Contudo, apressaram-se no caminho, pois era perigoso passar por ali à noite. Chegando ao portão, o guia bateu, e o porteiro gritou lá de dentro:

– Quem é?

– Sou eu – respondeu o guia.

Reconhecendo-lhe a voz (pois o guia já muitas vezes viera até ali conduzindo peregrinos), o porteiro logo foi abrir.

O portão se abriu e, vendo o guia de pé diante dele (pois não enxergava as mulheres, que estavam atrás):

Porteiro – Ora, ora, sr. Grande-Coração, o que o traz aqui tão tarde?

Grande-Coração – Trouxe alguns peregrinos, que, segundo ordens do meu Senhor, devem se hospedar aqui. Teria chegado antes, não fosse o gigante que costumava atiçar os leões, mas depois de um combate longo e extenuante contra ele, matei-o e trouxe em segurança os peregrinos.

Porteiro – Não vai entrar e passar a noite?

Grande-Coração – Não, volto hoje mesmo à casa do meu Senhor.

Crist. – Ah, senhor, não sei como poderemos seguir sem o seu auxílio. Afinal, o senhor tem sido tão fiel e amável conosco, combateu tão bravamente por nós, foi tão sincero nos conselhos que nos deu... Jamais esquecerei o que o senhor fez por nós.

Miser. – Ah, quem dera ter a sua companhia até o fim da jornada! Como é que pobres mulheres como nós sobreviveremos sem um amigo e protetor num caminho tão cheio de dificuldades como este?

Tiago – Por favor, senhor, venha conosco e nos ajude, pois somos fracos demais e o caminho é muito perigoso.

Grande-Coração – Eu cumpro as ordens do meu Senhor. Se ele me incumbisse de ser o seu guia até o fim, de muito bom grado o seria. Vocês, porém, pecaram na saída, pois, quando ele me deu ordens de trazê-los aqui, vocês deveriam ter-lhe pedido que eu os acompanhasse até o fim da jornada, e ele certamente atenderia o

seu pedido.[1] Agora preciso ir. Portanto, Cristiana, Misericórdia e meus bravos meninos: Adeus! – Então o porteiro, Vigilante, quis saber de Cristiana de onde ela vinha, e quem era.

– Venho da Cidade da Destruição. Hoje sou viúva. Meu marido morreu. Seu nome era Cristão, o peregrino.

– Quê?! Ele era seu marido? – admirou-se Vigilante.

– Era. E estes são os filhos dele. Esta aqui – disse Cristiana, apontando para Misericórdia – é minha vizinha.

O homem então tocou o sino, como costumava fazer nessas ocasiões, e surgiu à porta uma das virgens, chamada Humilde. Disse-lhe, então, o Porteiro: – Vá lá dentro dizer que Cristiana, mulher de Cristão, e seus filhos estão aqui em peregrinação.

Ela entrou e contou a todos. Assim que Humilde terminou de falar, grande foi o alvoroço de alegria lá dentro. Todos saíram apressados até o portão, pois Cristiana ainda estava lá fora. E foram alguns dos mais austeros da família que disseram:

– Entre, Cristiana; entre, esposa daquele bom homem, Cristão. Entre, mulher abençoada, entre com todos os que estão com você.

Ela entrou e os seus a seguiram. Já dentro da casa, viram-se num grande salão, onde foram convidados a se sentar. Sentaram-se, e os donos da casa foram chamados para conhecer os hóspedes e dar-lhes as boas-vindas. Assim que souberam quem eram aquelas pessoas, saudaram uma a uma com um beijo, dizendo:

– Sejam bem-vindos, pois vocês vieram com a graça de Deus. Aqui vocês só têm amigos.

Ora, como já era um pouco tarde e os peregrinos estavam exaustos da jornada e ainda sobressaltados com a cena da luta e a visão dos terríveis leões, desejavam preparar-se o mais rápido possível para dormir.

– Mas antes – disseram os da família – venham revigorar-se com um bocado de carne. – Pois haviam preparado um cordeiro com o

molho de costume,[2] já que o Porteiro ouvira falar da sua chegada e dera a notícia aos de casa.

Assim, depois de cear e encerrar a oração com um salmo, os peregrinos quiseram descansar. Cristiana, porém, disse:

– Se for possível, gostaríamos de ficar no quarto que meu marido ocupou quando esteve aqui.

Então os levaram até lá, e todos ficaram no mesmo quarto. Já na cama, Cristiana e Misericórdia começaram a conversar.

Crist. – Jamais pensei, quando o meu marido se tornou peregrino, que eu viria a seguir seus passos.
Miser. – Também não imaginou que você se deitaria nesta cama, e neste quarto, como agora.
Crist. – E muito menos sonhei que voltaria a ver o seu rosto, ou que adoraria o Senhor ao lado dele. Mas hoje creio que o farei.
Miser. – Ouça! Você não ouviu um barulho?
Crist. – Ouvi. Acho que é som de música. Eles estão alegres por estarmos aqui.
Miser. – Que maravilha! Música na casa, música no coração e música também no céu... tudo em sinal de alegria por estarmos aqui! – Conversaram ainda um pouco e depois adormeceram. De manhã, ao acordar, as duas amigas começaram a conversar.
Crist. – O que a fez rir durante o sono à noite? Acho que você estava sonhando...
Miser. – Realmente, e que belo sonho! Mas tem certeza de que eu ri?
Crist. – Absoluta. Você ria com vontade. Quero que me conte o seu sonho.
Miser. – Sonhei que estava sentada sozinha num lugar solitário, lamentando a dureza do meu coração. Não estava sentada ali havia muito tempo, quando me vi rodeada por muita gente, que queria me ver e ouvir o que eu dizia. Escutando minhas queixas sobre a dureza do meu coração, alguns riam de mim, outros me chamavam de louca, e outros ainda passaram a me empurrar.

– Depois – continuou – sonhei que erguia os olhos e via um ser alado descendo até onde eu estava. Ele veio diretamente até mim e disse: “Misericórdia, o que a perturba?”. Depois de ouvir os meus lamentos, ele me consolou: “A paz seja contigo”. Enxugou as minhas lágrimas com um lenço e me vestiu de ouro e prata. Pôs-me também uma corrente no pescoço e brincos nas orelhas, além de uma bela coroa na cabeça (Ez 16.11-13). Então me tomou pela mão e disse: “Venha comigo, Misericórdia”.

– Ele subiu e eu o segui – acrescentou ela –, até chegarmos diante de um portão de ouro. Ele bateu e, quando abriram, o homem entrou e eu segui atrás dele, até um trono. Sentado no trono enxerguei um homem, que me saudou: “Bem-vinda, filha”. O lugar parecia esplêndido e cintilante como as estrelas ou mesmo como o sol. Ali imaginei ver o seu marido, e logo acordei. Mas então eu ri?

Crist. – Riu e muito. Pena você não estar acordada para se ver tão bem! Pois tomo até a liberdade de lhe dizer que acredito que tenha sido um sonho bom. Acho que você começou a gostar da primeira parte, portanto, alcançará, afinal, a segunda. Deus fala de um modo, sim de dois modos, mas o homem não atenta para isso. Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama (Jó 33.14-15).

– Não precisamos estar acordados na cama para conversar com Deus – disse Cristiana. – Ele pode nos visitar no sono e nos fazer ouvir a sua voz. Nosso coração, às vezes, acorda quando dormimos, e Deus então pode nos falar por palavras, provérbios, sinais e comparações, como se estivéssemos acordados.

Miser. – Bem, estou feliz pelo meu sonho, e espero que logo o veja realizado, para novamente poder rir.

Crist. – Acho que já é hora de levantar para saber o que devemos fazer.

Miser. – Por favor, Cristiana: se eles nos convidarem para ficar algum tempo, aceitemos de bom grado o convite. Desejo muito ficar por aqui um pouco para conhecer melhor essas moças. Percebo em Prudência, Piedade e Caridade expressões bastante agradáveis e sóbrias.

Crist. – Vejamos o que nos dirão. – Assim, estando todos prontos, desceram. Lá embaixo, lhes perguntaram sobre o repouso da noite,

se tinham dormido confortavelmente ou não.
MISER. – Dormimos muito bem. Foi uma das melhores noites que já passei numa hospedagem. – Prudência e Piedade, então, disseram:
– Se aceitarem ficar aqui conosco por algum tempo, terão tudo o que a casa pode lhes proporcionar.
CARID. – Sim, e isso de muito bom grado.

Então assentiram, e ali ficaram durante cerca de um mês ou mais, numa relação muito proveitosa para todos. E como Prudência queria saber como Cristiana educava os filhos, pediu permissão para catequizá-los, e a mãe lhe deu o seu consentimento. E Prudência então começou pelo mais novo, cujo nome era Tiago.

PRUD. – Tiago, pode me dizer quem criou você?
TIAGO – Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo de Deus.
PRUD. – Bom menino! E pode me dizer quem o salva?
TIAGO – Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo de Deus.
PRUD. – Muito bem! Mas como Deus Pai o salva?
TIAGO – Pela sua graça.
PRUD. – Como Deus Filho o salva?
TIAGO – Pela sua justiça, sua morte, sangue e vida.
PRUD. – E de que modo o Espírito Santo o salva?
TIAGO – Pela sua iluminação, renovação e preservação. – Prudência, dirigindo-se a Cristiana, disse:
PRUD. – Você realmente dá ótima educação aos seus filhos, parabéns! Acho que nem preciso fazer essas perguntas aos outros, se o mais novo deles as responde tão bem. Agora quero falar com o segundo mais novo. José (pois seu nome era José), você me deixaria catequizá-lo?
JOSÉ – Claro que sim!
PRUD. – O que é o homem?
JOSÉ – Um ser racional, assim criado por Deus, como disse o meu irmão.
PRUD. – Do que nos lembramos quando dizemos que uma pessoa foi salva?
JOSÉ – Que o homem se deixou escravizar pelo pecado e trouxe sobre si muita miséria.

Prud. – Quando se diz que o homem é salvo pela Trindade, o que quer dizer isso?
José – Que o pecado é um tirano tão grande e poderoso que ninguém pode nos arrancar das suas garras senão Deus, e que Deus é tão bom e amoroso que resgata o homem desse estado miserável.
Prud. – Qual o propósito de Deus na salvação dos pobres homens?
José – Glorificar seu nome, exaltar sua graça e sua justiça, e proporcionar a eterna felicidade a sua criatura.
Prud. – Quem são os que devem ser salvos?
José – Os que aceitam a salvação de Deus.
Prud. – Muito bem, José! Sua mãe ensinou-o bem, e você prestou atenção ao que ela lhe disse. – Depois, Prudência dirigiu-se a Samuel, que era o segundo mais velho. – Samuel, posso também catequizá-lo?
Samuel – Claro, por favor.
Prud. – O que é o céu?
Samuel – Um lugar e um estado de extrema bem-aventurança, porque é ali que Deus mora.
Prud. – O que é o inferno?
Samuel – Um lugar e um estado de extrema infelicidade, pois é a morada do pecado, do Diabo e da morte.
Prud. – Por que você quer ir para o céu?
Samuel – Para ver Deus e servi-lo sem jamais me cansar; para ver a Cristo e amá-lo para sempre; para ter em mim a plenitude do Espírito Santo, que de modo nenhum posso gozar aqui.
Prud. – Excelente também! Aprendeu muito bem. – Então se dirigiu ao mais velho, chamado Mateus, e lhe disse: – Mateus, posso também catequizá-lo?
Mateus – Gostaria muito.
Prud. – Pergunto-lhe então se alguma coisa ou algum ser, existia anteriormente a Deus...
Mateus – Não, pois Deus é eterno. Coisa alguma, exceto ele mesmo, tinha existência antes do início do primeiro dia. Em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há (Êx 20.11).
Prud. – O que você acha da Bíblia?
Mateus – É a santa Palavra de Deus.
Prud. – Há algo escrito ali que você não entende?

MATEUS – Há, muita coisa.
PRUD. – O que você faz quando encontra passagens que não compreende?
MATEUS – Lembro-me de que Deus é mais sábio do que eu. Oro também para que ele bondosamente me esclareça tudo o que for necessário para o meu bem.
PRUD. – O que você entende por ressurreição dos mortos?
MATEUS – Acredito que vão ressuscitar os mesmos que foram enterrados, com a mesma natureza, embora não em corrupção. Creio nisso por duas razões: primeiro, porque Deus prometeu; segundo, porque ele é capaz de fazê-lo.
PRUD. – Vocês devem continuar prestando atenção no que sua mãe lhes diz, pois ela ainda pode ensinar-lhes mais. Também devem ouvir atentamente as boas palavras que ouvirem dos outros, porque são ditas por amor. Observem ainda, e com todo o cuidado, o que os céus e a terra lhes ensinam, mas especialmente pensem muito no livro que fez com que seu pai se tornasse peregrino.

– Quanto a mim, meninos – concluiu Prudência –, proponho-me a ensinar-lhes o que puder enquanto estiverem aqui. Se tiverem perguntas sobre coisas úteis e proveitosas, podem fazê-las que eu as responderei.

9
Experiências domésticas



Estavam os peregrinos havia já uma semana no Palácio Belo, quando Misericórdia foi objeto de vivas atenções por parte de um homem – cujo nome era Esperto – que começou a frequentar o local. Tinha alguma educação e se pretendia religioso, mas era muito apegado ao mundo. Visitara Misericórdia algumas vezes e lhe oferecera seu amor. Ora, a moça possuía bela aparência, e era, portanto, bastante atraente.

Misericórdia costumava se ocupar sempre com alguma coisa, pois quando nada havia a fazer para si, tratava de fazer meias e roupas para os outros, dando aos necessitados. O sr. Esperto, sem saber onde ou para quem ela distribuía o que fazia, pareceu muito interessado, pois jamais a encontrava ociosa. “Vou tratar de fazer dela uma boa dona de casa”, pensou Esperto.

Misericórdia então revelou às senhoras da casa o que estava acontecendo e quis saber o que elas pensavam dele, pois de fato o conheciam melhor do que ela. Disseram-lhe que era um jovem muito ativo, que se pretendia religioso, mas, temiam elas, alheio àquilo que era bom.

– Pois então – decidiu-se Misericórdia – não voltarei a olhar para ele, pois não pretendo jamais ter um embaraço para a minha alma.

Prudência disse que ela não precisava desencorajar explicitamente o jovem; bastava que continuasse a fazer o que fazia pelos pobres, que isso certamente esfriaria a coragem do rapaz.

Na sua próxima visita, Esperto a encontrou absorta nos seus trabalhos, fazendo coisas para os pobres.

– Sempre trabalhando? – admirou-se ele.

– Sempre; ou para mim ou para os outros.

– E quanto isso lhe rende ao dia?

– Faço essas coisas para ser rica em boas obras, acumulando tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de me apoderar da verdadeira vida (1 Tm 6.19).

– Mas o que você faz com elas?
– Agasalho os que andam nus.

Diante disso, a expressão dele se abateu, e desistiu de voltar a vê-la. Quando lhe perguntaram sobre os seus motivos, disse que Misericórdia era uma linda moça, mas de índole doentia. Ele então desapareceu.

PRUD. – Não lhe disse que o sr. Esperto logo mudaria de ideia? E ainda vai caluniá-la, pois apesar da suposta religiosidade dele e o aparente amor que lhe devotava, Misericórdia, você e ele são de índoles tão distintas que creio jamais poderão unir-se.[1]
MISER. – Eu já poderia estar casada hoje, embora nunca tenha falado disso a ninguém. Meus pretendentes, no entanto, não gostavam da minha índole, ainda que nenhum deles jamais me tenha censurado. Por essa razão eu e eles não combinávamos.
PRUD. – Nestes nossos dias, a misericórdia vai pouco além de meras palavras. A prática, que é visível na sua índole, são poucos os que podem tolerar.
MISER. – Ora, se ninguém me quiser, morrerei solteira; ou senão a minha índole será para mim como um marido. Não posso mudar a minha natureza, e ter alguém que me contrarie nisso é algo que jamais admitirei enquanto viver.
– Eu tinha uma irmã, chamada Generosa, que era casada com um grosseirão desses – acrescentou –, mas os dois jamais concordavam em nada, pois ela se determinara a fazer o que sempre fizera, ou seja, ser bondosa para com os pobres. Seu marido, então, primeiro a humilhou diante da cruz,[2] e depois a expulsou de casa.
PRUD. – E mesmo assim ele se dizia religioso, não?
MISER. – Sim. Hoje, o mundo está cheio de pessoas assim, mas quero distância de todos elas.
Os peregrinos estavam ainda no Palácio quando Mateus, filho mais velho de Cristiana, adoeceu. A doença o debilitou, pois sentia fortes espasmos nos intestinos. Às vezes, sentia dores fortíssimas, como se lhe torcessem as entranhas. Perto dali morava um médico antigo e de renome, o dr. Destreza. Cristiana então mandou chamá-

lo. Depois de um rápido exame, o médico concluiu que o menino sofria de cólicas.[3]

Destreza – Que tipo de alimentação Mateus tem recebido?
Crist. – Nada que não seja absolutamente saudável.
Destreza – Este menino vem sofrendo com algo que não foi digerido no seu estômago, e que não sairá sem o remédio certo. Precisa ser purgado, senão morrerá.
Samuel – Mãe, mãe, o que o meu irmão catou e comeu logo que entramos pela porta, no início do caminho? Do outro lado do muro, à esquerda do caminho, havia um pomar e os galhos de algumas árvores pendiam sobre o muro, meu irmão puxou um galho, pegou uma fruta e comeu.
Crist. – É verdade, filho. De fato, ele pegou e comeu a fruta, menino desobediente. Eu o repreendi, mas mesmo assim ele a comeu.
Destreza – Eu sabia que ele havia comido algum alimento ruim. E essa fruta é, na verdade, o mais prejudicial dos alimentos. É a fruta do pomar de Belzebu. Admira-me que ninguém lhe tenha avisado isso; muitos já morreram assim.
Crist. – Ah, menino desobediente! E que mãe descuidada! Que devo fazer pelo meu filho? – disse entre lágrimas.
Destreza – A senhora não precisa se desesperar. O menino pode ficar bom, sim, mas precisa tomar um purgante e vomitar.
Crist. – Por favor, doutor, faça o máximo que puder por ele, custe o que custar.
Destreza – Espero acertar o tratamento.

O doutor preparou-lhe então um purgante, que se provou fraco demais. Era feito de sangue de bode, cinzas de novilha, extrato de hissopo[4] etc. Vendo que o purgante não fora eficaz, receitou-lhe outro, que era composto de *ex carne et sanguine Christi*[5]. (Bem sabe o leitor que os médicos receitam estranhos remédios aos seus pacientes.)

O médico ministrou-o em forma de comprimidos, com algumas promessas e uma porção proporcional de sal. Ele deveria tomar três cápsulas, em jejum, com um copo de lágrimas de arrependimento. Preparado o remédio, foi levado ao menino, que relutava em tomá-

lo, pois se contorcia de cólicas, como se lhe arrancassem as entranhas.

– Por favor – disse o médico –, você precisa tomar.
– Meu estômago não aceita – respondeu o menino.
– Querendo ou não, você vai tomar – disse a mãe.
– Mas depois vou vomitar tudo de novo – argumentou o filho.
– Doutor – perguntou Cristiana –, como é o gosto disto?
– Não tem sabor ruim – disse o doutor, sugerindo à mulher que provasse um dos comprimidos. E ela tocou com a ponta da língua um deles.
– Ah, Mateus, o remédio é mais doce que mel – assegurou a mãe. – Se você me ama e a seus irmãos, se você ama Misericórdia e a sua vida, tome o remédio.

Assim, depois de muito esforço e de uma breve suplica pela bênção de Deus, o menino enfim o tomou. O resultado foi excelente. Afinal, pôde dormir e descansar tranquilamente, pois o remédio fê-lo suar bastante, livrando-o das cólicas.

Em pouco tempo, já estava de pé, e andava apoiado num bastão,[6] indo de quarto em quarto para conversar com Prudência, Piedade e Caridade sobre a sua moléstia e como fora curado. O menino então se restabeleceu totalmente.

Crist. – Doutor, como possa compensá-lo pelo trabalho e o cuidados que o senhor teve com meu filho?
Destreza – A senhora deve remunerar o mestre da Faculdade dos Médicos segundo as regras normais referentes a esse caso.
Crist. – Diga-me, doutor, que mais esse comprimido pode curar?
Destreza – Trata-se de um remédio universal, eficaz contra todas as moléstias que acometem os peregrinos. Quando bem preparado, preserva a saúde eternamente.
Crist. – É possível, doutor, fazer-me doze caixas desses comprimidos? Tendo esse remédio, jamais tomarei outro.
Destreza – Os comprimidos são tão bons para prevenir doenças quanto para curar alguém que esteja doente. Afirmo e garanto que, se a pessoa usar esse remédio corretamente, ele a fará viver para

sempre. Mas a senhora só deve ministrar os comprimidos do modo como prescrevi;[7] caso contrário não farão efeito.

O médico forneceu o remédio para ela, os meninos e também para Misericórdia, e aconselhou Mateus a não voltar a comer ameixas verdes. Então, beijou-os, despediu-se e partiu.

Como já mencionei anteriormente ao leitor, Prudência dissera aos meninos que poderiam perguntar-lhe qualquer coisa útil e proveitosa que ela responderia. Mateus, aquele que estivera doente, perguntou-lhe então por que a maioria dos remédios eram amargos ao paladar.

PRUD. – Para mostrar como são desagradáveis a um coração carnal a Palavra de Deus e seus efeitos.
MATEUS – Por que o remédio, se é eficaz, age como purgante e nos faz vomitar?
PRUD. – Para mostrar que a Palavra, quando age eficazmente, purifica o coração e a mente. Repare que aquilo que o remédio faz ao corpo, a Palavra faz à alma.
MATEUS – O que devemos aprender ao ver a chama do nosso fogo subindo, e os raios e as boas influências do sol descendo?
PRUD. – Pela subida do fogo, aprendemos a subir ao céu com desejos ardorosos e quentes. E pelos raios, pelo calor e pelas boas influências que o sol nos manda lá de cima, aprendemos que o Salvador do mundo, mesmo lá do alto, alcança-nos aqui embaixo com a sua graça e amor.
MATEUS – De onde vem a água das nuvens?
PRUD. – Do mar.
MATEUS – O que podemos aprender com isso?
PRUD. – Que os ministros devem extrair de Deus a sua doutrina.
MATEUS – Por que as nuvens despejam tudo o que têm sobre a terra, e se esvaziam?
PRUD. – Para mostrar que os ministros devem revelar o que sabem de Deus ao mundo.
MATEUS – O que nos ensina o belo arco-íris formado pelo sol?
PRUD. – Ele nos mostra que assim como sem o sol não pode haver arco-íris, sem Cristo não teria sido confirmada a aliança da graça de

Deus conosco.
MATEUS – Por que as fontes vêm do mar até nós por dentro da terra?
PRUD. – Para mostrar que a graça de Deus nos vem pelo corpo de Cristo.
MATEUS – Por que há fontes que brotam dos cumes de altas montanhas?
PRUD. – Para mostrar que o espírito da graça brotará nalguns grandes e poderosos, como também noutros pobres e humildes.
MATEUS – Por que o fogo se apega ao pavio da vela?
PRUD. – Para mostrar que a menos que a graça se acenda no coração, não haverá luz verdadeira de vida em nós.
MATEUS – Por que o pavio e o sebo se consomem completamente para manter a luz da vela?
PRUD. – Para mostrar que o corpo e a alma e tudo o mais devem estar a serviço da graça de Deus em nós; consumindo-se sempre para mantê-la constantemente acesa.
MATEUS – Por que o pelicano fere o próprio peito com o bico?
PRUD. – Para alimentar os filhotes com o seu próprio sangue, e assim mostrar que Cristo, o bendito, tanto amou os seus filhos, o seu povo, que os salvou da morte pelo próprio sangue.
MATEUS – O que se pode aprender ao ouvir o canto do galo?
PRUD. – O canto do galo nos deve lembrar o pecado e o arrependimento de Pedro. Quando o galo canta, sabemos também que o dia está chegando, por esse motivo devemos lembrar o último e terrível dia do juízo.

Mas o mês chegou ao fim, e os hóspedes disseram aos de casa que já era tempo de partir. José, então, lembrou à mãe:

– É importante que a senhora não se esqueça de mandar alguém à casa do sr. Intérprete para pedir-lhe que o sr. Grande-Coração nos acompanhe e seja nosso guia pelo resto da viagem.

– Bom menino – disse ela. – Eu ia quase me esquecendo.

Escreveu ela então uma carta com tal pedido, e pediu ao sr. Vigilante, o porteiro, que a mandasse por alguém que se dirigisse à casa do bom amigo Intérprete. Ora, recebendo este a mensagem e

lendo o pedido, disse ao mensageiro que fosse e lhes dissesse que ele enviaria o guia.

Quando a família soube que Cristiana iria partir, reuniram-se todos os de casa para agradecer ao Rei o envio de hóspedes tão amáveis e interessantes. Depois, disseram a Cristiana:

– Como costumamos fazer com os peregrinos, vamos mostrar-lhes algo em que possam meditar ao longo do caminho!

Levaram, então, Cristiana, seus filhos e Misericórdia a um dos cômodos e lhes mostraram o fruto da árvore de que comeu Eva e que também deu ao marido, motivo pelo qual ambos foram expulsos do Paraíso.

Perguntaram a Cristiana o que pensava ser aquilo, e ela respondeu: – É alimento, ou veneno; não sei qual dos dois.

Revelaram-lhe o segredo, e ela muito se admirou, erguendo as mãos aos céus.

Depois, levaram-nos a outro cômodo e lhes mostraram a escada de Jacó. Calhou que naquele momento alguns anjos subiam por ela. Cristiana – bem como também o resto do grupo – olhava admirada os anjos subindo. Já estavam dirigindo-se a outro lugar para lhes mostrar outra coisa, quando Tiago perguntou à mãe se poderiam ficar mais um pouco, pois ele achara a visão muito intrigante.

Voltaram e ficaram extasiados com aquele panorama tão belo. Depois os levaram a um lugar onde se via suspensa uma âncora de ouro, e pediram que Cristiana a puxasse para baixo.

– Vocês a levarão consigo. É absolutamente necessário que a levem e a segurem firme por trás do véu, caso encontrem tempo turbulento.[8]

Os hóspedes se alegraram com isso. Depois levaram as mulheres e os meninos ao cume do monte onde Abraão, nosso pai, ofereceu Isaque, seu filho. Mostraram-lhes o altar, a madeira, o fogo e a faca, pois lá permaneciam intactos até aquele dia.

Vendo aquilo, ergueram as mãos para o alto em ação de graças e disseram: – Ah, que homem foi Abraão! Quanto amor ao Mestre, quanto devotamento!

Depois de lhes mostrar todas essas coisas, Prudência os levou à sala de jantar, onde começou a tocar um instrumento e a cantar uma linda música com base naquilo que lhes havia mostrado:

Vistes a escada de Jacó,
E mais, de Eva a maçã.
Atentai, então, mirai o pó,
E vivereis no amanhã.

Âncora vos pusemos na mão,
Contudo, isso será só o início,
Pois deveis dar, qual Abraão,
O vosso melhor em sacrifício.

Mas eis que alguém bateu à porta, e o Porteiro abriu. E lá estava o sr. Grande-Coração, de volta. Ao entrar, grande alegria tomou conta da casa, pois lhes voltaram à lembrança as proezas que aquele homem fizera, matando o velho gigante Ódio Sanguinário e livrando-os dos leões.

Grande-Coração, saudando a todos, dirigiu a palavra a Cristiana e a Misericórdia:

– O meu Senhor mandou para cada uma de vocês uma garrafa de vinho, e também um pouco de trigo seco, além de duas romãs. Também mandou alguns figos e passas para os meninos, para que comam e bebam durante a viagem.

Assim resolveram pôr-se a caminho, e Prudência e Piedade foram com eles. Chegando ao portão, Cristiana perguntou ao Porteiro se alguém passara por ali recentemente.

– Não... só uma pessoa. Ela me disse que recentemente houve um grande roubo na estrada do Rei. Os ladrões, no entanto, já foram pegos e logo serão julgados e condenados. – Cristiana e Misericórdia tiveram medo. Contudo, disse Mateus:

– Mãe, não tenha medo, pois o sr. Grande-Coração estará conosco e será o nosso guia. – Falou então Cristiana ao Porteiro:

– Sou-lhe muito grata por toda a bondade que teve para conosco desde que chegamos, e também por ter sido tão amável e gentil com os meus filhos. Não sei como recompensar a sua bondade. Peço-lhe que aceite este simples presente como sinal da minha gratidão e respeito. – E lhe entregou um anjo de ouro. Vigilante fez-lhe uma reverência e disse:

– Sejam sempre alvas as suas vestes, e nunca falte bálsamo à sua cabeça. Vida longa a Misericórdia, e que não cessem as suas obras. – Dirigindo-se aos meninos, falou ainda: – E vocês, fujam das paixões da juventude, e assim alegrarão o coração da sua mãe e terão louvores de todos os homens sensatos. – E, agradecendo ao Porteiro, todos partiram.

Vi então no meu sonho que caminharam até o cume do morro, onde Piedade, súbito, bradou: – Ah, dó! Esqueci o que pretendia dar a Cristiana e os seus. Vou voltar para buscar. – E, correndo, voltou para casa.

Enquanto isso, Cristiana pensou ouvir de um bosque ali perto, à direita, uma melodia das mais belas e curiosas, com estas palavras:

> Em toda esta minha vida
> Tens mostrado tanto favor,
> Que espero agora, no fim da vida,
> Contigo descansar, Senhor.

E, apurando os ouvidos, imaginou ouvir alguém respondendo assim:

> Porque o Senhor nosso Deus é bom,
> Sua Misericórdia é certa e perene.
> Sua verdade é firme, sublime dom,
> E sempre há de perdurar solene.

Cristiana, intrigada, perguntou a Prudência quem é que entoava essas interessantes canções.

– São nossas aves silvestres. Só raramente elas cantam essas melodias antes da Primavera, quando surgem as flores e o sol brilha forte. Nessa época, ouve-se o canto delas o dia inteiro. Muitas vezes, saio para ouvi-las; também costumamos ter algumas em casa, domesticadas. São uma companhia muito agradável quando estamos tristes; também transformam as matas, os bosques e lugares solitários em locais aprazíveis. – Voltando Piedade, disse ela a Cristiana:

– Olhe aqui, trouxe-lhe um resumo de todas as coisas que vocês viram em nossa casa. Você poderá lê-lo se esquecer algo e, assim,

relembrá-las para sua edificação e seu consolo.

10
O Vale da Humilhação



Os peregrinos retomaram a caminhada e começaram a descer o morro rumo ao Vale da Humilhação. Era uma encosta íngreme, e o caminho, escorregadio; mas tomaram cuidado, e desceram sem nenhum incidente. Já no vale, Piedade dirigiu-se a Cristiana:

– Foi neste lugar que Cristão, seu marido, encontrou o sórdido demônio Apoliom, e onde os dois travaram uma luta terrível. Por certo já ouviu relatos dela. Mas tenha coragem! Enquanto vocês tiverem como guia e protetor o sr. Grande-Coração, esperamos que tudo corra bem.

Dizendo isso, confiaram os peregrinos na proteção do guia, que caminhava à frente do grupo. Grande-Coração tranquilizava-os:

– Não precisamos ter tanto medo deste vale, pois não há nada nele que nos possa ferir, a não ser que nós mesmos o provoquemos. É verdade que foi aqui que Cristão encontrou Apoliom, com quem travou furioso combate; mas a batalha nada mais foi que o fruto dos deslizes que ele sofreu na descida do morro. Pois quem escorrega lá na encosta pode esperar combates aqui embaixo.

– Foi por esse motivo que este vale ganhou tão triste notoriedade – explicou-lhes Grande-Coração. – A gente do povo, quando ouve que alguma coisa assustadora aconteceu a alguém em certo lugar, logo pensa que o local é assombrado por algum terrível demônio ou espírito maligno; mas, na verdade, é em virtude dos seus próprios atos que tais coisas lhes ocorrem.

– Este Vale da Humilhação é em si mesmo lugar tão fértil como qualquer outro debaixo do céu – concluiu. – Estou convencido de que, se tivéssemos tempo para procurar, poderíamos encontrar algo na região que nos explicasse por que Cristão enfrentou tão dura prova aqui. – Tiago, admirado com algo que vira, exclamou:

– Olhe lá, mãe! Uma coluna, e parece que há algo escrito nela. Vamos lá ver o que é!

Foram e leram o seguinte: “Que os deslizes de Cristão antes de chegar aqui, e as batalhas que enfrentou neste lugar sirvam de exemplo para os próximos peregrinos”.

– Veja só! – impressionou-se o guia. – Não disse que por aqui haveria alguma coisa que poderia nos indicar a razão de Cristão ter sido tão duramente provado neste lugar? – Depois, dirigindo-se a Cristiana, Grande-Coração continuou:

– A vergonha para Cristão não é maior do que a de muitos outros cuja sorte não foi diferente, pois é mais fácil subir este morro que descê-lo. O mesmo podemos dizer da maior parte dos morros destas bandas do mundo. Mas deixemos o bom homem em paz, que ele já descansou. Afinal, alcançou valorosa vitória sobre o seu inimigo. Conceda-nos o Senhor que não tenhamos pior sorte do que ele quando chegar a hora da nossa provação.

– Bem, vamos conhecer algo sobre este Vale da Humilhação – começou a dizer-lhes o guia. – É o solo melhor e mais fértil de toda esta região. Trata-se, portanto, de uma terra rica e, como vocês podem ver, formada principalmente de prados. Se o peregrino passa por aqui no verão, como nós agora, sem conhecer nada da fama do lugar e sendo homem inclinado a admirar belas paisagens, certamente aprecia panoramas deslumbrantes. Vejam como é verde este vale, como as margaridas o embelezam.

– Também conheço muitos homens trabalhadores – disse ele – que têm boas propriedades neste Vale da Humilhação.[1] O solo é de fato muito rico, e produz abundantemente. Alguns também já desejaram passar daqui diretamente para a casa do Pai, evitando assim subidas e descidas de morros ou montanhas; mas o caminho é o caminho, e não há alternativa senão segui-lo.

Caminhavam distraídos, conversando, quando avistaram um menino apascentando as ovelhas do pai. Trajava roupas bem humildes, mas exibia expressão viçosa e bela. E, mesmo sozinho, cantava. Grande-Coração pediu-lhes, então, que prestassem atenção ao que o menino dizia:

> Quem está embaixo não teme a queda

Despreza o orgulho quem é singelo;
E o humilde, aquele que se apieda,
Tem a Deus por guia, o céu por elo.

Contenta-me aquilo que tenho,
Seja a delícia, seja o espinho,
Por contentar-me me empenho,
Pois eis da salvação o caminho.

Fardo para o peregrino é a riqueza.
Melhor é ter pouco aqui na terra,
Para depois, com toda a certeza,
Gozar a ventura que o céu encerra.

GRANDE-CORAÇÃO – Ouviram? Arrisco-me a dizer que este pequeno pastor leva uma vida mais feliz, e traz no peito mais daquela flor chamada tranquilidade, do que o homem que ostenta seda e veludo. Mas continuemos a nossa conversa.

– Neste vale – mostrou –, nosso Senhor tinha antigamente uma casa de campo; e adorava o lugar. Gostava também de caminhar por estes campos, pois achava o ar muito prazeroso. Além disso, aqui o homem está livre dos ruídos e dos afãs desta vida. Todas as regiões estão cheias de barulho e confusão; só o Vale da Humilhação é um lugar vazio e solitário.

– Aqui – acrescentou – o homem não é perturbado nem atrapalhado na sua contemplação, como provavelmente o será noutros lugares. É um vale por onde só passam os que amam a vida peregrina. Embora aqui Cristão tenha tido o infortúnio de encontrar Apoliom, enfrentando uma luta intensa, devo dizer-lhes que aqui, noutros tempos, os homens se encontravam com anjos, garimpavam pérolas e achavam até as palavras da vida.

– Mas não lhes disse que nosso Senhor teve aqui antigamente uma casa de campo, e que ele adorava caminhar por estes prados? – continuou Grande-Coração. – Pois acrescento que ele legou às pessoas que vivem aqui e que atravessam este lugar uma renda anual, paga religiosamente em certas épocas, a qual é usada para cobrir os gastos de viagem e para aumentar ainda mais o incentivo à peregrinação. – Então, uma curiosidade despertou Samuel.

SAMUEL – Senhor, sei que neste vale meu pai e Apoliom travaram a sua batalha. Mas onde ocorreu a luta, pois vejo que o vale é bem grande.

Grande-Coração – Seu pai combateu Apoliom num lugar que ainda está adiante, numa estreita passagem, pouco além da Campina do Esquecimento. De fato, é o lugar mais perigoso desta região, pois, se ali os peregrinos encontram qualquer obstáculo, esquecem as graças recebidas e o quanto são indignos delas. Foi também nesse lugar que outros se viram envolvidos em duras provações. Mas falaremos mais do local quando chegarmos lá. Tenho certeza de que até hoje permanece ali algum sinal da batalha, ou algum monumento que testemunhe que ali houve um combate grandioso.
Miser. – Sinto-me tão bem neste vale como em qualquer outro lugar da nossa jornada. O ambiente, creio eu, agrada ao meu espírito. Adoro esses lugares onde não se ouvem o ranger das carruagens e o rolar das rodas. Aqui, a pessoa pode refletir sobre o que é, de onde veio, o que tem feito, e a vocação que o Rei lhe deu; tudo isso sem muita perturbação.

– Neste lugar – concluiu ela –, pode-se meditar e penetrar no coração, fundir-se ao próprio espírito, até que os olhos se tornem como as piscinas de Hesbom (Ct 7.4). Quem passa sem deslize por este vale árido faz dele um manancial, que Deus alimenta com a chuva que ele manda do céu.[2] É também neste vale que o Rei dará aos verdadeiros crentes os seus vinhedos, e quem passar por aqui cantará, como o fez Cristão, apesar de ter encontrado Apoliom.
Grande-Coração – É verdade. Eu mesmo passei por este vale já muitas vezes, e sempre me senti muito melhor aqui do que em qualquer outro lugar. Também já fui guia de vários peregrinos, e todos eles confessaram a mesma coisa. “O homem para quem olharei é este:” – disse o Rei – “o aflito e abatido de espírito, e que treme da minha palavra” (Is 66.2).

Afinal chegaram ao local onde ocorreu a batalha mencionada. Disse então o guia a Cristiana, seus filhos e Misericórdia:

– É este o lugar. Neste chão Cristão passou e Apoliom veio dali sobre ele. Mas vejam ali! Não lhes disse? Eis nessas pedras manchas de sangue do seu marido, até hoje. Olhem também como, pelo chão, ainda há estilhaços dos dardos de Apoliom. Observem como o chão ainda guarda as marcas dos pés dos dois, quando um

buscava se posicionar melhor contra o outro na luta. Reparem que os golpes desviados despedaçaram muitas pedras aqui em volta.

– De fato – disse ele – Cristão aqui se provou homem de muito valor. Revelou-se tão determinado quanto o próprio Hércules o seria, tivesse ele lutado em seu lugar. Quando Apoliom se viu derrotado, retirou-se para o vale vizinho, chamado Vale da Sombra da Morte, ao qual logo chegaremos.

– Mas vejam lá adiante! – mostrou-lhes. – Há também um monumento que registra a batalha e a vitória de Cristão, para que a sua fama perdure pelos séculos dos séculos.

Ficava um pouco à margem do caminho, e eles foram até lá para ler a inscrição, que, palavra por palavra, dizia assim:

Severa batalha foi aqui travada
Entre Apoliom e Cristão.
Era desejo de cada guerreiro
Seu oponente esmagar no chão.

Mas o homem se provou audaz,
Fez fugir o demônio, o ódio,
E aqui este pilar se ergue loquaz,
Para testemunhar o episódio.

11
O Vale da Sombra da Morte



Deixando para trás o monumento, chegaram à entrada do vale, que se mostrava mais comprido que o anterior. Era um lugar certamente esquisito, assombrado por coisas do mal, como muitos podem confirmar. As mulheres e os meninos seguiam, porém, em paz, pois caminhavam à luz do dia e ainda tinham Grande-Coração como guia.

Entrando pelo vale, imaginaram ouvir gemidos como de mortos, num barulho surdo e contínuo. Também julgaram ouvir lamentos; como de homens sob terrível tormento. Os meninos tremiam de medo; as mulheres traziam o rosto lívido e abatido. O guia, no entanto, tranquilizava-os.

Caminhando um pouco mais, sentiram que o solo começava a tremer debaixo deles, como se ali houvesse algum espaço oco. Ouviam também silvos como de serpentes, mas nada aparecia. Os meninos, então, quiseram saber se faltava muito para sair daquele lugar sombrio.

O guia então os encorajou, mandando que olhassem bem onde pisavam, para que não caíssem, por acidente, em alguma cilada.

Tiago começou a sentir-se mal, mas acho que era apenas medo. Sua mãe então lhe deu um copo do vinho que ganhara na casa de Intérprete, e três dos comprimidos que o dr. Destreza lhe preparara. O menino, então, recuperou-se, e eles continuaram caminhando até alcançar o meio do vale, quando Cristiana disse:

– Acho que estou vendo algo lá adiante. Uma coisa, cujo formato nunca vi igual.

– O que é, mãe? – quis saber José.

– Uma coisa horrível, filho, uma coisa horrível.

– Mas como é essa coisa, mãe?

– Nem sei lhe dizer, meu filho. – E agora que já estava bem perto, ela balbuciou: – Está se aproximando.

– Muito bem – disse Grande-Coração –, quem estiver com muito medo fique perto a mim.

O demônio vinha na direção do grupo, mas o guia avançou para ele e, justamente quando iam se confrontar, a criatura desapareceu. Então se lembraram do que lhes disseram há algum tempo: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7).

Assim seguiram adiante revigorados. Mas não haviam avançado muito quando Misericórdia, olhando para trás, pensou ver uma fera muito parecida com um leão, que se aproximava velozmente. O animal rugia um rugido surdo e vasto, e a cada rugido todo o vale ecoava, metendo medo no coração dos peregrinos. Apenas o guia não se assustava.

Quando alcançou o grupo, Grande-Coração postou-se atrás e deixou os peregrinos à frente. O leão se acercava ágil, mas o guia tomou posição para lhe dar combate.[1] Contudo, ao ver que encontraria resistência, a fera recuou e não mais se aproximou deles.

Então retomaram a marcha, e o guia seguia à frente deles, até que alcançaram um ponto onde um abismo tomava toda a largura do caminho. Antes que pudessem se preparar para superar o obstáculo, desceu sobre eles forte névoa e escuridão, e nada mais enxergaram. Desesperaram-se os peregrinos:

– Ai de nós! Que faremos?

– Não temam – retrucou o guia. – Fiquem imóveis e observem o fim que se dará a isso.

Então ficaram ali, pois o caminho estava obstruído. Pareceu-lhes também que ouviam mais alto o ruído e o alvoroço dos inimigos. Da mesma forma, o fogo e a fumaça do abismo eram muito mais intensos.

Cʀɪsᴛ. – Agora vejo o que teve de passar o meu pobre marido – lamentou-se ela com Misericórdia. – Ouvi falar muito deste lugar, mas não fazia ideia do que era. Pobre homem, passou aqui completamente sozinho e em meio à escuridão da noite, durante quase todo o percurso. Esses demônios também não deixavam de atormentá-lo, como se a cada instante fossem fazê-lo em pedaços.

Muitos já falaram dele, mas ninguém pode dizer o que é o Vale da Sombra da Morte, senão quem passa por aqui. “O coração conhece a sua própria amargura, e da sua alegria não participará o estranho” (Pv 14.10). Estar aqui é algo apavorante.

Grande-Coração – É como estar em águas profundas, ou como afundar no abismo. É como estar no coração dos mares, como descer às profundezas das montanhas. É como se os fundamentos da terra fossem nos envolver para sempre.[2] Mas aquele que caminha em trevas sem luz nenhuma, confie no nome do Senhor e se firme sobre o seu Deus (Is 50.10).

– De minha parte – continuou –, já lhes disse que muitas vezes cruzei este vale, já sofri provações bem maiores do que essas e, no entanto, como vocês veem, sobrevivi. Não quero me vangloriar, porque não sou o meu próprio salvador. Mas creio que sairemos bem desta. Oremos, então, àquele que pode iluminar as nossas trevas, que pode repreender, não só estes, mas todos os demônios do inferno.

Então clamaram e oraram, e Deus mandou luz e libertação. Já não havia obstáculo no caminho, nem mesmo vestígio do abismo que lhes barrara o avanço.

Contudo, como não haviam ainda alcançado o fim do vale, prosseguiram atormentados por odores fétidos e medonhos. Em meio a tudo isso, disse Misericórdia a Cristiana:

– Aqui não há nada de agradável, como o que encontramos à porta do início do caminho, na casa de Intérprete ou nesta última casa em que ficamos.

– Ah! – interveio um dos meninos –, mas não é pior passar por aqui do que morar para sempre neste lugar. E, pelo que sei, uma das razões por que precisamos passar por aqui antes de chegar à morada que está preparada para nós é que esta provação fará a nossa casa mais prazerosa.

– Muito bem, Samuel – comentou o guia –, agora você falou como homem.

– Pois se eu conseguir sair daqui – continuou o menino –, passarei a valorizar muito mais a luz e o bom caminho do que

jamais o fiz.

– Já estamos perto do fim – assegurou Grande-Coração. – Iam caminhando quando José disse:

– Ainda não podemos ver o fim do vale?

– Olhe por onde anda, pois logo verá muitas armadilhas pelo chão – disse o guia.

E todos passaram a caminhar muito atentos ao chão onde pisavam, vendo-se obrigados a driblar muitas ciladas. Cruzando esse trecho coalhado de armadilhas, avistaram um homem preso numa vala, à esquerda do caminho, com a carne toda lacerada e rasgada.

GRANDE-CORAÇÃO – Este é um tal Desatento que passava pelo caminho. Está ali há muito tempo. Quando caiu na cilada, seguia ao lado dele um homem chamado Cauteloso, mas este escapou. Vocês nem imaginam quantos morrem por aqui, e mesmo assim os homens continuam loucos e atrevidos, arriscando-se levianamente durante a peregrinação, andando sem guia.

– Pobre Cristão! – exclamou. – É um milagre que ele tenha escapado. O fato de ele ser amado por Deus lhe valeu muito. Ele possuía também grande coração, senão certamente não teria conseguido superar tudo isso.

Finalmente, já se aproximavam do fim do vale e, bem ali, onde Cristão vira a caverna de Papa e Pagão, saiu-lhes ao encontro um gigante chamado Apoquentador, que costumava iludir jovens peregrinos com sofismas. Ele chamou Grande-Coração pelo nome, dizendo:

APOQ. – Quantas vezes você já não foi proibido de fazer essas coisas?

GRANDE-CORAÇÃO – Que coisas? – admirou-se.

APOQ. – Que coisas!? Você sabe muito bem. Mas vou pôr um ponto final nesse seu negócio sujo.

GRANDE-CORAÇÃO – Antes, porém, explique-me o motivo da luta. – As mulheres e os meninos ficaram de lado, tremendo, sem saber o que

fazer.
Apoq. – Você assalta a terra e comete o pior dos roubos.
Grande-Coração – Isso é uma acusação vaga. Apresente fatos.
Apoq. – Você é um raptor. Reúne mulheres e crianças e os arrasta até terras remotas para enfraquecer o reino do meu Mestre.
Grande-Coração – Sou servo do Deus do céu. Meu ofício é levar os pecadores ao arrependimento. Tenho ordens de me esforçar por conduzir homens, mulheres e crianças das trevas à luz, das garras de Satanás até Deus. Se você quer mesmo lutar, deixe de falatório, pois estou pronto a lutar quando você quiser.

O gigante, então, avançou e Grande-Coração foi confrontá-lo. Aproximando-se, o guia desembainhou a sua espada, enquanto o gigante trazia nas mãos uma clava. Sem mais delongas, atracaram-se.

Já no primeiro golpe, o gigante atingiu Grande-Coração, deixando-o de joelhos. As mulheres e as crianças gritaram de pavor. O guia, recuperando-se, atacou o inimigo com todo o ímpeto, ferindo-o no braço.

Combateram durante uma hora, em luta tão acirrada que o calor que saía das narinas do gigante era como o calor que sobe de um caldeirão fervente.

Tendo-se dado uma mútua trégua, o gigante sentou-se para descansar, enquanto Grande-Coração entregou-se à oração. As mulheres e crianças nada faziam senão gemer e chorar durante toda a batalha.

Descansados e com novo fôlego, os lutadores voltaram ao combate, mas Grande-Coração, com um golpe certeiro, atirou o gigante ao chão, que pediu uma trégua para poder levantar-se.

Grande-Coração, com nobreza, permitiu que o inimigo se reerguesse. Atracaram-se novamente e, por muito pouco, o gigante não acertou com a clava um golpe demolidor na cabeça do oponente.

Atento, o guia lançou um contra-ataque com todo o alento do seu espírito, e feriu o gigante debaixo da quinta costela. Apoquentador, mortalmente atingido, desfaleceu e largou a clava, sem forças. Grande-Coração desferiu então um segundo golpe, decepando a

cabeça do adversário. Ao lado, as mulheres e as crianças davam vivas, e o guia louvava a Deus pela libertação que lhes foi concedida.

Finda a luta, erigiram uma coluna e, no alto, firmaram a cabeça do gigante. Então escreveram o seguinte, em letras que os viajantes pudessem ler:

> O dono desta cabeça, cruel,
> Iludia sempre o peregrino.
> Detinha o avanço do fiel,
> Levava ao louco desatino.
> Contudo, eu, Grande-Coração,
> Guia dos crentes no caminho,
> Propus-me afrontar o tição,[3]
> Dando cabo, enfim, do daninho.

12
Honesto e Temente



Vi então, em meu sonho, que eles subiam uma elevação pouco adiante, erguida como mirante para os peregrinos. (Foi desse lugar que Cristão viu pela primeira vez seu irmão Fiel.) Ali, portanto, sentaram e descansaram; também comeram e beberam, e se alegraram, pois haviam alcançado a libertação de inimigo tão perigoso. Enquanto comiam, Cristiana perguntou ao guia se não havia se ferido no combate.

Grande-Coração – Não. Só a minha carne se feriu um pouco, mas isso, longe de me fazer mal, serve na verdade como prova do meu amor ao Mestre e a vocês. Certamente, isso há de aumentar, pela graça, a minha recompensa no final.
Crist. – Mas o senhor não teve medo quando o gigante o atacou com a clava?
Grande-Coração – É meu dever duvidar da minha própria capacidade para confiar somente naquele que é mais forte do que todos.
Crist. – Mas o que lhe passou pela cabeça quando ele o atirou no chão já no primeiro golpe?
Grande-Coração – Lembrei-me que o mesmo aconteceu a meu Senhor e, no entanto, no fim, ele venceu.
Mateus – Cada um pensa o que quiser, mas acho que Deus foi maravilhoso conosco, tanto por nos tirar deste vale quanto por nos libertar das garras do inimigo. De minha parte, não vejo razão para duvidar de nosso Deus, pois ele várias vezes, e mesmo em lugares como esses, já nos deu imensas provas do seu amor.

Então se puseram de pé e partiram. Pouco adiante, avistaram um carvalho e, alcançando-o, viram debaixo dele, dormindo, um velho peregrino; souberam que era peregrino pelas roupas que usava, pelo cajado e o cinto.

– Qual é o problema? Quem são vocês, e o que fazem aqui? – berrou o velho peregrino ao ser despertado pelo guia.

– Calma, senhor, não se zangue conosco. Somos amigos – disse-lhe Grande-Coração.

Mesmo assim o homem se levantou e, em guarda, quis saber quem eram eles. Respondeu o guia:

– Meu nome é Grande-Coração. Sou o guia destes peregrinos que seguem rumo à Terra Celestial. – Pasmo, respondeu o sr. Honesto:

– Peço perdão. Temi que fossem do bando daqueles que há algum tempo roubaram todo o dinheiro de Pequena Fé, mas, observando melhor, vejo que são gente honesta.

Grande-Coração – Ora, e o que o senhor faria para se defender, caso fôssemos realmente desse bando?

Honesto – O que faria? Ora, lutaria até quando me restasse um mínimo de alento. E, agindo assim, tenho certeza de que vocês não teriam levado a melhor sobre mim, pois um cristão jamais pode ser vencido, a menos que ele mesmo se renda.

Grande-Coração – Muito bem, sr. Honesto. Com essas palavras, agora sei que o senhor é um homem correto, pois disse a verdade.

Honesto – Percebo também que você sabe qual é a verdadeira peregrinação, pois todos os outros pensam que somos os mais fáceis de vencer.

Grande-Coração – Ora, depois deste encontro tão feliz, permita-me saber o seu nome, e de que lugar veio.

Honesto – Meu nome não posso revelar, mas vim da Cidade da Estupidez, que fica a alguns quilômetros da Cidade da Destruição.

Grande-Coração – Ah, então o senhor é aquele camponês de que já ouvi falar. Creio que seu nome é Honestidade, não? – O homem corou, envergonhado, e disse:

Honesto – Não honestidade, abstratamente, mas Honesto; e desejo sinceramente que a minha natureza confirme o meu nome. Como o senhor sabia que sou eu esse tal homem, sendo que venho de lugar tão remoto?

Grande-Coração – Meu Mestre já me falou do senhor antes, pois ele conhece todas as coisas que se fazem na terra. No entanto, sempre

duvidei que alguém pudesse vir da sua terra, pois aquela cidade é ainda pior que a Cidade da Destruição.[1]
Honesto – Sim, pois temos menos sol, e por esse motivo somos mais frios e insensíveis. Mas mesmo estando um homem numa montanha de gelo, se o sol da justiça nasce sobre ele, seu coração enregelado sentirá ternura; e foi isso que aconteceu comigo.
Grande-Coração – Acredito, pai Honesto, acredito, pois sei que é verdade. – Então o velho senhor saudou todos os peregrinos com um santo beijo de caridade, perguntou os seus nomes, e como haviam passado desde o início da peregrinação.
Crist. – Meu nome, suponho que o senhor já ouviu falar. Meu marido era o bom Cristão, e estes são os quatro filhos dele.

O leitor certamente pode imaginar como o velho senhor se surpreendeu ao saber quem era a mulher. Pulou de alegria, sorriu e abençoou a todos com mil votos de felicidade.

Honesto – Já ouvi falar muito do seu marido, das viagens e das batalhas que ele enfrentou nos seus dias. Para que lhe sirva de consolo, saiba que o nome do seu marido é conhecido em todas as partes do mundo. A fé que ele demonstrou, a coragem, a determinação e a sinceridade em todas as situações tornaram nome dele famoso. – Depois perguntou os nomes dos meninos, e eles mesmos lhe disseram.
– Mateus – disse-lhe o velho peregrino –, seja como o publicano Mateus, não no vício, mas na virtude. Samuel, seja como o profeta Samuel, homem de fé e oração. José, seja como José na casa de Potifar, casto e esquivo à tentação. E você, Tiago, seja como Tiago, o justo, e também como Tiago, irmão de nosso Senhor.

Então lhe falaram de Misericórdia e de como ela deixara a sua cidade e os seus parentes para acompanhar Cristiana e os filhos. O homem interrompeu:

– Misericórdia é o seu nome? Pela misericórdia você será sustentada e carregada em todas as dificuldades que lhe

sobrevierem no caminho, até chegar aonde, com consolo, você olhará nos olhos da Fonte da Misericórdia.

Observando toda a conversa, o sr. Grande-Coração sorria verdadeiramente feliz para o companheiro.

Partiram dali juntos e, no caminho, o guia perguntou ao velho senhor se ele não conhecia certo sr. Temente, que saíra em peregrinação das suas terras.

Honesto – Conheço, sim, e muito bem. Um homem que tinha em si o essencial, mas também um dos peregrinos mais complicados que já encontrei em toda a minha vida.
Grande-Coração – Vejo que o conhecia, pois o senhor deu uma descrição bem precisa dele.
Honesto – Se o conheço!? Era grande companheiro dele, e segui com ele boa parte do caminho. Também estava com ele quando começou a refletir sobre o que nos viria depois desta vida.
Grande-Coração – Fui o guia dele da casa do meu senhor até as portas da Cidade Celestial.
Honesto – Então percebeu que era um homem complicado...
Grande-Coração – De fato. Mas tolerei sem problemas, pois o meu ofício volta e meia me obrigava a conduzir gente como ele.
Honesto – Ora, então peço que nos conte um pouco dele, de como ele se saiu sob a sua orientação.
Grande-Coração – Vivia sempre com medo de não conseguir chegar aonde pretendia. Tudo o assustava. Se algo possuía a menor aparência de verdade, tinha para ele força de lei. Ouvi falar que ficou esbravejando no Pântano do Desânimo por um mês inteirinho, pois não ousava arriscar-se, apesar de todos os que via seguir adiante, muitos dos quais lhe ofereceram ajuda.

– Tampouco queria voltar – acrescentou Grande-Coração. – Dizia que morreria se não conseguisse chegar à Cidade Celestial e, no entanto, abatia-se a cada dificuldade e tropeçava em cada cisco que alguém lhe atirava no caminho.

– Bem, depois de ter permanecido um bom tempo ali no Pântano do Desânimo – continuou –, certa manhã de sol determinou-se a seguir em frente, nem sei como, e superou aquele trecho. Mas

quando saiu, mal podia crer que havia conseguido. Tinha, acho eu, um Pântano do Desânimo dentro da cabeça, o qual sempre trazia consigo, senão jamais seria como era.

– Assim, chegou à porta – contou –, aquela que, bem sabe o senhor, fica à entrada do caminho. Ali também ficou um bom tempo antes de criar coragem para bater. Quando a porta se abriu, deu lugar a outros que vinham atrás, dizendo que não era digno. Apesar de ter chegado à porta antes de outras pessoas, boa parte delas entrou primeiro. O coitado ficava ali em pé, tremendo, encolhido. Tampouco pensava em voltar. Era uma cena de cortar o coração de qualquer um.

– Afinal – continuou –, ele resolveu bater na porta, dando uma ou duas pancadinhas. Quando a porta foi aberta, ele se encolheu novamente. O porteiro, então, saiu para vê-lo e lhe disse: “Você que está aí tremendo, o que quer?”

– Assim que ouviu isso, caiu no chão – prosseguiu Grande-Coração. – O porteiro que lhe falava se admirou de vê-lo tão desfalecido. Então disse ao homem: “A paz seja contigo. Levante-se, pois deixei a porta aberta para você. Entre, pois você é bendito”. Aí ele se ergueu e entrou tremendo.

– Lá dentro – afirmou – ele tinha vergonha de mostrar o rosto. Bem, depois de alguma conversa, segundo a praxe que o senhor conhece, ele recebeu ordens de seguir seu caminho e também orientações sobre que rumo tomar. Então subiu até chegar à nossa casa.

– Diante da porta do meu senhor – contou –, ele fez o mesmo que já fizera diante da entrada do caminho. Ficou ali fora no frio um bom tempo antes de se aventurar a chamar. Tampouco se decidia a voltar. Era época de noites longas e frias.

– Trazia ele junto ao peito, é claro, um bilhete endereçado ao meu senhor – continuou. – A nota pedia que ele fosse recebido na casa com todo o conforto, e também que lhe fosse destinado um guia valente e resoluto, pois ele era muito medroso.

– Pois mesmo com tudo isso – acrescentou –, ele ainda temia bater à porta. Ficou por ali, coitado, até quase morrer de fome. Tão grande era o seu desânimo que, embora tenha visto vários outros que, batendo à porta, entraram, ele tinha medo de tentar.

Todos caminhavam juntos, ouvindo a história de Temente, que Grande-Coração continuou a contar:

– Então, se bem me lembro, olhei pela janela e vi um homem que andava de um lado para outro diante da porta. Fui lá fora falar com ele, e perguntar quem era. Mas, pobre homem, seus olhos se encheram de lágrimas; e percebi o que queria. Entrei e contei aos outros da casa, e levamos o caso ao nosso Senhor. Então ele me mandou ir lá fora e convidar o homem a entrar; mas, por incrível que pareça, tive muito trabalho para convencê-lo.

– Finalmente ele entrou – disse Grande-Coração –, e fazendo justiça ao meu Senhor, devo dizer que ele tratou o homem com extrema amabilidade. Não havia muita comida na mesa, mas boa parte dela colocamos no seu prato. Ele então mostrou o bilhete, e meu Senhor, lendo, disse: “Seu desejo deve ser atendido”.

– Depois de certo tempo na casa – continuou –, ele pareceu criar algum ânimo, sentindo-se um pouco mais à vontade. Meu Mestre, como o senhor deve saber, tem um enorme coração, especialmente para com os que têm medo; por essa razão ele conduziu as coisas de modo que aumentasse ao máximo a coragem do homem.

– Algum tempo depois – disse o guia –, quando ele já tinha visto as coisas do lugar e estava pronto para fazer a jornada até a cidade, meu Senhor, assim como fez com Cristão, deu-lhe uma garrafa de vinho e algumas boas coisas de comer. Então, partimos nós dois, e eu ia na frente. Ele, no entanto, era homem de poucas palavras, assim eu só ouvia os seus suspiros.

– Chegando ao lugar onde aqueles três homens foram enforcados – comentou o guia –, ele me disse que temia que aquele também fosse o seu fim. Só pareceu se alegrar ao ver a cruz e o sepulcro. Ali, confesso, desejou ficar um pouco para observar e, até algum tempo depois, pareceu continuar um pouquinho animado.

– Quando chegamos ao Morro da Dificuldade – contou o guia–, não reclamou, nem teve muito medo dos leões, pois o senhor deve saber que suas preocupações não eram sobre coisas como essas. Ele, na verdade, tinha medo de não ser aceito no fim.

– Acho que o fiz entrar no Palácio Belo meio a contragosto – confessou Grande-Coração. – Ademais, já lá dentro o apresentei às senhoras da casa, mas ele teve vergonha de aproveitar a

companhia delas. Queria muito ficar sozinho, porém adorava uma boa conversa, e muitas vezes se escondia atrás do biombo para ouvir.

– Também gostava de ver coisas antigas e refletir sobre elas – disse. – Mais tarde, falou-me que apreciara muito ficar naquelas duas casas, a do início do caminho e a de Intérprete, mas me confidenciou que não ousava fazer perguntas.

Iam caminhando distraidamente enquanto Grande-Coração lhes contava a história daquele homem tão medroso:

– Quando, deixando a Casa Bela, descemos a encosta até o Vale da Humilhação, notei que ele desceu melhor do que qualquer outro homem que eu já conhecera, pois não se importava em ser pobre, contanto que alcançasse a felicidade. Acho que havia uma espécie de simpatia entre ele e aquele vale, pois nunca o vi tão bem em toda a peregrinação quanto naquele vale. Deitava-se no chão, abraçava a terra e chegava mesmo a beijar as flores que cresciam no vale. Levantava-se ao raiar do dia toda manhã, passeando por toda parte.

– Mas quando chegamos à entrada do Vale da Sombra da Morte – disse o guia com um suspiro –, pensei que perderia o peregrino, não que ele demonstrasse a menor intenção de voltar, pois abominava essa ideia, mas esteve a ponto de morrer de medo. “Ah, os demônios vão me levar, os demônios vão me levar”, gritava ele, e eu não conseguia convencê-lo do contrário. Fez tanta gritaria e tanto alvoroço ali que, tão logo os inimigos o ouvissem se encheriam de coragem para cair sobre nós.

– Notei, porém, uma coisa bem curiosa: nunca aquele vale esteve tão silencioso, nem antes, nem depois! – exclamou. – Suponho que os inimigos estivessem sob controle especial de nosso Senhor, com ordens de não perturbar até que o sr. Temente tivesse passado.

– Seria tedioso demais contar-lhes tudo. Só vou mencionar um ou dois casos mais – disse o guia. – Quando chegou à Feira das Vaidades, pensei que ele iria brigar com todos os homens da feira. Temi que nós dois fôssemos espancados, tal era a irritação dele diante da insensatez do povo do lugar.

– Também no Solo Enfeitiçado ele permaneceu bem atento – continuou. – Mas chegando à beira do rio sem ponte, novamente se achou muito deprimido. Dizia que agora se afogaria para sempre, e

que jamais viveria o consolo de ver o rosto que caminhara tantos e tantos quilômetros para ver. – E, concluindo seu relato, Grande-Coração disse:

– Ali também reparei algo notável. O rio estava mais raso na época, mais do que jamais vi em toda a minha vida. Ele por fim acabou entrando no rio e atravessando a corrente, com água pouco acima das canelas. Quando ele já subia até o portão, fui me despedir dele e lhe desejar boa recepção lá em cima. Neste momento, ele me disse: “Vou conseguir, vou conseguir”. Então nos separamos, e nunca mais o vi.

Honesto – Então parece que tudo deu certo, afinal...

Grande-Coração – Sim, sim, nunca duvidei dele. Era homem de um espírito excelente, só que sempre estava muito abatido, e isso tornava a sua vida muito penosa para si mesmo, e muito complicada para os outros. Mais do que muitos, ele era sensível ao pecado. Tinha tanto medo de prejudicar os outros que muitas vezes se privava do necessário, só para não escandalizar ninguém.

Honesto – Mas qual seria a razão que levou um homem tão bom a viver todos os seus dias em tanta obscuridade?

Grande-Coração – Vejo duas razões para isso. Primeiro, o sábio Deus o quis assim; uns choram enquanto outros levam a vida na flauta. Ora, o sr. Temente sempre preferia as notas mais graves. Ele e seus pares sopram instrumentos cujas notas são mais lúgubres que as de outros. Contudo, como dizem alguns, as notas graves são a música por excelência.

– Para ser sincero, não me agrada absolutamente a profissão de fé que não parte da gravidade dos pensamentos – confessou ele. – A primeira corda que o músico geralmente toca quando pretende afinar o instrumento é a mais grave. Deus também toca primeiro essa corda quando afina para si a alma. A imperfeição do sr. Temente era só esta: não conseguiu tocar outra música até o fim da vida.

– Ouso falar assim metaforicamente – disse – para o amadurecimento da sabedoria dos jovens leitores, e porque no Livro do Apocalipse os salvos são comparados a um grupo de músicos que tocam suas trombetas e harpas, e entoam as suas canções diante do trono.[2]

Honesto – Ele era um homem muito zeloso, como se pôde ver pela descrição que o senhor fez dele. Dificuldades, leões ou a Feira das Vaidades, isso ele não temia. Para ele, terror eram somente o pecado, a morte e o inferno, pois acalentava dúvidas de que seria aceito na Cidade Celestial.
Grande-Coração – O senhor está certo. Essas eram as coisas que o atormentavam; e, como o senhor mesmo bem observou, elas nasciam da fraqueza dos seus pensamentos, não da fraqueza do espírito no tocante à parte prática da vida do peregrino. Creio que, como diz o provérbio, ele poderia até desviar de obstáculos que lhe cruzassem o caminho, mas as coisas que o oprimiam, homem nenhum jamais poderia afastar facilmente.
Crist. – Esse relato sobre o sr. Temente me fez bem. Pensei que ninguém mais fosse como eu. Mas vejo que há alguma semelhança entre esse bom homem e eu; só diferimos em duas coisas. Suas preocupações eram tão grandes que transpareciam, mas as minhas ficam dentro de mim. Essas preocupações também lhe pesavam tanto que nem conseguia bater à porta das casas destinadas a hospedar os peregrinos. Mas as minhas inquietações sempre me fizeram bater mais forte.
Miser. – Se também eu puder abrir aqui o meu coração, devo dizer que algo desse homem também habita em mim. Pois sempre tive mais medo do lago e da perda de um lugar no Paraíso do que de perder outras coisas. Sempre pensei assim: ah, que eu alcance a felicidade de ter uma morada lá no alto, mesmo que para conquistar isso seja preciso perder o mundo todo.
Mateus – O medo foi uma das coisas que me fez pensar que eu estava longe de ter dentro de mim aquilo que acompanha a salvação. Mas se um homem tão bom como esse se sentia assim, por que também eu não posso vencer?
Tiago – Sem medo não há graça. Embora nem sempre haja graça naquele em que prevalece o medo do inferno, certamente não há graça naquele que não teme a Deus.
Grande-Coração – Muito bem, Tiago! Você foi preciso no seu comentário, pois o temor de Deus é o princípio da sabedoria. Certamente, a quem falta esse princípio, não há nem meio nem fim. Mas

encerremos aqui a nossa conversa sobre o sr. Temente, depois de lhe fazer esta homenagem como despedida.

Tu, Temente, temeste a Deus
E medo tiveste neste mundo
De trair os belos sonhos teus
E acabar no abismo profundo
E temeste o abismo e o lago?
Pois outros o fizessem também:
Que amargará destino aziago
Quem à prudência votar desdém.

13
Os erros de Teimoso



Os peregrinos seguiram seu caminho e continuaram a conversar. Depois de Grande-Coração encerrar o discurso sobre o sr. Temente, Honesto começou a lhes falar de outro homem, chamado Teimoso.

– Ele se pretendia peregrino – disse Honesto. – Mas acho que ele jamais chegou à porta do início do caminho.

– O senhor chegou a conversar com ele sobre o assunto? – perguntou Grande-Coração.

Honesto – Sim, e mais de uma vez, mas ele nunca mudava; era sempre teimoso. Não dava ouvidos aos homens, aos argumentos, aos exemplos. O que sua cabeça lhe ditava, isso fazia, mas era impossível convencê-lo a fazer outra coisa.

Grande-Coração – E quais princípios ele seguia, pois suponho que o senhor nos saberia dizer.

Honesto – Ele sustentava que o homem podia seguir os vícios tanto quanto as virtudes dos peregrinos; e, tanto num como noutro caso, certamente alcançaria a salvação.

Grande-Coração – Mas como! Se ele dissesse que mesmo os melhores são culpados dos vícios, mas também partilham das virtudes dos peregrinos, não estaria lá muito errado. Pois, de fato, não somos absolutamente eximidos de vício nenhum, a menos que vigiemos e nos esforcemos; mas vejo que não é esse o caso. Contudo, se o compreendi corretamente, o senhor quer dizer que ele acreditava serem os vícios permitidos.

Honesto – Foi isso mesmo o que eu quis dizer. Ele acreditava nisso, e agia dessa forma.

Grande-Coração – Mas com base em que ele dizia tal coisa?

Honesto – Ora, dizia ele que tinha as Escrituras ao seu lado.

Grande-Coração – O senhor poderia nos dar alguns exemplos?

Honesto – Claro. Disse que Davi, o amado de Deus, teve casos com mulheres de outros homens, e que, portanto, ele também poderia fazê-lo. Disse que o próprio Salomão tinha mais de uma mulher, e que ele também tinha esse direito. Disse que Sara e as piedosas

parteiras mentiram, assim como Raabe, que também se salvou, e que, portanto, ele poderia fazer o mesmo. Disse ainda que os discípulos, cumprindo ordens do Mestre, foram e tomaram o jumento de outra pessoa, e que ele também teria o direito de fazê-lo. E disse que Jacó obteve a herança do pai por meio de fraude e dissimulação, e que então ele também poderia fazê-lo.

Grande-Coração – Como era desprezível esse homem! Tem certeza de que ele pensava assim?

Honesto – Pois eu o ouvi defender essa ideia, lendo trechos das Escrituras e forjando dali argumentos...

Grande-Coração – Mas de modo algum, alguém pode pensar assim neste mundo.

Honesto – O senhor precisa me entender bem. Ele não disse que qualquer homem poderia agir assim, mas somente os que tinham as mesmas virtudes daqueles que fizeram tais coisas.

Grande-Coração – Que conclusão tão falsa! Isso equivale a dizer que, como homens bons já cederam ao pecado por fraqueza, ele tem permissão de fazê-lo também por presunção. Ou, então, se uma criança, seja por causa de uma rajada de vento seja por ter tropeçado numa pedra, caiu e se sujou de lama, então ele pode voluntariamente se deitar e chafurdar ali como um porco.

– Quem poderia conceber que um homem se deixaria cegar a tal ponto pelas paixões? – comentou tristemente. – Mas sem dúvida nenhuma é verdade o que está escrito: “São estes os que tropeçam na Palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos” (1 Pe 2.8). – E acrescentou ainda Grande-Coração:

– A suposição de que o homem que se entrega aos vícios em que caíram alguns homens piedosos pode conseguir também as virtudes deles é uma ilusão tão forte quanto a outra. É como se o cão dissesse: “Eu tenho, ou posso ter, as qualidades da criança porque lambo os malcheirosos excrementos dela”. Entregar-se ao pecado do povo de Deus não é um sinal de quem possui as suas virtudes. Tampouco posso crer que alguém que defenda tal opinião tenha fé ou amor por Deus. Mas sei que o senhor lhe deve ter feito fortes objeções; e o que ele diz para se defender?

Honesto – Diz ele: “Fazê-lo por convicção parece muito mais honesto do que, sendo contrário a isso, assim mesmo fazê-lo”.

Grande-Coração – Resposta degradante essa. Certamente soltar as rédeas das paixões, sendo contrário a elas, já é ruim; mas pecar e ainda advogar tolerância para o pecado é pior. Um faz tropeçar acidentalmente os que o observam, enquanto o outro os atrai intencionalmente à armadilha.
Honesto – Pois muitos são os que concordam com esse homem, sem, no entanto, expressar assim as suas ideias, e essa é uma das razões pelas quais a peregrinação é tão depreciada hoje.
Grande-Coração – O senhor disse a verdade, e é algo a lamentar. Mas quem teme o Rei do Paraíso deve se livrar disso tudo.
Crist. – Há estranhas opiniões neste mundo. Conheço um homem que disse que haveria tempo suficiente para se arrepender na hora da morte.
Grande-Coração – A esse falta sabedoria. Tal homem, se tivesse uma semana para correr vinte quilômetros a fim de salvar a sua vida, certamente não iria querer adiar a corrida para a última hora da semana.
Honesto – O senhor tem razão, mas a maioria dos que se consideram peregrinos de fato age assim. Eu, como o senhor vê, sou um velho, e há muito tempo trilho esta estrada e já observei muitas coisas. – Então começou a contar algumas de suas experiências:

– Vi alguns que partiram como se fossem vencer todo o mundo diante deles, mas que, em poucos dias, morreram como o povo no deserto, sem jamais enxergar a terra prometida.

– Vi alguns que nada prometeram quando se colocaram a caminho. Ninguém depositava neles a menor confiança, mas acabaram se revelando ótimos peregrinos.

– Vi outros que corriam velozes pelo caminho certo, mas que, depois de certo tempo, voltavam correndo pelo caminho inverso.

– Vi algumas pessoas que de início falavam muito bem da vida de peregrino, mas que depois passaram a injuriá-la.

– Já vi gente que, ao partir rumo ao Paraíso, afirmava que o céu era real de fato; mas depois de quase chegar lá, voltava dizendo que tal lugar não existia.

– Ouvi gente alardear que faria isso e aquilo no caso de encontrar oposição, mas que ao menor alarme falso acabou abandonando a

fé, o caminho de peregrino e tudo o mais.

E enquanto seguiam pelo caminho veio alguém correndo em sua direção. Acercando-se deles, disse-lhes:

– Senhores, e mulheres também, tratem de fugir se amam a vida, pois os ladrões estão no seu encalço.

– Certamente são os três que atacaram Pequena Fé. Mas estamos preparados para enfrentá-los –, comentou Grande-Coração.

E seguiram caminho, esperando a cada curva encontrar os bandidos. Mas talvez, por já terem ouvido falar do sr. Grande-Coração, talvez por terem em mira outra presa, não assaltaram os peregrinos.

14
Em casa de Gaio



Caminhavam já havia bastante tempo e como todos estavam exaustos, Cristiana manifestou o desejo de encontrar uma hospedaria para ela e os filhos.

– Há uma um pouco adiante, onde mora um discípulo muito honrado chamado Gaio – disse o sr. Honesto.

Resolveram então ir até lá, ainda mais depois de o velho senhor dar tão boas referências do lugar. Chegando diante da porta, entraram sem bater, pois não se costuma bater à porta de uma hospedaria. Perguntaram então pelo dono da casa, que veio até eles. Os peregrinos, então, pediram-lhe para pousar ali. O estalajadeiro, então, assentiu desde que todos fossem homens de fé, pois sua casa só servia aos peregrinos.

Cristiana, Misericórdia e os meninos ficaram ainda mais animados vendo que o estalajadeiro amava os peregrinos. Perguntaram sobre os quartos, e o homem os conduziu até eles: um para Cristiana, os meninos e Misericórdia, e outro para Grande-Coração e o velho.

Grande-Coração – Bem, amigo Gaio, o que temos para o jantar? Pois esses peregrinos caminharam muito hoje, e estão exaustos.

Gaio – Já é tarde, por esse motivo não podemos sair para comprar comida; mas o que temos, vocês todos podem comer, se assim o desejarem.

Grande-Coração – Nós nos contentamos, claro, com o que você tem na casa; pois, como já tive a oportunidade de verificar, nunca lhe falta o necessário. – Gaio, então, desceu para falar com o cozinheiro, chamado Prove-o-que-é-bom, mandando que ele preparasse o jantar para todos os peregrinos. Depois voltou para seus hóspedes.

Gaio – Bons amigos meus, vocês todos são bem-vindos aqui, e me considero feliz por ter uma casa como esta para recebê-los. Enquanto o jantar fica pronto, que tal partilharmos uma boa conversa? – Todos concordaram imediatamente. – Quem é o marido desta senhora? E esta moça? É filha de quem?

Grande-Coração – A mulher é esposa de um homem chamado Cristão, peregrino de outros tempos, e este são seus quatro filhos. A moça é conhecida dela, e acabou convencida a acompanhá-la na peregrinação. Os meninos desejam seguir o exemplo do pai e querem seguir os seus passos: basta verem um lugar onde o velho peregrino se deitou, ou qualquer pegada do seu pé, isso já lhes enche de alegria o coração, e desejam também ali se deitar e trilhar as mesmas pegadas.

Gaio – Então esta é a mulher de Cristão, e estes seus filhos? Pois conheci o pai do seu marido, e também o avô dele. É uma linhagem de homens nobres, sem dúvida. Seus ancestrais viviam em Antioquia. Os antepassados de Cristão eram homens muito dignos. Certamente a senhora ouvia seu marido falar deles, pois se revelaram, mais do que quaisquer outros que conheci, homens de grande virtude e coragem pelo senhor dos peregrinos, pelos seus caminhos e por aqueles que o amaram.

– Ouvi falar de muitos parentes do seu marido que suportaram todas as provações por amor da verdade – comentou o estalajadeiro. – Estêvão, que foi um dos primeiros da família de que descende seu marido, foi morto a pedradas. Tiago, outro da sua ascendência, foi morto pelo fio da espada, para não falar de Paulo e Pedro, homens também da família de que procede seu marido.

– Houve também Inácio – continuou –, que foi lançado aos leões; Romano, cuja carne lhe foi arrancada aos pedaços dos ossos; e Policarpo, que se provou bravo no fogo. Houve um que ficou pendurado num cesto debaixo do sol, servindo de repasto de vespas; e outro que colocaram num saco e lançaram ao mar, para que se afogasse.

– Seria absolutamente impossível contar todos os membros dessa família que já padeceram e morreram por amor à vida de peregrino – concluiu. – Tampouco posso deixar de me alegrar ao ver que seu marido deixou quatro meninos como estes. Espero que saibam honrar o nome do pai, que trilhem seus passos, e alcancem o mesmo fim dele.

Grande-Coração – De fato, senhor, são meninos promissores estes. Parecem escolher sinceramente os caminhos do pai.

GAIO – Foi o que eu disse. Por essa razão a família de Cristão vai provavelmente se espalhar pelo mundo, sendo numerosa sobre a face da Terra. Que Cristiana, portanto, trate de procurar boas moças para os filhos, com quem possam se casar, para que o nome do seu pai, e a casa dos seus antepassados, jamais caia no esquecimento neste mundo.
HONESTO – Seria uma pena se esta família viesse a se extinguir.
GAIO – Não creio que se extinga, mas pode sim diminuir. Espero que Cristiana acate o meu conselho, pois é essa a maneira de conservá-la. – Então, dirigindo-se a Cristiana, disse: – Cristiana, estou feliz por ver juntas aqui você e sua amiga Misericórdia; belo par sem dúvida. Se me permite, ouso dar-lhe um conselho: aceite Misericórdia num parentesco mais chegado a você. Se ela o quiser, que seja dada a Mateus, seu filho mais velho. É uma forma de preservar sua posteridade na Terra.

E essa união de fato se decidiu, e no tempo devido acabaram se casando. Mas disso falaremos depois.

GAIO – Proponho-me agora falar em nome das mulheres, para lhes tirar dos ombros a vergonha. Pois assim como a morte e a maldição entrou no mundo por uma mulher, também dela vieram a vida e a saúde. Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher (Gl 4.4).

– Para mostrar o quanto as que vieram depois abominavam o ato da sua mãe – continuou –, no Antigo Testamento, as mulheres desejaram filhos na esperança de que uma delas fosse, quem sabe, a mãe do Salvador do mundo. E digo mais. Quando veio o Salvador, foram as mulheres que se alegraram nele, antes mesmo dos homens ou dos anjos.

– Nunca li que homem algum tenha dado a Cristo sequer um centavo – acrescentou ele –, mas as mulheres o seguiam e o serviam, dando-lhe o que tinham. Foi uma mulher que lhe lavou os pés com lágrimas, e também uma mulher que ungiu seu corpo para o sepultamento.

– Eram mulheres que choravam quando ele se encaminhava à cruz – disse –, e foram mulheres que o seguiram depois de ele ter sido descido da cruz e que fizeram vigília diante do sepulcro onde

ele foi enterrado. Quem primeiro encontrou Cristo depois da ressurreição também foram as mulheres, e elas levaram aos discípulos a notícia de que ele havia ressurgido dos mortos. As mulheres, portanto, contam com muitas dádivas de Deus, e mostram com isso que partilham conosco da graça da vida.

Neste momento, chegava à sala aviso do cozinheiro de que o jantar estava quase pronto. Veio, portanto, uma criada para arrumar a mesa.

MATEUS – Esta toalha e os preparativos para o jantar me abriram ainda mais o apetite.
GAIO – Pois que todas as doutrinas desta vida gerem em você maior desejo de sentar-se à mesa da ceia do grande Rei deste reino. Toda a pregação, todos os livros e mandamentos terrenos não passam de mera disposição de pratos e sal na mesa se comparados ao banquete que nosso Senhor vai nos oferecer quando chegarmos à sua casa.

Enfim, serviu-se o jantar, mas primeiro se pôs na mesa diante deles a coxa alçada da oferta e o peito movido,[1] para mostrar que devem começar a refeição com oração e louvor a Deus. Com a coxa alçada da oferta, Davi elevou o seu coração a Deus, e o peito movido, dentro do qual batia o seu coração, nesse ele costumava apoiar a harpa quando tocava.

Eram dois pratos muito saudáveis e bons, e todos comeram com alegria no coração. A seguir, serviu-se uma garrafa de vinho, vermelho como sangue.

GAIO – Bebam à vontade. Este é o suco da videira verdadeira que alegra o coração de Deus e do homem. – Então, beberam e se alegraram. Depois, serviu-se um prato de mingau de leite. – Que os meninos tomem o leite para que cresçam. – Em seguida, serviu-se um prato de manteiga e leite. Gaio, então, disse:

– Comam à vontade, pois dá bom ânimo, discernimento e compreensão. Era o prato de nosso Senhor quando criança, “Ele

comerá manteiga e mel quando souber desprezar o mal e escolher o bem" (Is 7.15). – Depois, trouxeram-lhes um prato de maçãs. As frutas estavam muito boas e gostosas.

Mateus – Será que devemos comer maçãs, se foi com elas que a serpente iludiu a nossa primeira mãe?
Gaio – É verdade que foi com uma fruta que nossos primeiros pais foram enganados, porém o que contaminou a alma deles foi o pecado e não a fruta. Fruta proibida corrompe o sangue, mas a mesma fruta, quando nos é permitida comê-la, faz-nos bem. "Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, pois desfaleço de amor" (Ct 2.5).
Mateus – Digo isso porque adoeci comendo uma fruta.
Gaio – O fruto proibido o deixa doente, mas não o que nosso Senhor permitiu.

Enquanto conversavam, serviu-se outro prato, um prato de nozes. Mas alguns da mesa disseram que as nozes estragam dentes fracos, especialmente os dentes das crianças.

Gaio – Há textos difíceis que se parecem com as nozes, cujas cascas impedem que se chegue facilmente ao miolo. Mas, quebrada a casca, é fácil comer o fruto depois. – Estavam, portanto, muito alegres, e ficaram à mesa bastante tempo, conversando sobre muitas coisas.
Honesto – Meu bom hospedeiro, enquanto quebramos nozes, peço que tente desvendar este enigma:

> Homem houve, embora o julgassem demente,
> Que quanto mais dava, menos ficava carente.

Todos ficaram muito atentos, imaginando o que o bom Gaio diria. E ele ficou calado um momento, mas respondeu assim:

> Quem distribui todos os seus bens aos pobres,
> Dez vezes terá, contado será entre nobres.

José – Cheguei a pensar que o senhor não acharia a resposta.

GAIO – Ah! Pois venho sendo treinado nisso há muito tempo. Não há Mestre como a experiência. Aprendi que o meu Senhor é bom, e vi o que alcancei por meio dele. “A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda” (Pv 11.24). “Uns se dizem ricos sem ter nada; outros se dizem pobres, sendo mui ricos” (Pv 13.7).
SAMUEL – Mãe – disse num sussurro – esta casa é mesmo de um homem muito bom. Vamos ficar aqui algum tempo, até que meu irmão Mateus se case com Misericórdia?
GAIO – De muito bom grado os recebo, filho – tranquilizou o menino, pois ouvira o que ele dissera à mãe.

E ali ficaram por mais de um mês, período em que Misericórdia foi dada por esposa a Mateus.

Na hospedaria, Misericórdia fazia capas e roupas para dar aos pobres, como era seu costume, e por esse motivo aumentou a boa reputação de que gozavam os peregrinos.

Mas voltemos à nossa história. Depois do jantar, os meninos quiseram ir para a cama, pois estavam cansados da viagem. Gaio mandou que uma criada os acompanhasse até o quarto, mas Misericórdia interveio, dizendo que ela mesma o faria. Levou-os, então, para o quarto, e dormiram bem.

Os outros, no entanto, ficaram acordados a noite inteira, pois Gaio e os hóspedes se entrosaram tão bem que simplesmente não conseguiam se despedir. Assim, depois de muito falar sobre o Senhor, sobre si mesmos e a viagem, o velho cavalheiro, o sr. Honesto – que propusera o enigma a Gaio –, começou a se deixar vencer pelo sono.

– Ora, senhor, então está sonolento? – notou Grande-Coração. – Vamos, desperte, pois tenho um enigma para o senhor.

– Pois vamos ouvi-lo, então – aceitou Honesto. E foi este o enigma:

> Quem deseja matar deve em primeiro lugar se deixar vencer;
> Quem deseja viver no estrangeiro, deve primeiro em casa morrer.

– Ora! – admirou-se o sr. Honesto. – Esse é dos difíceis, difícil de expor e ainda mais difícil de praticar. Mas, caro hospedeiro, inclino-me a deixar ao senhor a minha parte, caso não se oponha. O senhor expõe, e eu ouço o que o senhor tem a dizer.

– Não – respondeu Gaio –, pois o enigma foi proposto ao senhor, e o senhor mesmo deve encontrar a solução. – Então disse o velho:

> Deve antes pela graça se deixar vencer
> Aquele que o pecado mortificaria.
> Contudo, quem deseja tentar me convencer,
> Este morra para si com sabedoria.

GAIO – Correto. Assim ensinam a boa doutrina e a experiência. Em primeiro lugar, enquanto a graça não se revelar e conquistar a alma com a sua glória, o homem se opõe ao pecado inutilmente. Ademais, se o pecado são as cordas de Satanás, com as quais a alma permanece amarrada, como poderia ela opor resistência antes de se libertar desse empecilho?

– Em segundo lugar – acrescentou ele –, ninguém que conheça a razão ou a graça crê que o homem escravizado pelas próprias corrupções possa ser um monumento vivo da graça.

– Mas acabo de me lembrar de algo – disse subitamente. – Vou lhes contar um caso que vale a pena escutar. Dois homens saíram em peregrinação; o primeiro começou ainda jovem, o outro já velho. O moço tinha fortes tentações a atormentá-lo, enquanto ao velho as tentações já não o perturbavam tanto, pois haviam se enfraquecido com o enfraquecimento da natureza. O moço dava passos tão retos quanto o velho, e em todos os aspectos era tão firme quanto este. Mas em qual dos dois a graça brilhava mais nitidamente, se os dois pareciam tão iguais?

HONESTO – No jovem, sem dúvida. Pois aquele que avança contra oposição maior dá mais demonstração de força, especialmente quando emparelha com quem encontra apenas metade dos obstáculos, como é o caso do velho.

– Além disso – acrescentou o velho senhor –, tenho observado que os velhos orgulham-se erroneamente ao atribuir muitas vezes à graça alguma vitória sobre as paixões, quando na realidade isso ocorre devido à deterioração da natureza. Eles apenas se iludem.

– Não há dúvida – explicou – que os velhos dotados da graça são mais capazes de dar conselhos do que os moços, pois já comprovaram a vaidade das coisas. Mas quando um velho e um moço partem juntos, o moço tem a vantagem de descobrir, com prazer, a obra da graça dentro dele, por esse motivo as tentações do velho são naturalmente mais fracas. – E assim ficaram a conversar até o alvorecer.

15
O gigante Guerra-ao-Bem



Logo pela manhã, quando a família se levantou, Cristiana mandou o filho Tiago ler o capítulo 53 de Isaías. Depois, o sr. Honesto perguntou por que o texto dizia que o Salvador viria de uma terra seca, e também que não tinha aparência nem formosura.

GRANDE-CORAÇÃO – Respondendo a primeira pergunta: porque a igreja dos judeus, da qual veio Cristo, havia então perdido quase toda a virtude e o espírito da religião. Quanto à segunda, creio que essas palavras foram ditas em nome dos descrentes, aqueles que, desprovidos da visão espiritual que penetra o coração do nosso Príncipe, julgam-no apenas pela aparência do seu exterior.

– Eu os comparo àqueles que não sabem que as pedras preciosas se acham cobertas de uma crosta grosseira – ensinou. – Esses, quando acham uma, por não saber o que encontraram, jogam-na fora como se fosse uma pedra comum.

GAIO – Bom. Aproveitando que os senhores estão aqui, e sabendo que Grande-Coração maneja bem as armas, se os senhores não se opuserem, depois de nos revigorarmos, vamos caminhar pelo campo para ver se podemos fazer algum bem.

– A cerca de um quilômetro e meio daqui – explicou-lhes – vive um certo Guerra-ao-Bem, um gigante que muito perturba a estrada do Rei nestas bandas. Sei onde ele se esconde. Ele é chefe de vários bandidos. Seria bom se pudéssemos deixar nossa região livre desse gigante.

Todos concordaram, e então o grupo partiu. Grande-Coração com espada, capacete e escudo, e os outros com lanças e paus.

Chegando ao lugar onde morava o gigante, viram que tinha nas mãos um certo sr. Hesitante, que seus servos lhe haviam trazido depois de agarrá-lo na estrada. Ora, o gigante lhe tirava os pertences com o objetivo de devorá-lo depois, pois era da espécie dos comedores de gente.

Logo que o gigante viu Grande-Coração e seus amigos à entrada da caverna, todos armados, quis saber o que queriam ali.

GRANDE-CORAÇÃO – É você que procuramos. Viemos vingar os muitos peregrinos que já matou, arrastando-os para fora da estrada do Rei. Saia, portanto, do seu esconderijo. – E ele, armando-se, saiu. Imediatamente, lançaram-se à batalha, e lutaram por mais de uma hora. Então descansaram para recobrar o fôlego.
GUERRA-AO-BEM – O que vocês fazem aqui no meu território?
GRANDE-CORAÇÃO – Viemos vingar o sangue dos peregrinos, como já lhe disse antes.

Recomeçando o combate, o gigante fez Grande-Coração recuar, mas este voltou à carga. Munido de seu grande intelecto, atacou com tanta determinação a cabeça e os flancos do gigante que este deixou cair a arma. Aproveitando essa vantagem, Grande-Coração o atingiu e o matou, decepando-lhe a cabeça, que levou consigo para a hospedaria. Levou também Hesitante, o peregrino, acomodando-o na hospedaria.

Ali mostraram a cabeça do monstro à família, e a erigiram num poste, como já haviam feito antes, como advertência para aqueles que tentassem fazer como ele dali por diante.

Então perguntaram ao sr. Hesitante como ele caíra nas mãos do gigante.

HESITANTE – Sou um homem doente, como podem ver, e como a morte geralmente batia uma vez por dia à minha porta, pensei que jamais seria feliz em casa. Por essa razão abracei a vida de peregrino, e trilhei todo o caminha que vem da Cidade da Incerteza, onde meu pai e eu nascemos.

– Sou homem sem força nenhuma no corpo ou na mente – declarou –, mas, se puder, pretendo passar a vida no caminho do peregrino, ainda que seja arrastando-me. Quando cheguei à porta do início do caminho, o senhor do lugar me recebeu graciosamente. Não levantou objeções contra a minha aparência débil, nem contra a minha hesitação inata, mas me concedeu todo o necessário para a jornada, ordenando que eu mantivesse acesa até o fim a esperança.

– Quando cheguei à casa de Intérprete – contou –, fui recebido com muita bondade, pois, como consideraram o morro da Dificuldade árduo demais para mim, fui carregado até lá em cima por um dos seus servos.

– De fato – disse –, encontrei nos peregrinos muito alívio, embora nenhum deles estivesse disposto a seguir tão devagar como me vejo obrigado a fazer. Assim mesmo, quando passavam por mim, diziam-me que eu tivesse bom ânimo, que era vontade do Senhor que os hesitantes fossem consolados. Depois, eles seguiam o seu caminho, no seu ritmo.

– Quando cheguei ao Beco do Assalto – explicou –, esse gigante me encontrou e me disse em alta voz que eu deveria me preparar para a luta; mas, ai de mim, débil como sou, precisava mais era de um estimulante. Então ele me agarrou ali mesmo e me levou.

– Imaginei que talvez ele não fosse me matar – disse. – Mesmo depois, quando me jogou no esconderijo dele, acreditava que sairia vivo dali, pois não fui para lá por vontade própria. Ouvi dizer que, segundo as leis da Providência, o peregrino que é feito cativo não morre nas mãos do inimigo se mantiver o coração firme no Senhor.

– Eu esperava ser roubado, como realmente fui – continuou –, mas, como podem ver, escapei com vida, e por esse motivo agradeço ao meu Rei, autor do meu resgate, e a vocês como instrumentos. Também espero outros desastres, mas isto já resolvi: correr quando puder correr, caminhar quando não puder correr, e rastejar quando não puder andar.

– Quanto ao mais – concluiu –, graças àquele que me ama, estou curado. Meu caminho está diante de mim; minha mente se concentra naquele lugar além do rio sem ponte, embora, como podem ver, eu seja hesitante por natureza.

Honesto – O senhor por acaso, algum tempo atrás, não conheceu certo sr. Temente, também peregrino?

Hesitante – Se o conheci? Claro. Era da cidade da Estupidez, que fica quatro quilômetros ao norte da Cidade da Destruição, e à mesma distância do lugar onde nasci. Mesmo assim nos conhecíamos bem, pois ele era de fato meu tio, irmão do meu pai. Eu e ele tínhamos índole muito parecida. Ele era um pouco mais baixo que eu, mas também tínhamos mais ou menos a mesma constituição física.

Honesto – Vejo que o conhecia, realmente, e me inclino a crer também que eram de fato parentes, pois o senhor tem o mesmo rosto pálido, a mesma expressão no olhar, e suas palavras são também muito parecidas.
Hesitante – Muitos dos que conheceram a mim e a ele disseram a mesma coisa. Além disso, daquilo que reparei nele, boa parte encontrei também em mim.
Gaio – Pois tenha bom ânimo; amigo. Aqui na minha casa você é bem-vindo. O que desejar, peça sem receio, pois meus criados estão à sua disposição para servi-lo prontamente e com boa vontade.
Hesitante – Essa é uma graça tão inesperada, como o sol brilhando por meio de uma nuvem muito escura. Será que o gigante Guerra-ao-Bem pretendia me conceder essa graça quando me impediu de seguir meu caminho? Será que, depois de limpar os meus bolsos, ele pretendia que eu fosse para a casa de Gaio, meu hospedeiro? Pois assim foi.

Ora, enquanto o sr. Hesitante e Gaio conversavam, chegou alguém correndo, batendo na porta. Dizia que a cerca de dois quilômetros e meio dali, um peregrino chamado Equivocado fora atingido por um raio, e jazia morto.

Hesitante – Meu Deus! O homem está morto? Ele me alcançou alguns dias antes de passarmos por aqui, e seria o meu companheiro de viagem. Estava comigo quando o gigante Guerra-ao-Bem me agarrou, mas foi mais ligeiro e escapou. Contudo, ao que parece, escapou para a morte, enquanto eu fui pego para a vida.

> O que aparentemente mataria num instante
> Muitas vezes livra da aflição mais cruciante
> A mesma Providência, cuja face é a morte,
> Por vezes, concede vida aos humildes, a sorte.
> Pois eu fui pego, e ele escapou e fugiu.
> Mas eu ganhei a vida, ele, a morte vil.

Ora, por esse tempo Mateus e Misericórdia já estavam casados. Gaio então deu sua filha Febe a Tiago, irmão de Mateus. Depois

disso ainda ficaram mais de dez dias na casa de Gaio, aproveitando ali o tempo e as estações, como costumam fazer os peregrinos.

Quando estavam para ir embora, Gaio deu uma festa para todos, e comeram, beberam e se alegraram. Na hora de partir, o sr. Grande-Coração pediu a conta das despesas, mas Gaio lhe disse que na sua casa não era costume que os peregrinos pagassem pela hospedagem. Ele os hospedava por todo o ano, mas quanto ao pagamento, o esperava do bom Samaritano, pois este lhe prometera que, quando voltasse, pagaria fielmente todas as despesas que tivera com os hóspedes.[1] Então lhe disse o sr. Grande-Coração:

– “Amado, procedes fielmente naquilo que praticas com os irmãos, e isto fazes, mesmo quando são estrangeiros, os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus” (3 Jo 5,6).

Então Gaio se despediu de todos e dos seus filhos, e especialmente do sr. Hesitante. Também lhe deu algo para beber pelo caminho. Mas o sr. Hesitante, quando já saíam pela porta, fez como se pretendesse ficar.

Grande-Coração – Venha, sr. Hesitante, por favor venha conosco. Eu serei o seu guia, e o senhor comigo será como os outros.
Hesitante – Ai de mim! Preciso de um companheiro adequado às minhas forças. Vocês todos são vigorosos e fortes, mas eu, como vocês veem, sou fraco. Prefiro, portanto, seguir atrás, para não ser um fardo nem para mim mesmo, nem para vocês, em virtude das minhas muitas debilidades.

– Como já disse, sou um homem fraco e hesitante – lamentou-se –, e as coisas que os outros podem suportar me incomodam e me enfraquecem. Não sei rir, não gosto de roupas alegres, e não me agradam perguntas vãs. Não. Sou tão fraco a ponto de me ofender com aquilo que os outros têm o direito de fazer.

– Não conheço ainda toda a verdade – justificou-se. – Sou um cristão ainda muito ignorante. Por vezes, se ouço alguém exultando no Senhor, isso me incomoda porque eu não consigo fazer o

mesmo. Sou como um fraco entre fortes, ou como um doente entre os sadios, ou como uma lâmpada desprezada. (Aquele cujos pés já vacilam é uma lâmpada desprezada para o homem que se acha tranquilo.[2]) Assim, não sei o que fazer.

Grande-Coração – Mas, irmão, tenho por incumbência consolar os hesitantes e apoiar os fracos. O senhor deve, sim, seguir conosco. Caminharemos no seu ritmo e o ajudaremos; até nos privaremos de algumas coisas, sejam doutrinárias, sejam práticas, por sua causa. Não entraremos em discussões e debates diante do senhor. Faremos tudo para que não fique para trás.

Todo esse diálogo ocorreu diante da porta de Gaio. Estando eles no calor da discussão, chegou Prestes-a-Tropeçar,[3] com muletas às mãos, e que também ia em peregrinação.

Hesitante – Homem, como você chegou aqui? Eu estava agora mesmo reclamando que não tinha um companheiro adequado, mas você é justamente o que eu queria. Bem-vindo, bem-vindo, meu bom Prestes-a-Tropeçar, espero que você e eu sejamos auxílio um para o outro.

Prestes-a-Tropeçar – Fico feliz com a sua companhia, meu bom sr. Hesitante. Agora que nos encontramos, acho que não seria bom que nos separássemos. Pelo contrário, disponho-me a emprestar-lhe uma das minhas muletas.

Hesitante – Não, agradeço-lhe muito sua boa vontade, mas não quero mancar antes de me tornar coxo. Contudo, ela talvez me ajude a enxotar um cão atrevido...

Prestes-a-Tropeçar – Se eu ou minhas muletas pudermos fazer-lhe algum bem, estamos às suas ordens, caro sr. Hesitante.

Assim, seguiram à frente Grande-Coração e o sr. Honesto; Cristiana e seus filhos vinham a seguir, e atrás caminhavam Hesitante e Prestes-a-Tropeçar, este de muletas.

16
A Feira da Vaidade



Caminhavam todos os peregrinos quando o sr. Honesto começou a seguinte conversa com o sr. Grande-Coração:

– Agora que estamos de volta à estrada, gostaria que nos contasse alguns casos edificantes de gente que saiu em peregrinação antes de nós.

Grande-Coração – Com muito prazer! Acho que já ouviu o relato de como Cristão, há tempos, encontrou Apoliom no Vale da Humilhação, e das dificuldades que ele teve de enfrentar no Vale da Sombra da Morte. Creio que o senhor também já ouviu falar dos apuros de Fiel com a madame Libertina, com o primeiro Adão, com um homem chamado Descontente e com outro de nome Vergonha, todos ardilosos malfeitores, dos piores que se pode encontrar no caminho.

Honesto – Sim, na verdade já ouvi falar de tudo isso. O bom Fiel realmente passou maus bocados diante de Vergonha, pois era um homem incansável.

Grande-Coração – É verdade, pois como disse muito bem o peregrino, esse tal Vergonha dentre todos os homens tinha o nome errado.

Honesto – Mas onde foi, senhor, que Cristão e Fiel encontraram Tagarela? Pois sei que esse caso foi também notável.

Grande-Coração – O tal Tagarela era um louco presunçoso, mas muitos seguiam os seus caminhos.

Honesto – E ele quase enganou mesmo Fiel?

Grande-Coração – Não fosse Cristão lhe abrir os olhos... – E assim foram caminhando até chegar ao lugar onde Evangelista encontrou Cristão e Fiel, profetizando o que lhes aconteceria na Feira das Vaidades. – Foi por aqui que Cristão e Fiel se encontraram com Evangelista, que lhes profetizou as aflições que encontrariam na Feira das Vaidades.

Honesto – É mesmo?! Deve ter sido um capítulo difícil o que ele leu para os dois.

Grande-Coração – Realmente, mas ele também os encorajou. Mas que dizer deles? Eram dois homens dignos: tinham a coragem do leão e

nervos de aço. Não lembra como os dois ficaram serenos diante do juiz?
Honesto – É, Fiel sofreu bravamente!
Grande-Coração – É verdade. Coisas maravilhosas originaram-se disso, pois, como nos conta a história, Esperançoso e outros se converteram em função da morte dele.
Honesto – Bem, peço-lhe então que narre a história toda, pois o senhor a conhece bem.
Grande-Coração – De todos os que Cristão encontrou depois de passar pela Feira das Vaidades, o pior foi um tal Interesse Próprio.
Honesto – Interesse Próprio? Quem era esse?
Grande-Coração – Homem perigoso, hipócrita de marca maior. Queria ser religioso seguindo os caminhos ditados pelo mundo, mas era tão ardiloso que cuidava de nada perder, de nada sofrer.

– Tinha uma crença apropriada para cada nova ocasião – acrescentou –, e sua esposa era tão exímia nessa arte quanto ele próprio. Ele mudava de opinião como se troca de roupa, e incitava os outros a fazerem o mesmo. No entanto, pelo que eu soube, seus interesses ocultos lhe renderam um triste fim. Também nunca ouvi falar que algum dos seus filhos fosse estimado por quem verdadeiramente teme a Deus.

A essa altura já avistavam a cidade de Vaidade, onde acontece a Feira das Vaidades. Ao ver que estavam já tão próximos do lugar, discutiam entre si sobre como deveriam se comportar em Vaidade. Cada um dizia uma coisa. Afinal, pronunciou-se o sr. Grande-Coração:

– Como vocês bem sabem, já conduzi muitos peregrinos por essa cidade. Hoje conheço bem certo sr. Mnasom, de nacionalidade cipriota, velho discípulo, em cuja casa podemos nos hospedar.[1] Se vocês quiserem, podemos ir até lá.

– Ótimo – disse o velho Honesto, seguido por Cristiana, pelo sr. Hesitante e todos os outros.

Ora, o leitor deve saber que se acercavam da cidade já ao cair da noite, mas o sr. Grande-Coração conhecia bem o caminho até a casa do homem, e para lá seguiram. Ele chamou à porta, e o dono

da casa reconheceu imediatamente a língua falada pelo visitante. Abriu a porta e todos entraram. Disse então Mnasom, o anfitrião:

– Quanto caminharam hoje?

– Da casa de Gaio, nosso amigo, até aqui – responderam.

– Pois então foi uma bela jornada. Certamente, estão exaustos, sentem-se.

GRANDE-CORAÇÃO – Pois bem, peregrinos, animem-se! Todos são bem-vindos na casa deste meu amigo.
MNASOM – É verdade. Dou-lhes as boas-vindas de coração. O que quiserem, por favor peçam, que faremos o possível para atendê-los.
HONESTO – Nosso grande desejo, na verdade, era abrigo e boa companhia, e agora acredito que já temos as duas coisas.
MNASOM – Quanto ao abrigo, vocês podem verificar por si mesmos. Contudo, quanto à boa companhia, essa se revela na aflição.
GRANDE-CORAÇÃO – Bem, você então leva os peregrinos até os seus quartos?
MNASOM – Claro.

E ele os levou aos respectivos quartos, mostrando-lhes também uma bela sala de jantar, onde cearíam e ficariam até a hora de dormir.

Estando todos já instalados, alegres e aliviados depois da viagem, perguntou o sr. Honesto ao hospedeiro se havia ainda na cidade pessoas honradas.

MNASOM – Temos algumas apenas. Na verdade são poucas, se comparadas com os que estão do outro lado.
HONESTO – É possível ver algumas dessas pessoas? A visão de bons homens para quem sai em peregrinação é como o surgimento da lua e das estrelas para quem navega pelos mares. – Mnasom então bateu com o pé no chão, e logo apareceu sua filha, Graça.

– Graça, vá chamar os meus amigos, os senhores Arrependido, Santo-Homem, Amor-aos-Santos, Não-Ousa-Mentir e Penitente. Diga-lhes que há em nossa casa alguns amigos que desejam conhecê-los.

Graça foi chamá-los, e todos vieram. Após as apresentações, sentaram-se à mesa. Disse então o sr. Mnasom, o anfitrião:

– Amigos, como podem ver tenho hoje em minha casa a companhia de peregrinos. Vieram de longe e seguem rumo ao monte Sião. Agora, quem vocês acham que é esta aqui? – perguntou, apontando para Cristiana. – É Cristiana, esposa de Cristão, o famoso peregrino que, com Fiel, seu irmão, foi tão vergonhosamente maltratado nesta nossa cidade. – E eles se surpreenderam, dizendo:

– Quando Graça foi chamar-nos, jamais poderíamos imaginar que fôssemos encontrar Cristiana. É uma surpresa das mais agradáveis.

Perguntaram então à mulher como tinha passado, e se os moços eram filhos do seu marido. Ouvindo resposta afirmativa, disseram:

– O Rei, a quem amam e servem, faça de vocês seguidores do caminho do seu pai, e os leve até onde Cristão se encontra hoje em paz.

Perguntou depois o sr. Honesto ao sr. Arrependido e aos outros como eles avaliavam a presente condição da cidade.

ARREPENDIDO – O senhor pode ter certeza de que a cidade está em alvoroço, pois é tempo de feira. É difícil manter em paz o coração e o espírito em situação tão conturbada. Quem mora num lugar como este, quem tem de se relacionar com as pessoas com as quais convivemos, precisa sempre de algo que o faça ficar atento a cada momento do dia.

HONESTO – Mas as pessoas daqui não estão mais tranquilas?

ARREPENDIDO – Hoje estão muito mais moderadas do que antes. O senhor sabe o que Cristão e Fiel sofreram aqui nesta cidade; mas, recentemente, posso dizer que estão muito mais moderadas. Acho que o sangue de Fiel até hoje ainda é um fardo a pesar sobre elas, pois desde que o queimaram, não ousaram queimar mais ninguém.

– Naqueles dias – contou –, tínhamos medo até de andar pelas ruas, mas hoje podemos mostrar o rosto. Naquela época, o nome do crente provocava repulsa; hoje, especialmente nalgumas partes da

cidade (pois o senhor sabe que é uma cidade grande), a religião é respeitada. Mas como vão todos vocês na sua peregrinação? O que têm achado do caminho?

HONESTO – Acontece conosco o mesmo que a qualquer viajante. Às vezes, o caminho está limpo, outras enlameado; às vezes, subimos, outras descemos. Quase nunca convivemos com a certeza. O vento nem sempre está a nosso favor, nem tampouco são amigos todos os que encontramos na estrada.

– Na verdade – disse Honesto –, já encontramos alguns obstáculos consideráveis, e não sabemos o que temos pela frente. Seja como for, vemos que é verdade o que já se dizia antigamente: "O bom homem deve sofrer aflições".

ARREPENDIDO – O senhor fala de obstáculos; que obstáculos foram esses?

HONESTO – Acho melhor que o sr. Grande-Coração, nosso guia, responda a esta pergunta, pois é ele quem pode dar o melhor relato.

GRANDE-CORAÇÃO – Já fomos importunados três ou quatro vezes. Primeiro, Cristiana e seus filhos foram abordados por dois bandidos que procuravam tirar-lhes a vida. Depois, fomos atacados por três gigantes: Ódio, Apoquentador e Guerra-ao-Bem. Na verdade, nós é que atacamos este último.

– Esse fato ocorreu – contou Grande-Coração – quando estávamos instalados na casa de Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja. Resolvemos pegar nossas armas e sair para ver se podíamos encontrar alguns dos inimigos dos peregrinos (pois ficamos sabendo que havia nas redondezas um terrível gigante).

– Gaio conhecia o território do gigante melhor do que eu – disse –, pois ele morava ali na região. Então vasculhamos as redondezas à procura do gigante, até encontrar a entrada da caverna em que ele se escondia. Assim nos alegramos e animamos o espírito.

– Quando nos aproximávamos do esconderijo – continuou –, vimos que o gigante havia capturado à força este pobre homem, o sr. Hesitante, e que estava prestes a matá-lo. No entanto, quando o gigante nos viu, certamente supôs que tinha outras presas, e, deixando o pobre homem lá dentro, saiu para nos enfrentar.

– Foi nesse momento que nos lançamos à luta – disse. – O gigante combateu com todas as suas forças, mas no fim foi atirado

ao chão. Então decepamos a cabeça do monstro e a erigimos num poste ao lado do caminho, para amedrontar aqueles que dali em diante pretendessem praticar as mesmas crueldades. E eis aqui quem pode confirmar este relato: o homem que, feito cordeiro, foi tirado da boca do leão.

Hesitante – Afirmo que tudo isso é verdade, e essa verdade rendeu-me dores e, por fim, o consolo: dores porque o gigante ameaçava me esquartejar a todo instante; e consolo quando vi o sr. Grande-Coração e seus amigos chegando com as armas para me libertar.

Santo-Homem – Duas coisas precisam ter os que saem em peregrinação: coragem e uma vida pura. Se não têm coragem, jamais poderão perseverar no caminho. E se sua vida é impura, acabam por fazer desacreditar o próprio nome dos peregrinos.

Amor-aos-Santos – Espero que este conselho não lhes seja necessário. Mas, sem dúvida, há muitos nessa estrada que se revelam estranhos à peregrinação em vez de estranhos e peregrinos na terra.

Não-Ousa-Mentir – É verdade. Não têm nem o hábito, nem a coragem do peregrino. Não seguem um rumo reto, mas os pés se embaraçam: um sapato pisa para dentro, outro para fora, e as meias esfarrapadas, cheias de buracos, desonram o seu Senhor.

Penitente – Eles precisam prestar atenção a essas coisas. Os peregrinos não obterão a graça para si e para a sua marcha, como desejam, enquanto não se livrarem dessas manchas e defeitos.

E ali ficaram conversando e passando o tempo até ser servida a ceia. Então, comeram e revigoraram o corpo cansado, indo dormir logo após. Os peregrinos ficaram um bom tempo na feira, na casa do sr. Mnasom. O anfitrião acabou dando sua filha Graça por esposa a Samuel, filho de Cristiana, e outra filha sua, Marta, a José.

Como já disse, foi longo o tempo em que ficaram ali na cidade (pois já não era como em outras épocas). Assim, os peregrinos ficaram conhecendo muitos dos bons homens da cidade, e lhes fizeram tudo o que estava ao seu alcance.

Misericórdia, como era seu costume, trabalhava muito pelos pobres. Dava-lhes de comer e os vestia. Eles, por sua vez, a abençoavam, pois ela era ali um incentivo à sua fé. E para fazer

justiça também Graça, Febe e Marta, todas igualmente de boa índole, fizeram muito bem no lugar.

Todos os membros do grupo, aliás, mostraram-se muito úteis, de modo que o nome de Cristão, como já se disse antes, provavelmente continuaria vivo.

Enquanto lá estavam, saiu um monstro das matas e matou muitos dos habitantes da cidade. Também levou muitas crianças para ensiná-las a alimentar seus filhotes. Ora, homem nenhum da cidade ousava enfrentar o monstro, mas todos fugiam tão logo ouvissem o ruído da sua chegada.

O monstro não se parecia com nenhum outro animal da terra. O corpo era de dragão, e tinha sete cabeças e dez chifres.[2] Matava muitas das crianças, mas era controlado por uma mulher. O monstro impunha condições aos homens. Aqueles que amavam mais a sua vida do que a sua alma aceitavam essas condições e se rendiam ao poder do monstro.

Mas o sr. Grande-Coração e os que foram visitar os peregrinos na casa do sr. Mnasom, fizeram uma aliança e se determinaram a sair e combater a besta, para quem sabe libertar o povo da cidade das garras e presas dessa fera tão voraz.

Então saíram Grande-Coração, Arrependido, Santo-Homem, Não-Ousa-Mentir e Penitente, todos armados, para procurar o monstro. A princípio, quando a encontraram, a besta se mostrou extremamente violenta, encarando os inimigos com grande desprezo. Os homens, que eram exímios no uso das armas, tanto a combateram que acabaram por fazer a fera recuar. Com isso, os homens voltaram para a casa do sr. Mnasom.

O monstro, como deve saber o leitor, tinha as épocas certas de sair do seu esconderijo e caçar os filhos dos habitantes da cidade. Nesses momentos, aqueles homens valorosos vigiavam o monstro e o atacavam continuamente, de forma que, com o tempo, ele ficou não só ferido, mas coxo. Também já não matava tantas crianças da cidade como no início. Alguns até mesmo creem sinceramente que a besta morrerá das feridas recebidas.

Esse fato, portanto, deu grande fama a Grande-Coração e seus companheiros, de modo que muitas das pessoas, mesmo não concordando com as suas ideias, passaram a ter profundo respeito

e estima por eles. Por conta disso, os peregrinos não sofreram muito ali.

Também é verdade que havia alguns mais desprezíveis, que não enxergavam mais que uma toupeira, nem compreendiam mais que um animal, que não desenvolveram qualquer respeito pelos peregrinos e seus acompanhantes, nem sequer se deram conta da sua coragem e das suas aventuras.

17
As Montanhas Aprazíveis



Bem, chegava afinal a hora de os peregrinos seguirem seu caminho e, assim, prepararam-se para a partida. Mandaram chamar os seus amigos e se reuniram com eles, reservando algum tempo para pedir a proteção do Príncipe uns para os outros.

Receberam dos amigos vários presentes, coisas convenientes aos fracos e aos fortes, às mulheres e aos homens, provendo-lhes o necessário para a viagem.

Então partiram, deixando para trás aquela cidade. Seus amigos os acompanharam até certa altura, depois pediram novamente a proteção do Rei uns para os outros e se despediram.

Os que compunham o grupo dos peregrinos seguiram em frente, e Grande-Coração ia adiante de todos. Ora, sendo as mulheres e crianças mais fracas, o grupo se via forçado a acompanhar o ritmo delas. Prestes-a-Tropeçar e Hesitante se solidarizavam com a sua condição.

Logo depois de se despedirem dos cidadãos de Vaidade, alcançaram o local onde Fiel foi morto. Ali, portanto, pararam e deram graças àquele que possibilitara que esse homem suportasse com tanta dignidade a sua cruz, tanto mais porque verificaram que se haviam beneficiado de um sacrifício tão cruel.

Após essa parada caminharam um bom trecho, conversando sobre Cristão e Fiel, e sobre o encontro de Cristão com Esperançoso, ocorrido depois da morte do amigo.

Alcançaram mais tarde a colina do Lucro, onde ficava a mina que tirou Demas da sua peregrinação, e dentro da qual, segundo pensam alguns, Interesse Próprio caiu e pereceu. Puseram-se, então, a comentar o episódio.

Quando chegaram diante do antigo monumento que se erguia defronte à colina do Lucro, isto é, a coluna de sal de onde também se via Sodoma e seu lago malcheiroso, todos se admiraram, como Cristão anteriormente, de que homens de tanto conhecimento e inteligência pudessem se deixar cegar, desviando-se ali do caminho.

Ali puderam refletir que a natureza humana não é afetada pelos reveses que outros sofrem, especialmente se a coisa desejada exerce certo fascínio sobre o olhar do insensato.

Vi então que chegavam ao rio que rega a planície espraiada diante das Montanhas Aprazíveis. Em suas margens crescem belas árvores, cujas folhas, se ingeridas, são eficazes contra a indigestão. Os prados são verdejantes durante todo o ano, e ali também podiam se deitar e descansar em segurança.

Na margem do rio, no prado onde havia currais e apriscos para ovelhas, via-se também uma casa para a criação dos cordeirinhos e dos filhinhos das mulheres peregrinas. Morava ali um homem misericordioso que se encarregava das crianças e reunia com o seu braço os cordeirinhos, carregando-os no peito. Também orientava delicadamente as mulheres com filhos pequenos.

Cristiana, então, exortou suas quatro filhos a confiar os seus filhinhos aos cuidados desse homem, para que às margens dessas águas encontrassem abrigo, acalanto, alívio e alimento, e para que nenhum deles lhes faltasse no futuro.

C_{RIST}. – Caso algum deles se desvie ou se perca, esse homem os encontra. Também cura os feridos e fortalece os doentes. Aqui jamais lhes faltará carne, água ou roupas. Aqui ficarão a salvo de ladrões e bandidos, pois esse homem entrega a própria vida para evitar que algum dos que lhe foram confiados se perca.

– Neste lugar, certamente também receberão carinho e bons conselhos – continuou –, e aprenderão a trilhar os caminhos retos, o que, vocês bem sabem, não é uma graça pequena. Aqui há águas mansas, campos aprazíveis, flores delicadas, várias espécies de árvores, as que dão frutos sadios, as que dão frutos como os que Mateus comeu, que caíram sobre o muro do jardim de Belzebu, e as que dão frutos que fazem bem à saúde dos doentes, e que fortalecem e favorecem os já sadios.

Assim elas, muito satisfeitas, confiaram ao homem os seus filhinhos. Outro fato que serviu como encorajamento para que assim fizessem foi saber que tudo aquilo estava sob supervisão do Rei, funcionando como morada de criancinhas e órfãos.

Seguindo o caminho, logo chegaram ao prado do Atalho, à escada por sobre o muro que Cristão e seu companheiro Esperançoso acabaram subindo, caindo assim nas garras do gigante Desespero, por quem foram trancafiados no Castelo da Dúvida.

Ali se sentaram para discutir quanto à melhor estratégia a seguir. Pensaram que agora o grupo era forte, tendo por guia um homem como o sr. Grande-Coração. Portanto, cogitavam a hipótese de lançar um ataque contra o gigante Desespero, demolir seu castelo e, havendo peregrinos lá dentro, libertá-los antes que mal maior lhes acontecesse.

Um dizia uma coisa, outro sugeria outra. Alguém, então, questionou se era lícito trilhar solo não consagrado. Um disse que sim, que podiam fazê-lo, desde que a meta fosse boa. Então pronunciou-se Grande-Coração:

– Embora esse último argumento talvez não seja universalmente verdadeiro, tenho ordens de resistir ao pecado, de vencer o mal, de combater o bom combate da fé (1Tm 6.12). E contra quem mais deveria eu combater esse bom combate senão contra o gigante Desespero? Portanto, tentarei tirar a sua vida e demolir o Castelo da Dúvida. Quem vai comigo?

– Eu vou – adiantou-se o velho Honesto.

– E nós também vamos – afirmaram os quatro filhos de Cristão, Mateus, Samuel, Tiago e José, pois eram já rapazes e vigorosos.

Então deixaram as mulheres na estrada, mas para protegê-las ficaram também Hesitante e Prestes-a-Tropeçar, este com suas muletas. Embora estivessem bem próximo à morada do gigante Desespero, se não saíssem do caminho, até mesmo um pequenino os guiaria.[1]

Grande-Coração, Honesto e os quatro jovens subiram até o Castelo da Dúvida em busca do gigante Desespero. Chegando diante do portão do castelo, bateram fazendo um ruído incomum. O barulho atraiu o gigante, que desceu até o portão seguido da mulher, Desconfiança. E o gigante gritou lá de dentro:

– Quem ousa bater assim tão forte para incomodar o gigante Desespero?

– Sou eu, Grande-Coração, um dos guias de peregrinos do Rei da Terra Celestial. Ordeno-lhe que abra o portão para que eu possa entrar. Também, prepare-se para lutar, pois vim para levar comigo a sua cabeça e demolir o Castelo da Dúvida.

Ora, o gigante Desespero pensava que homem nenhum poderia vencê-lo, porque, afinal, era gigante. E disse também de si para si: “Se nesta vida já venci até anjos, como é que esse Grande-Coração me meteria medo?”. Então tratou de se preparar para o combate.

Ao sair, usava capacete de aço, couraça de fogo em torno do corpo e ainda sapatos de ferro. Na mão, trazia uma grande clava. Os seis homens se lançaram ao ataque e o cercaram por trás e pela frente. Quando Desconfiança, a giganta, veio ajudar o marido, o velho Honesto a matou de um só golpe.

Lutaram uma batalha de vida ou morte. O gigante Desespero foi derrubado, mas não se entregava. Lutava muito, e tinha, como diziam, tantas vidas quanto um gato. Mas a morte lhe veio pelas mãos de Grande-Coração, pois este não largou o inimigo enquanto não conseguiu lhe separar a cabeça dos ombros.

Depois trataram de demolir o Castelo da Dúvida, e isso, bem sabe o leitor, pôde ser feito com facilidade, pois o gigante Desespero já estava morto. Levaram sete dias demolindo todo o castelo, e lá dentro encontraram dois peregrinos: o sr. Desesperança, quase morto de fome, e sua filha Apavorada. Esses dois foram salvos com vida. Mas o leitor ficaria pasmo se visse os cadáveres que jaziam espalhados pelo pátio do castelo, e ainda como o calabouço estava repleto de ossos humanos.

Terminado o trabalho, Grande-Coração e seus companheiros colocaram sob proteção do grupo o sr. Desesperança e sua filha Apavorada, pois eram gente honesta, apesar de prisioneiros do tirano Desespero ali no Castelo da Dúvida.

Levaram consigo a cabeça do gigante (pois o corpo, haviam enterrado debaixo de um monte de pedras), descendo até a estrada para reencontrar os companheiros. Chegando, logo contaram tudo o

que haviam feito. Quando Hesitante e Prestes-a-Tropeçar viram que era mesmo a cabeça do gigante Desespero, exultaram de alegria.

Ora, saiba o leitor que Cristiana, quando surgia ocasião, tocava viola e sua filha Misericórdia a acompanhava ao alaúde. Assim, como todos estavam de espírito alegre, ela tocou uma música e Prestes-a-Tropeçar dançou. Tomou pela mão a filha de Desesperança, chamada Apavorada, e saíram a dançar pelo caminho. É verdade que não conseguia dançar sem uma das muletas na mão, mas garanto ao leitor que dançou muito bem. Também a moça merecia elogios, pois acompanhava a música com muita graça.

Quanto ao sr. Desesperança, a música não o animava muito; preferia comer a dançar, pois estava quase morto de fome. Então Cristiana lhe deu de beber do vinho, para lhe distrair o estômago, e depois foi preparar algo para ele comer. E logo o velho senhor recobrou as forças e o ânimo.

Vi então no meu sonho, findos todos esses acontecimentos, que o sr. Grande-Coração tomou a cabeça do gigante Desespero e a erigiu sobre um poste ao lado da estrada, bem em frente à coluna que Cristão erguera para alertar os peregrinos do perigo de entrar nas terras do monstro.

Depois escreveu no poste, sobre uma placa de mármore, os seguintes versos:

> Eis a cabeça daquele cujo nome viperino
> Noutros tempos aterrorizava o peregrino.
> O castelo, arrasado; morta Desconfiança
> Nas mãos de Grande-Coração, a livrança.
> O sr. Desesperança, Apavorada, sua filha,
> Igualmente para eles a vitória agora brilha.
> Erga os olhos o cético, dissipe a objeção,
> Veja a façanha do bravo Grande-Coração.
> Esta cabeça representa a liberdade, afinal,
> E até os coxos dançam diante do fim desse mal.

Assim, depois de atacar corajosamente o Castelo da Dúvida, matando o gigante Desespero, o grupo seguiu caminho.

18
Os pastores das Montanhas Aprazíveis



Findos os acontecimentos narrados, o grupo de peregrinos alcançou as Montanhas Aprazíveis, onde Cristão e Esperançoso se deleitaram com as delícias do lugar. Também encontraram os pastores da montanha, que muito bem os receberam, como já haviam feito com Cristão.

Vendo os pastores que grande grupo seguia Grande-Coração (pois este eles já conheciam), disseram-lhe:

– Senhor, vemos que veio hoje acompanhado de um grupo de mulheres e homens piedosos. Mas onde encontrou todos eles? – E foi esta a resposta de Grande-Coração:

> Cá estão Cristiana e os seus, gente amiga
> Os seus filhos e as noras, que fitam a Auriga,
> Miram a Estrela Polar e na bússola têm a guia
> Que os leva do pecado à graça e à reta via
> Aqui se acha também o velho senhor Honesto,
> E Prestes-a-Tropeçar, outro homem modesto,
> E ainda Hesitante, que não quis ficar para trás,
> Todos peregrinos, que mais que tudo amam a paz.
> Desesperança, bom homem que é, nos acompanha,
> E sua filha Apavorada, recém-libertos da sanha.
> Mas devemos seguir ou teremos aqui acolhida?
> Saibamos então a quem podemos confiar a vida.

– É sem dúvida um belo grupo – disseram os pastores. – São todos bem-vindos, pois acolhemos tanto o fraco como o forte. Nosso Príncipe observa tudo o que se faz ao menor destes, portanto, fraqueza não deve ser empecilho para o acolhimento. – Levaram-nos então até a porta do palácio, dizendo:

– Entre, sr. Hesitante, também o sr. Prestes-a-Tropeçar, venha, sr. Desesperança e senhorita Apavorada, sua filha. Esses, Grande-Coração, chamamos pelo nome, pois estão mais sujeitos a recaídas. Mas quanto ao senhor e ao resto, que são fortes, nós os deixamos à vontade.

– Hoje vejo que a graça brilha de fato no rosto de vocês – respondeu Grande-Coração –, e que são verdadeiramente pastores

do meu Senhor, pois não renegaram os fracos, não os empurraram para fora, mas espalharam flores pela entrada do palácio, acolhendo-os todos.

Assim entraram os fracos e doentios, seguidos por Grande-Coração e o resto do grupo. Já lá dentro, sentados, os pastores disseram aos mais fracos:

– O que os senhores desejam agora? Pois aqui ministramos o que serve de apoio aos fracos, e também de alerta aos desobedientes.

Então lhes serviram um banquete de iguarias leves, nutritivas e agradáveis ao paladar. Depois de comer, foram dormir, cada qual nos seus aposentos.

No dia seguinte, de manhã, como as montanhas eram altas e o dia estava claro, e como era costume dos pastores mostrar aos peregrinos algumas raridades antes que seguissem adiante, logo depois da refeição matinal levaram todo o grupo para os campos, apresentando-lhes primeiro o que já haviam mostrado antes a Cristão.

Depois os levaram a alguns lugares novos. Primeiro, ao Monte Maravilha, de onde avistaram a distância um homem que removia as colinas pela força da palavra. Perguntaram aos pastores o que significava aquilo, e eles responderam que aquele homem era filho de certo Graça Abundante, que os leitores já conhecem da primeira parte dos Registros da Marcha do Peregrino. Ele está ali para ensinar aos peregrinos a derrubar ou tirar do caminho as dificuldades que encontrarem, tudo pela fé.

– Eu o conheço – comentou Grande-Coração. – É um homem superior, sem dúvida.

Depois, levaram o grupo a outro lugar, chamado monte Inocente. E ali viram um homem vestido todo de branco, além de outros dois, chamados Preconceito e Malícia. Estes continuamente atiravam lama no primeiro. Mas eis que a lama que nele jogavam logo caía no chão, e suas vestes continuavam tão alvas como se sujeira nenhuma as tivesse tocado. Admirados, perguntaram os peregrinos:

– O que significa isso?

– Este homem se chama Piedoso, e suas vestes revelam a inocência da sua vida. Aqueles que atiram lama nele são os que odeiam as suas boas ações; mas, como vocês podem ver, a sujeira não adere às suas vestes. Assim também acontecerá àquele que viver de modo verdadeiramente inocente no mundo. Seja quem for que queira enlamear esse homem, em vão se esforçará, pois Deus logo fará que a sua inocência brilhe como a luz, e a sua justiça como o esplendor do meio-dia.

Agora levavam o grupo até o monte Caridade, onde lhes mostraram um homem e, diante dele, um fardo de tecidos. Dos tecidos ele fazia capas e roupas para os pobres que estavam ali em volta, mas a quantidade de pano nunca diminuía.

– O que será isso? – perguntaram.

– Isso – disseram os pastores – é para lhes mostrar que quem se dedica a trabalhar pelos pobres nunca terá falta de nada. Quem rega também será regado. E o bolo que a viúva deu ao profeta não lhe reduziu a farinha da panela.

Também os levaram até um lugar onde viram um homem chamado Néscio, e outro de nome Insensato. Os dois lavavam um etíope com a intenção de deixá-lo branco, mas quanto mais o lavavam, mais negro ele ficava. Então perguntaram aos pastores o que significava aquilo, e eles responderam:

– Assim também será com o iníquo. Todos os meios usados por ele para alcançar boa reputação só tenderão a fazê-lo mais abominável. Foi o que aconteceu com os fariseus, e assim será com os hipócritas. – Comentou então Misericórdia, esposa de Mateus, com Cristiana, sua mãe:

– Mãe, eu gostaria, se possível, de conhecer o buraco no morro, aquilo que comumente se chama de Atalho para o inferno.

E sua mãe foi falar com os pastores. Desceram então até a porta, que ficava na encosta de um morro, e a abriram. Deixaram também que Misericórdia ficasse ali a escutar. Apurando os ouvidos, ela ouviu alguém dizer: “Maldito seja o meu Pai por ter me impedido de tomar o caminho da paz e da vida”. Outro falou: “Ó, tivesse eu sido esquartejado e não, como fiz, salvado a vida para perder a alma”. E ainda outro disse: “Quem me dera viver novamente para negar a mim mesmo e assim evitar este lugar”.

E então foi como se a própria terra gemesse e tremesse de medo sob os pés da moça. Lívida, voltou tremendo e disse: “Bendito o que é libertado deste lugar”.

Depois de os pastores lhes mostrarem todas essas coisas, levaram-nos de volta ao palácio e os entretiveram com o que a casa podia lhes dar. Misericórdia, porém, sendo jovem e futura mãe, desejava algo que vira ali, mas tinha vergonha de pedir. Sua sogra perguntou o que a incomodava, pois não parecia bem.

Miser. – Há um espelho pendurado ali na saia de jantar, e não consigo tirá-lo da cabeça. Se não o tiver para mim, penso que posso até abortar.
Crist. – Vou conversar sobre os seus desejos com os pastores, e certamente eles não vão negá-lo a ti.
Miser. – Mas tenho vergonha só de pensar que esses homens saibam o que desejo.
Crist. – Ora, minha filha, não é vergonha desejar tal coisa, mas virtude.
Miser. – Então, mãe, se a senhora puder, pergunte por favor aos pastores se eles não estão dispostos a vendê-lo.

Ora, o espelho era algo muito especial.[1] De um lado, mostrava o homem exatamente com as suas características; mas bastava virá-lo, que revelava a quem olhasse a face do próprio Príncipe dos peregrinos. Sim, pois já falei com gente que disse ter visto a própria coroa de espinhos na cabeça dele ao olhar no espelho; viu também as feridas nas mãos, nos pés e no lado. Pois tal excelência há nesse espelho que pode mostrar o Príncipe onde quer que a pessoa

o imagine, vivo ou morto, na terra ou no céu, em estado de humilhação ou exaltado, vindo sofrer ou reinar.[2]

Cristiana, portanto, foi conversar em particular com os pastores (que se chamavam Conhecimento, Experiência, Atento e Sincero).

CRIST. – Uma das minhas filhas, futura mãe, acho que ela deseja algo que viu nesta casa. E acredita que poderá até abortar caso seu desejo lhe venha a ser negado.
EXPER. – Pois vá chamá-la agora mesmo. Ela certamente terá o que estiver ao nosso alcance. – Então a chamaram e lhe disseram: – Misericórdia, que coisa é essa que você quer?
MISER. – O grande espelho pendurado na sala de jantar – disse corando de vergonha.

Sincero correu lá dentro para pegá-lo, e de muito bom grado o deu à moça. Ela, fazendo uma reverência aos pastores, agradeceu dizendo saber que diante disso alcançara graça aos seus olhos.

Também deram os pastores às outras moças o que elas desejavam, e os maridos foram muito elogiados por terem se juntado ao sr. Grande-Coração no ataque ao gigante Desespero e na demolição do Castelo da Dúvida.

No pescoço de Cristiana os pastores puseram um colar, dando o mesmo presente às suas quatro filhas. Também lhes puseram brincos nas orelhas e joias na testa.

Quando os peregrinos quiseram partir, eles os deixaram seguir em paz, mas não lhes fizeram as mesmas recomendações que antes haviam feito a Cristão e seu companheiro. A razão era que esses de agora tinham Grande-Coração como guia, homem já bem conhecedor das coisas do caminho e que poderia ele mesmo fazer as oportunas recomendações, quem sabe quando o perigo já estivesse mais próximo.

Também, as recomendações que Cristão e seus companheiros receberam dos pastores foram esquecidas quando chegou a ocasião de colocá-las em prática. Portanto, essa era uma vantagem que este grupo tinha sobre o outro. E de lá partiram cantando:

> Vede! Tão bem ordenados estão os estágios
> E nos recebem sem a menor reserva, nada,
> Para alívio dos peregrinos, belo presságio,

Fazem da outra vida nossa meta e morada.
Prodígios vemos sempre, de noite ou de dia,
Sobre nós tanta graça derrama o destino
Que mesmo andarilhos vivemos com alegria,
E onde vamos nos mostramos peregrinos.

19
Valente-pela-Verdade



Deixando, portanto, a montanha dos pastores, rapidamente chegaram ao lugar onde Cristão se encontrou com um tal Desviado, oriundo da cidade da Apostasia. Assim, o sr. Grande-Coração, o guia, chamou a atenção do grupo para o episódio, dizendo:

– Este é o lugar onde Cristão se encontrou com um homem de nome Desviado, que carregava às costas o caráter da sua rebeldia. Esse homem não dava ouvidos a nenhum conselho. Uma vez no erro, nada o demovia. Quando ele chegou ao local onde se viam a cruz e o sepulcro, encontrou um homem que o exortou a olhar essas coisas, mas rangeu os dentes e bateu o pé, dizendo que estava decidido a voltar para a sua cidade. Antes de chegar à porta, encontrou-se com Evangelista, que lhe ofereceu auxílio para voltar novamente ao caminho. Desviado, porém, resistiu aos conselhos e, depois de muito ofendê-lo, pulou o muro e fugiu.

Então seguiram caminho e alcançando o lugar em que Pequena Fé fora roubado, ali viram um homem de espada à mão, o rosto ensanguentado. Perguntou Grande-Coração: – Quem é você?

– Meu nome é Valente-pela-Verdade. Sou peregrino e estou indo para a Cidade Celestial. Estava seguindo o caminho quando três homens me abordaram e me propuseram estas três coisas: que eu me tornasse um deles, voltasse pelo caminho que viera ou morresse aqui mesmo.

– À primeira proposta – contou o peregrino –, respondi que já era um homem leal havia muito tempo, e que, portanto, não iria agora me juntar a ladrões. Depois, quiseram saber o que eu diria da segunda proposta. E eu disse que se eu não tivesse me sentido incomodado no lugar de onde vim, certamente não teria saído de lá, pois foi por considerá-lo lugar totalmente inadequado para mim – e, portanto, nocivo – que o troquei por este caminho.

– Então me perguntaram o que eu pensava da terceira proposta – continuou. – Disse que a minha vida me era cara demais para que a entregasse graciosamente. Além do mais, disse eu, vocês não têm o direito de me propor nada. Sendo assim aconselhei-os que não se metessem comigo. Mas os três homens, chamados Turbulento, Imprudente e Intrometido, imediatamente se lançaram sobre mim, e eu sobre eles.

– Lutamos, três contra um, por umas três horas – disse. – Eles deixaram em mim, como o senhor pode ver, algumas marcas da sua coragem, mas também levaram com eles algumas marcas minhas. Foi há pouco que eles partiram. Acho que talvez tenham pressentido a aproximação do grupo do senhor e trataram de fugir.

GRANDE-CORAÇÃO – Mas foi uma covardia, três contra um.

VALENTE – Isso é verdade, mas quem tem a verdade ao seu lado não se importa com tais desvantagens. Afinal, já se disse: “Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração; e se estourar contra mim a guerra, ainda assim terei confiança” (Sl 27.3). Além do mais, já li em algum lugar sobre um homem que combateu um exército inteiro. E quantos não matou Sansão com uma queixada de jumento?

GRANDE-CORAÇÃO – Por que você não gritou por socorro? Quem sabe alguém pudesse vir ajudá-lo...

VALENTE – Mas foi o que fiz. Clamei ao meu Rei, pois eu sabia que ele podia me ouvir e me dar auxílio invisível; e isso me bastou.

GRANDE-CORAÇÃO – Vejo que você agiu dignamente. Deixe-me ver a sua espada. – E ele lhe mostrou a arma. Tomando-a nas mãos e depois de examiná-la por alguns instantes, disse o guia: – Ah! Uma reta lâmina de Jerusalém!

VALENTE – De fato. O homem que tiver uma dessas lâminas, a mão para empunhá-la e perícia para usá-la, pode até se lançar sobre um anjo com ela. Nada precisa temer, contanto que saiba manejá-la. Seu fio nunca se perde; corta a carne, os ossos, a alma, o espírito e tudo o mais.

GRANDE-CORAÇÃO – Mas você combateu por longo tempo. Admira-me que não esteja exausto.

VALENTE – Lutei até a minha espada grudar na mão, como se ela fosse um prolongamento do braço. Quando o sangue começou a correr

pelos meus dedos, foi então que passei a lutar com mais coragem.[1]
Grande-Coração – Você agiu muito bem. Resistiu à custa do seu próprio sangue, lutando contra o pecado. Você deve ficar conosco, venha e nos acompanhe, pois agora somos seus companheiros.

Então lavaram as suas feridas e lhe deram o que tinham a fim de revigorá-lo. E assim seguiram juntos. Enquanto caminhavam, como Grande-Coração gostara muito dele, já que amava os que se mostravam valentes, e no grupo havia homens débeis e fracos, o guia passou a fazer-lhe perguntas:
Grande-Coração – De que terra você vem?
Valente – Venho de Terra Sombria, onde nasci. Lá ainda estão o meu pai e a minha mãe.
Grande-Coração – Terra Sombria – refletiu o guia. – Não fica na mesma costa da Cidade da Destruição?
Valente – Exatamente. E o que me fez sair em peregrinação foi o seguinte: chegou à nossa cidade certo homem chamado Diz-a-Verdade, e passou a falar sobre as peripécias de Cristão, da Cidade da Destruição. Contou que ele abandonara mulher e filhos para adotar a vida de peregrino. Disse também que ele havia matado uma serpente que tentara obstruir o seu caminho, mas que, afinal, chegou ao lugar almejado.

– Descreveu ainda a recepção que Cristão teve na morada do seu Senhor – continuou –, especialmente a chegada aos portões da Cidade Celestial. “Pois lá”, disse o homem, “ele foi recebido com soar de trombetas por uma multidão de Seres Resplandecentes”. Também falou que todos os sinos da cidade repicaram, jubilosos, para lhe dar as boas-vindas, e que o vestiram de roupas douradas, além de muitas outras coisas que não vou narrar aqui.

– Em suma – concluiu –, aquele homem contou a história de Cristão e suas viagens com tanto entusiasmo que senti no coração um ardente desejo de partir atrás dele. Nem mesmo o meu pai e a minha mãe puderam me impedir. Assim, deixei-os para trás e aqui estou, no caminho.
Grande-Coração – Você entrou pela porta, não?
Valente – Entrei, sim. Pois o mesmo homem nos falou que tudo seria em vão se não começássemos a caminhada pela porta.

Grande-Coração – Veja só, Cristiana, as notícias da peregrinação do seu marido e daquilo que ele alcançou já se espalharam por toda a terra.
Valente – O quê? É esta a esposa de Cristão?
Grande-Coração – Ela mesma, e estes são seus quatro filhos.
Valente – Ora, e também em peregrinação?
Grande-Coração – Exatamente. Seguem os passos do marido e do pai.
Valente – Isso verdadeiramente me deixa feliz! Ah, como ele ficará exultante ao ver aqueles que não quiseram seguir com ele entrando pelos portões da cidade!
Grande-Coração – Sem dúvida será um consolo para ele. Pois depois da alegria de se ver a si mesmo ali dentro, só mesmo a alegria de encontrar a sua mulher e os seus filhos.
Valente – Mas agora que estamos mesmo falando disso, peço que me dê a sua opinião sobre o assunto. Alguns duvidam que venhamos a nos reconhecer uns aos outros quando lá estivermos.
Grande-Coração – Será que eles creem que vão se reconhecer lá? Ou que vão se alegrar ao se ver naquela bem-aventurança? Mas se eles creem que poderão fazer isso, por que não reconhecerão os outros, por que não se alegrarão também com a felicidade dos outros?

– Ora, se os nossos familiares são o nosso segundo eu – disse o guia –, embora esses vínculos vão se dissolver lá dentro, será que não é sensato deduzir que ficaremos mais felizes em vê-los ali do que em notar a sua falta?
Valente – Bom, posso entender a sua ideia a respeito disso. Mas por acaso o senhor não quer perguntar mais nada sobre o começo da minha peregrinação?
Grande-Coração – Sim, claro. O seu pai e a sua mãe, eles gostaram da ideia de você se tornar peregrino?
Valente – Ah, não. Usaram todos os meios possíveis e imagináveis para me segurar em casa.
Grande-Coração – E o que poderiam argumentar contra isso?
Valente – Diziam que era uma vida ociosa, e que se eu não tinha inclinação para a ociosidade e a preguiça, jamais suportaria a vida de peregrino.
Grande-Coração – E o que mais disseram?

Valente – Disseram que era um caminho perigoso. “Sim, o caminho mais perigoso do mundo”, falaram eles, “é esse que tomam os peregrinos.”
Grande-Coração – E explicaram por que esse caminho é tão perigoso?
Valente – Ah, sim, e deram muitos detalhes.
Grande-Coração – Por exemplo...
Valente – Falaram-me do Pântano do Desânimo, onde Cristão por pouco não se afogou. Contaram-me que havia arqueiros de prontidão no Castelo de Belzebu para atirar em quem batesse à porta estreita querendo entrar. Também me falaram de matas e sombrias montanhas, do Morro da Dificuldade, dos leões, e ainda de três gigantes: Sanguinário, Apoquentador e Guerra-ao-Bem.

– Além disso – acrescentou –, disseram que um demônio maligno assombrava o Vale da Humilhação, e que Cristão quase foi morto por ele. “Além de tudo isso”, argumentaram, “você precisa passar pelo Vale da Sombra da Morte, habitado por demônios, onde a luz é escuridão, onde o caminho é cheio de ciladas, abismos, armadilhas e laços”.

– Meus pais me falaram também do gigante Desespero – continuou –, do Castelo da Dúvida e das provações, bem como da morte que os peregrinos ali encontravam. Disseram também que eu precisava passar por um lugar perigoso chamado Solo Enfeitiçado e que, depois de tudo isso, ainda teria de atravessar um rio sem ponte, para poder alcançar a Terra Celestial.
Grande-Coração – Foi tudo?
Valente – Não, pois ainda me disseram que o caminho estava repleto de homens enganadores e de pessoas que espreitavam em busca de uma oportunidade para desviar os bons do caminho.
Grande-Coração – Mas como ficaram sabendo de tudo isso?
Valente – Disseram que o sr. Sábio-Segundo-o-Mundo ali espreitava para enganar os ingênuos, e que homens como Formalidade e Hipocrisia andavam pelo caminho. Afirmaram que Interesse Próprio, Tagarela ou Demas certamente estariam por perto para tentar me iludir; que o Adulador me apanharia na sua rede; ou que, influenciado pelo inexperiente Ignorância, eu pensaria estar indo rumo à porta, quando na realidade estaria sendo mandado para o buraco na encosta do morro, trilhando o atalho para o inferno.

Grande-Coração – Com certeza isso já era bastante para desencorajar qualquer um. E eles pararam por aí?
Valente – Não, ouvi ainda mais. Eles também me falaram de muitos que haviam tentado trilhar aquele caminho antigamente, e que tinham caminhado um bom trecho para ver se conseguiam achar pelo menos parte da glória que tanto se comentava de tempos em tempos. Mas esses acabaram voltando depois do passeio e se fizeram alvo de zombaria em todo o país.

– Citaram muitos que fizeram isso – disse –, como Obstinado, Volúvel, Desconfiança e Timorato, Desviado e o velho Ateu, além de vários outros que, segundo eles, andaram longe para ver o que podiam encontrar. Nenhum deles, porém, viu vantagem nessa peregrinação, nada que valesse mais do que o peso de uma pena.
Grande-Coração – E disseram ainda algo mais para desencorajá-lo?
Valente – Sim, falaram-me de um tal Temente, que era peregrino, e que achava o caminho tão solitário que não conseguia encontrar ali um momento sequer de consolo. Referiram-se também a um homem chamado Desesperança, que quase morreu de fome no caminho. Ah, quase ia me esquecendo, mas falaram também que o próprio Cristão, apesar de toda a boataria que corria sobre ele ter alcançado uma coroa celestial depois das suas inúmeras peripécias, acabou se afogando no rio negro, e dali nunca mais saiu.
Grande-Coração – E nenhuma dessas coisas o desencorajou?
Valente – Não, isso não me influenciou nem um pouco.
Grande-Coração – Como assim?
Valente – Ora, eu continuava acreditando no que o sr. Diz-a-Verdade havia falado, e foi isso que me fez desconsiderar todo o resto.
Grande-Coração – Então foi isso que lhe deu a vitória? A sua fé?
Valente – Certamente. Eu acreditei, e por essa razão parti, entrei no caminho, combati todos os que se ergueram contra mim, e crendo foi que cheguei até aqui.

Quem quiser ver coragem,
Valor e decisão,
Aqui os olhos ponha,
Que pode achar lição..
Não no mundo perigo
Que possa esmorecer
Valente pela verdade
De peregrino ser.

Quem tente pôr-lhe medo,
Contando histórias vãs,
Confunde-se a si mesmo.
Sua força e fé são sãs.
Combaterá gigantes
E tudo que aparecer,
Mas quer ter o direito,
De peregrino ser.

20
O Solo Enfeitiçado



E assim chegaram ao Solo Enfeitiçado, onde o ar naturalmente deixa os homens sonolentos. A terra se achava toda coberta de sarças e espinheiros, salvo aqui e ali, onde se via uma pousada enfeitiçada. Dizem que se um homem se sentar ali para descansar ou se ele se deixar vencer pelo sono, não se sabe se algum dia despertará ainda neste mundo.

Os peregrinos atravessavam então essa mata, um atrás do outro. Grande-Coração seguia na frente, pois era ele o guia; e atrás de todos vinham Valente-pela-Verdade, vigiando, para que nenhum demônio, dragão, gigante ou ladrão atacasse o grupo pela retaguarda.

Cada homem caminhava com espada à mão, pois sabiam que era um lugar perigoso. Também se animavam uns aos outros como podiam. Hesitante, seguindo ordens de Grande-Coração, caminhava logo depois deste, e o sr. Desesperança era vigiado de perto por Valente.

Não haviam andado muito quando desceu sobre eles espessa névoa e sombria escuridão; mal podiam ver uns aos outros, e assim caminharam um bom trecho. Foram até obrigados, por algum tempo, a adivinhar a localização uns dos outros apenas guiados pelo som das palavras, pois era impossível enxergar um palmo à frente do nariz.

Mas ninguém deve supor que só os mais fortes se viam aflitos, pois as mulheres e crianças estavam em apuros ainda piores, sendo mais fracas no passo e no coração. Mesmo assim, com as palavras de estímulo daquele que seguia à frente, e também daquele que vigiava a retaguarda, o grupo caminhava resoluto.

O percurso era também muito extenuante ali, pois o solo era acidentado e enlameado. Tampouco havia em toda a região uma hospedaria ou taverna sequer para revigorar os mais fracos. Portanto, só se ouviam ali grunhidos, sons ofegantes e suspiros.

Enquanto um tropeçava num arbusto, outro se atolava na lama; algumas das crianças perderam os sapatos no barro.

– Caí no chão – dizia um.

– Ei, onde você está? – chamava outro.

– Os arbustos se emaranharam tanto em torno de mim que não consigo mais sair do lugar! – bradava o terceiro.

Encontraram então uma pousada. Era um lugar aconchegante, uma promessa de alívio para os peregrinos. Apresentava um bom aspecto externo, embelezado com folhas verdes, equipado com bancos e cadeiras, e um sofá macio, onde os exaustos podiam se recostar.

Tratava-se certamente, pensaria o leitor, de uma visão tentadora, pois os peregrinos já começavam a desanimar diante da dificuldade do terreno, ainda que nenhum deles sequer fizesse menção de parar ali. Todos eles – pelo que pude perceber – acatavam à risca e continuamente o conselho do guia.

Grande-Coração relatava de modo fiel todos os perigos, explicando-lhes sua natureza quando se viam diante deles. Ao aproximar-se qualquer ameaça, todos procuravam animar o espírito, encorajando-se uns aos outros a negar a carne.

A pousada se chamava Amigo Ocioso, e buscava sempre atrair alguns dos peregrinos com a falsa promessa de descanso.

Vi então no meu sonho que prosseguiram por esse território solitário até alcançar um local em que era enorme o risco de se perder o caminho. Ora, durante o dia, o guia podia alertar o grupo de modo que evitassem os caminhos que conduzem à perdição; no escuro, porém, ele mesmo se via perdido.

Grande-Coração, no entanto, trazia no bolso um mapa de todos os caminhos que conduziam até a Cidade Celestial, ou que de lá partiam. Assim, acendeu uma lamparina (pois jamais saía sem a sua), examinou o mapa, e viu que as anotações aconselhavam todo o cuidado naquele trecho, e que era preciso tomar o caminho da direita.

Se ele não tivesse tido o cuidado de consultar o mapa naquele ponto, com toda a probabilidade eles teriam se afogado no lamaçal, pois pouco mais à frente, no fim do caminho mais desimpedido, havia um abismo, sabe-se lá de qual profundidade, inteiramente

coberto de lama – uma armadilha montada ali de propósito para destruir os peregrinos.

Então pensei comigo: “Quem sairia em peregrinação sem levar um desses mapas consigo, para consultá-lo em caso de dúvida e saber que caminho tomar?”.

Continuaram andando nesse Solo Enfeitiçado até chegar a um lugar onde encontraram outra pousada, construída à margem da estrada. Nela havia dois homens, chamados Desatento e Atrevido. Os dois avançaram até ali na peregrinação, mas, sentindo-se cansados da viagem, sentaram-se para descansar e adormeceram profundamente.

Vendo os dois ali, os peregrinos ficaram admirados e balançaram a cabeça, pois sabiam que os dorminhocos eram um caso perdido. Debateram então sobre o que fazer, se seguiriam em frente deixando os dois ali adormecidos, ou se tentariam despertá-los. Decidiram acordá-los, isto é, se pudessem. O grupo, no entanto, precisava tomar o cuidado de não sentar ali, e de não aceitar o falso alívio oferecido pela pousada.

Foram até lá falar aos homens, e os chamaram pelos seus nomes (pois o guia, ao que parece, os conhecia), mas não houve nem sinal de resposta. O guia chegou a sacudi-los, fazendo o que podia para despertá-los. Então um deles falou:

– Eu lhe pago o que devo quando receber o meu dinheiro. – E o guia balançou a cabeça, desanimado.

– Vou continuar lutando enquanto conseguir empunhar a espada – disse, súbito, o outro. – Ouvindo, riu-se uma das crianças.

Cʀɪsᴛ. – O que significa isso? – perguntou, admirada.

Gʀᴀɴᴅᴇ-Cᴏʀᴀçãᴏ – Estão falando no sono. Se você os toca, bate neles, ou qualquer outra coisa, eles respondem assim. Ou, como um deles disse outrora, quando as ondas do mar o lambiam enquanto ele dormia como que em cima do mastro de um navio: “Quando acordar, volto a buscar a mesma coisa”.[1] A senhora sabe como é: quando os homens falam dormindo, dizem qualquer coisa, mas as suas palavras não são guiadas nem pela fé, nem pela razão.

– Vê-se agora incoerência nas palavras deles – explicou o guia –, como também há incoerência entre a peregrinação e o sentar-se para descansar nesta pousada. É isso o que acontece quando gente

desatenta sai em peregrinação. É quase certo que acabe assim, pois este Solo Enfeitiçado é um dos últimos pontos estratégicos do inimigo.

– Ele se localiza, como a senhora vê, quase no fim do caminho – alertou o guia –, erguendo-se, portanto, contra nós com mais força. O raciocínio do inimigo é este: “É lógico que esses tolos estarão mais desejosos de descansar quando se sentirem exaustos; e que momento mais propício à exaustão do que o trecho final da jornada?”.

– É por essa razão – concluiu – que o Solo Enfeitiçado fica tão próximo da terra da Desposada, tão perto do fim desta corrida. É bom, portanto, que os peregrinos vigiem a si mesmos, para que não lhes aconteça o que se fez a esses dois, que, como a senhora pode ver, estão adormecidos, sem que ninguém possa acordá-los.

Então os peregrinos, tremendo que estavam, quiseram seguir adiante. Pediram apenas ao guia que acendesse uma lanterna, para que pudessem caminhar o restante da jornada com um pouco de luz. Ele então acendeu a lanterna,[2] e eles seguiram com esse auxílio pelo resto do caminho, embora fosse muito espessa a escuridão.

As crianças, porém, estavam agora exaustas demais, e clamaram ao que ama os peregrinos que lhes tornasse a viagem mais confortável. Então, pouco adiante, soprou um vento que arrastou para longe a neblina, e o ar se tornou mais claro. Ainda tinham muito que andar no Solo Enfeitiçado, só que agora podiam enxergar melhor uns aos outros, assim como o caminho que precisavam trilhar.

Estando já quase no fim desse território, escutaram a distância uma voz solene, como de alguém muito concentrado. Andando um pouco mais, viram diante de si, como haviam imaginado, um homem de joelhos, as mãos e os olhos erguidos; e falava, como também imaginavam, com aquele que está no alto.

Aproximaram-se, mas não conseguiam entender o que ele dizia. Diminuíram então o passo, até perceber que o homem terminara a oração. Ele então se pôs de pé e começou a correr rumo à Cidade Celestial.

Grande-Coração – Ei, ei amigo! Dê-nos o prazer da sua companhia, se é que está indo, como suponho, para a Cidade Celestial. – O homem parou para que o grupo o alcançasse.
Honesto – Eu conheço esse homem – disse assim que o viu.
Valente – Quem é?
Honesto – Ele é da região onde eu morava. Seu nome é Firme, e com toda a certeza é um ótimo peregrino. – Então os dois homens se aproximaram, e imediatamente Firme disse ao velho Honesto:
Firme – Oh, pai Honesto, então o senhor está aí?
Honesto – Sim, aqui estou, assim como você.
Firme – Pois muito me alegro por ter encontrado o senhor nesta estrada.
Honesto – Não menos contente estou eu, por ter visto você ali atrás de joelhos.
Firme – Ora, então o senhor me viu? – disse corando.
Honesto – Vi sim, e meu coração se alegrou.
Firme – E o que o senhor pensou?
Honesto – O que deveria pensar? Pensei que havíamos encontrado um homem honesto na estrada, e que logo teríamos a sua companhia.
Firme – Se o senhor não se enganou, é claro que estou muito contente. Mas se eu não sou o que deveria ser, resta-me aguentar sozinho as consequências.
Honesto – Isso é verdade. O seu temor, entretanto, só confirma que as coisas vão muito bem entre o Príncipe dos peregrinos e a sua alma. Pois ele disse: “Bem-aventurado o homem que teme sempre”.
Valente – Mas, irmão, peço-lhe que nos conte o que o levou a ajoelhar-se há pouco. Foi acaso o peso de alguma graça especial, ou o quê?
Firme – Bem, como você vê, estamos no Solo Enfeitiçado. Enquanto eu caminhava, vinha pensando comigo sobre o perigo que ronda esta estrada, e lembrava também que muitos já tinham vindo até este ponto da peregrinação, e aqui pararam e morreram.

– Refletia também sobre o tipo de morte que os homens aqui enfrentam – disse. – Os que perecem aqui não morrem de nenhuma causa violenta, nem se trata de morte penosa, pois quem parte num

sonho começa a jornada com desejo e prazer. Consentem, porém, nos caprichos dessa doença.

Honesto – Você viu lá atrás, na pousada, os dois homens dormindo? – interrompeu.

Firme – Vi, sim. Vi Desatento e Atrevido. E pelo que sei, ali ficarão até que apodreçam. Mas permita-me continuar a minha história. Enquanto refletia nisso, como vinha dizendo, vi uma mulher trajando uma roupa muito bonita, mas antiga. Ela se apresentou a mim e ofereceu-me três coisas: seu corpo, sua bolsa e sua cama.

– Ora, a verdade é que eu estava exausto e morto de sono – contou. – Sou também pobre como um vira-lata, e disso talvez a bruxa já soubesse. Então eu a repeli uma, duas vezes, mas ela desprezava as minhas recusas e sorria.

– Aí me irritei – continuou Firme –, mas ela pareceu não se importar. Voltou a fazer-me convites, insistindo. Disse que se eu cedesse aos seus caprichos, faria de mim um homem rico e feliz. “Pois”, disse ela, “eu sou a senhora do mundo, e faço os homens felizes”. Perguntei-lhe então o seu nome, e ela falou que se chamava Ilusão, madame Ilusão.

– Isso me afastou ainda mais dela – acrescentou. – Mesmo assim ela me seguia, sedutora. Então, caí de joelhos, como o senhor viu, ergui as mãos para o alto, clamei e orei àquele que disse iria me ajudar. E justo quando vocês chegaram, a senhora sumiu. Continuei assim dando graças por essa grande libertação, pois acredito firmemente que ela não tinha boas intenções, mas apenas pretendia me fazer parar, interromper a caminhada.

Honesto – Sem dúvida nenhuma, os planos dessa madame eram maus. Mas... agora que você me falou dela, acho que já a vi, ou pelo menos já ouvi alguma história dela.

Firme – Talvez as duas coisas.

Honesto – Madame Ilusão! Por acaso não é uma dama alta, bela, de tez um tanto morena?

Firme – Isso mesmo. Ela é exatamente assim.

Honesto – E ela não fala bem macio, terminando sempre cada frase com um sorriso?

Firme – Exatamente. É assim mesmo que ela fala.

Honesto – E não usa uma grande bolsa ao ombro, trazendo sempre a mão dentro dela, brincando com o dinheiro como se fosse esse o seu maior prazer?
Firme – Sempre, sempre. Tivesse ela permanecido aqui ao meu lado, o senhor não me poderia ter dado um retrato mais perfeito dela, nem descrito melhor as suas características.
Honesto – Então aquele que desenhou o retrato dessa dama era um bom artista; e quem escreveu sobre ela disse a verdade.
Grande-Coração – Essa mulher é uma bruxa, e é por causa dos seus encantos que este solo é enfeitiçado. Quem deita a cabeça no colo dela faria melhor se a deitasse no tronco, à espera do fio do machado. Quem põe os olhos na sua beleza é tido como inimigo de Deus.[3]

– É ela quem conserva em esplendor os inimigos dos peregrinos – explicou. – Sim, foi ela que já tirou muitos homens de sua peregrinação. É uma grande faladora. Ela e as filhas estão sempre atrás dos peregrinos, ora elogiando, ora recomendando as excelências desta vida.

– É uma meretriz ousada e sem pudor, e conversa com qualquer homem – acrescentou. – Sempre escarnece, rindo dos peregrinos pobres, mas só tem elogios para os ricos. Se encontra um homem astuto para ganhar dinheiro, dele fala bem de casa em casa.

– Adora banquetear e festejar muito – disse ainda. – Está sempre numa mesa farta ou noutra. Alardeou em alguns lugares ser uma deusa, e, portanto, alguns chegam até a cultuá-la. Volta e meia dá grandes banquetes para muitos, afirmando e garantindo que ninguém oferece iguarias comparáveis às dela.

– Promete viver com os filhos dos filhos, contanto que a amem e lhe tenham estima – continuou. – Tira da sua bolsa ouro como pó, mas apenas em alguns lugares e para poucas pessoas. Adora ser procurada, ouvir palavras doces e mentir nos braços dos homens.

– Nunca se cansa de elogiar as suas vantagens – concluiu –, e ama mais aqueles que a têm em mais alta conta. A alguns promete coroas e reinos, desde que aceitem o seu conselho. No entanto, já levou muitos à forca, e dez mil vezes mais, ao inferno.
Firme – Ah, que graça enorme ter eu resistido a ela! Pois para onde ela me teria arrastado?

Grande-Coração – Para onde?! Não, ninguém senão Deus sabe para onde. Mas certamente ela o teria arrastado “a muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1 Tm 6.9).

– Pois foi ela quem jogou Absalão contra o seu pai – esclareceu –, e Jeroboão contra o seu senhor. Foi ela quem convenceu Judas a vender o Senhor, e que incitou Demas a abandonar a piedosa vida peregrina. Impossível conhecer todas as maldades que ela faz. Semeia a discórdia entre soberanos e súditos, entre pais e filhos, entre vizinho e vizinho, entre o homem e sua mulher, entre o homem e ele mesmo, entre a carne e o coração. Portanto, caro sr. Firme, confirme o seu nome, e depois de fazer todo o possível, se conserve inabalável.

Esse diálogo provocou entre os peregrinos um misto de alegria e medo, mas afinal irromperam num cântico, dizendo:

Quem pode saber cá no mundo
Os perigos que corre um cristão?
Quem pode contar os caminhos
Que levam à atroz perdição?

O mundo, o diabo e a carne
Mil formas nos têm de enganar,
Certeza, porém, de vitória
Dá Deus a quem sabe orar.

21
A entrada na Cidade Celestial



Depois disso, vi que chegavam à terra da Desposada, onde o sol brilha noite e dia. Ali, como estavam exaustos, pararam um pouco para descansar. Como se tratava de uma terra franqueada aos peregrinos, e os pomares e vinhedos pertenciam ao Rei da Terra Celestial, eles tinham permissão para se deliciar com tudo o que vissem.

No entanto, tiveram pouco tempo de descanso, pois os sinos já tocavam, e as trombetas soavam sem parar, tão melodiosamente que eles não conseguiam dormir. Apesar disso, sentiam-se revigorados, como se jamais houvessem dormido tão bem.

Ali também só se ouvia este murmúrio pelo caminho: “Mais peregrinos chegam à cidade”. E alguém respondia dizendo: “E outros tantos passaram pelas águas hoje e foram admitidos nos portões de ouro”. E se ouvia em altos brados: “Acaba de chegar à cidade uma legião de Seres Resplandecentes, e por essa razão sabemos que há mais peregrinos na estrada. Esses seres vieram esperá-los e consolá-los depois de todas as suas aflições”.

Então os peregrinos se puseram de pé e caminharam. Sentiam-se, entretanto, envolvidos pela música celestial, e seus olhos se deleitavam com visões daquele lindo lugar.

Nessa terra nada ouviam, nada viam, nada sentiam, nada cheiravam, nada provavam que lhes fosse repugnante ao estômago ou à mente. Só quando provaram a água do rio que teriam de atravessar, é que acharam o gosto um tanto amargo. No entanto, logo depois, o amargor se desfazia em doçura.[1]

Havia, nesse lugar, um registro contendo os nomes dos peregrinos de outrora, e o relato de todos os feitos heroicos que realizaram. Ali também muito discutiam as cheias do rio que alguns peregrinos enfrentaram, e também as épocas de águas rasas, para alívio de outros. Para alguns chegava quase a secar, enquanto para outros transbordava as margens.

Os filhos da cidade entravam pelos jardins do Rei e colhiam flores para fazer ramalhetes de presente aos peregrinos, demonstrando-lhes o seu afeto. Ali também se produzia a hena e o nardo, o açafrão, o cálamo e o cinamomo, com toda sorte de árvores de incenso; a mirra e o aloés, com todas as principais especiarias (Ct 4.13-14).

Com esses aromas se perfumavam os aposentos dos peregrinos enquanto lá ficavam; e com esses aromas eram seus corpos ungidos, preparando-os para a passagem do rio no tempo oportuno.

Enquanto esperavam a hora certa, ouviu-se um murmúrio de que chegara da Cidade Celestial um mensageiro[2] com assunto de grande importância para uma certa Cristiana, mulher de Cristão, o peregrino. Então trataram de encontrá-la, e descobriram a casa onde estava hospedada.

O mensageiro entregou-lhe então uma carta, que dizia o seguinte: “Salve, mulher piedosa; trago-lhe notícias de que o Mestre a chama e espera que você se apresente perante ele, em vestes de imortalidade, dentro de dez dias”.

Depois de ler a carta para ela, apresentou-lhe uma prova segura de que ele era um mensageiro legítimo, e de que viera aconselhá-la a se apressar em partir. A prova era uma seta de ponta aguçada com amor, que lhe penetrou com leveza o coração, e era tão eficaz que na hora oportuna Cristiana estaria pronta para partir.

Dando-se conta de que sua hora chegara, e que ela seria a primeira do grupo a cruzar o rio, Cristiana chamou o sr. Grande-Coração, seu guia, e lhe contou tudo. Ele confessou sua alegria diante da notícia, e lhe disse que, se o mensageiro viesse até ele, certamente ficaria muito feliz.

Cristiana então lhe pediu conselho sobre como preparar todas as coisas para a viagem, e ele explicou tudo o que sabia.

GRANDE-CORAÇÃO – Nós que aqui ficaremos vamos acompanhá-la até a margem do rio.

Chamou então os seus filhos e os abençoou. Disse-lhes sentir-se consolada em ler o sinal gravado na testa deles, e que estava feliz por tê-los todos ali com ela. Exortou-os ainda a conservar alvas as vestes. Por fim, deixou aos pobres o pouco que tinha, e ordenou aos

filhos e filhas que estivessem prontos quando o mensageiro fosse procurá-los.

Depois de falar essas palavras ao guia e aos filhos, chamou o sr. Valente-pela-Verdade e lhe disse:

– Em todas as ocasiões, o senhor se provou leal. Seja então fiel até a morte, que o meu Rei vai lhe dar a coroa da vida. Também rogo que o senhor cuide de meus filhos e, se em algum momento, os vir desanimados, peço que os console. Para com as minhas filhas, esposas dos meus filhos, eles têm sido fiéis, e no fim alcançarão certamente o cumprimento da promessa. – Ao sr. Firme, ela deu um anel, e depois chamou o velho sr. Honesto.

– Eis aqui, sem dúvida nenhuma, um israelita, em quem não há má-fé – disse Cristiana.

– Desejo-lhe uma bela jornada quando a senhora partir rumo ao monte Sião – respondeu ele. – Certamente vou me alegrar ao vê-la cruzar o rio sem molhar os pés.

– Seja por água, seja por leito seco, anseio partir. Mesmo que enfrente duras intempéries durante a jornada, lá chegando terei tempo bastante para sentar e descansar, e me secar.

Logo entrou para vê-la o sr. Prestes-a-Tropeçar, homem piedoso. E ela lhe disse:

– Sua viagem até aqui foi repleta de dificuldades, mas isso fará o seu repouso ainda mais doce. Contudo, esteja vigilante e pronto, pois na hora mais improvável o mensageiro virá. – Depois veio falar com ela o sr. Desesperança e sua filha Apavorada. A eles Cristiana dirigiu estas palavras:

– O senhor e sua filha devem recordar com eterna gratidão a libertação das mãos do gigante Desespero, do Castelo da Dúvida. Por essa graça, os dois foram trazidos até aqui em segurança. Estejam atentos, portanto, e livrem-se do medo. Sejam sóbrios, e mantenham acesa até o fim a esperança. – Depois ela se dirigiu ao sr. Hesitante:

– O senhor foi libertado dos dentes do gigante Guerra-ao-Bem, para viver à luz dos vivos para sempre, e ver o seu Rei com

consolo. Só aconselho que, antes que o Rei o mande chamar, o senhor se arrependa dessa sua inclinação ao medo e da desconfiança da sua bondade, evitando assim se apresentar diante dele envergonhado por causa dessa falta.

Mas chegou o dia da partida de Cristiana, e as ruas ficaram cheias de gente que queria vê-la fazer a jornada. A margem oposta do rio estava tomada de cavalos e carros, que desceram lá do alto para acompanhá-la até as portas da cidade. Então ela se adiantou e entrou no rio, com um aceno de adeus aos que a acompanharam até ali. Suas últimas palavras foram: “Venho, Senhor, para estar contigo e te bendizer”.

Então seus filhos e amigos voltaram para as suas casas, pois aqueles que a aguardavam do outro lado a levaram, desaparecendo nas nuvens. E ela subiu e chamou, e, afinal, entrou pelo portão cercada de todas as demonstrações de júbilo que também seu marido, Cristão, recebera antes dela.

Na despedida, seus filhos choraram, mas Grande-Coração e Valente tocaram os címbalos e a harpa afinada, vibrando de alegria. E cada qual partiu para sua casa.

Depois de certo tempo, veio à cidade dos peregrinos novo mensageiro, à procura do sr. Prestes-a-Tropeçar. Ao encontrá-lo, disse:

– Venho em nome daquele que você tem amado e seguido, mesmo em muletas. E minha mensagem é esta: que ele o espera à mesa para cear com ele no seu reino, no dia seguinte à Páscoa. Prepare-se, portanto, para a jornada. – Também lhe deu provas de que era mensageiro legítimo, dizendo: – Rompi o seu fio de prata e despedacei o seu copo de ouro.[3]

Depois disso Prestes-a-Tropeçar chamou os seus companheiros de peregrinação e disse: – Fui chamado. Deus certamente também virá, visitá-los.

Então pediu ao sr. Valente que redigisse o seu testamento. Mas como nada tinha a deixar àqueles que ficavam no mundo, senão as muletas e seus melhores votos, assim se pronunciou:

– Estas muletas deixo ao meu filho, que vai seguir os meus passos, bem como uma centena de votos calorosos de que ele se revele melhor do que seu pai.

Agradeceu então ao sr. Grande-Coração por tudo o que fizera por ele, pela sua bondade, e imediatamente partiu. Chegando à beira do rio, disse:

– Agora não mais precisarei dessas muletas, pois do outro lado há carruagens e cavalos à minha espera. – As suas últimas palavras foram: “Bem-vinda, vida”. E entrou nas águas.

Depois disso, o sr. Hesitante percebeu que o mensageiro soava a corneta diante da porta do seu quarto. Entrando, disse ao homem:

– Vim para dizer-lhe que o Mestre precisa de você, e que em bem pouco tempo você verá a face dele em esplendor. Trago-lhe isto como prova da verdade da minha mensagem: “Escurecem-se os teus olhos nas janelas”.[4]

Então Hesitante chamou os seus amigos e lhes contou a notícia que recebera, e a prova que tivera da verdade da mensagem. Disse:

– Como nada tenho para deixar a ninguém, por que faria eu um testamento? Quanto à minha hesitação, isso deixarei para trás, pois certamente não precisarei dela no lugar para onde vou, nem é algo digno de deixar ao mais pobre dos peregrinos. Portanto, quando eu me for, desejo que o senhor, Valente, enterre-a junto com o entulho.

Chegando o dia em que ele haveria de partir, entrou no rio como os outros antes dele. Foram estas as suas últimas palavras: “Perseverem com fé e paciência”. E atravessou para o outro lado.

Passados muitos dias, chegou à cidade outro mensageiro, agora à procura do sr. Desesperança. E lhe trouxe esta mensagem:

– Ó, homem temeroso, venho convocá-lo a ficar pronto para o seu Rei, pois no próximo domingo você deverá dar saltos de alegria pela

libertação de todas as suas dúvidas. – E disse ainda o mensageiro: – Tome isto como prova de que a minha mensagem é verdadeira: “O gafanhoto há de te ser um peso”[5]

Ora, a filha do sr. Desesperança, de nome Apavorada, ao ficar sabendo o que se passava, expressou o desejo de ir com o pai. E ele disse aos seus amigos:

– Os senhores bem sabem quanto trabalho demos eu e minha filha, o quanto fomos importunos para todos os que nos cercavam. O meu desejo, e também o de minha filha, é que nossos desesperos e vis medos não sejam deixados a homem nenhum no dia da nossa partida até a eternidade, pois sei que após a minha morte eles se oferecerão a outros.

– Para ser sincero com os senhores – disse –, esses medos e desesperos são na verdade fantasmas que abrigamos quando nos tornamos peregrinos, e desde esse dia não conseguimos mais nos livrar deles. Eles perambularão soltos por aí e mais uma vez tentarão cativar a atenção dos peregrinos; mas, por amor a nós dois, peço que lhes fechem as portas.

Chegando a hora de partir, os dois se encaminharam para a margem do rio. E as últimas palavras do sr. Desesperança foram: “Adeus, noite; bem-vindo, dia”. A sua filha entrou no rio cantando, mas ninguém entendeu o que dizia.

Aconteceu, depois de algum tempo, que surgiu na cidade um mensageiro procurando por um certo sr. Honesto. Encontrando a casa onde ele estava, disse-lhe estas palavras:

– Daqui a sete noites, a contar de hoje, você deverá estar pronto para apresentar-se perante o seu Senhor, na casa do seu Pai. E eis a prova de que a minha mensagem é verdadeira: “Todas as tuas filhas da música hão de diminuir”.[6] – Então o sr. Honesto chamou os seus amigos e lhes disse:

– Morro, mas não deixo testamento. Quanto à minha honestidade, vai comigo. Saiba disso aquele que vem depois de mim.

Vindo o dia em que haveria de cruzar o rio, dirigiu-se à margem. Ora, o rio naquela época transbordava as beiras nalguns pontos. Mas o sr. Honesto, ainda em vida, combinara com um certo Boa Consciência de se encontrarem os dois ali. E lá estava o homem, que o ajudou a cruzar as águas. As últimas palavras do sr. Honesto foram: “A graça reina”. E assim deixou o mundo.

Depois disso surgiram rumores de que o sr. Valente-pela-Verdade fora convocado pelo mesmo mensageiro que procurara os outros antes dele, e isto recebera como prova de que a convocação era verdadeira: “Que seu cântaro se quebrou na fonte”.[7] Compreendendo o significado, reuniu os amigos e contou o que ouvira. Depois disse:

– Vou para o Pai, e apesar de todas as dificuldades para chegar aqui, não me arrependo de nenhuma aflição pelas quais passei. A minha espada deixo para aquele que me vai suceder na peregrinação, e a minha coragem e destreza, àquele que as mereça. As minhas marcas e cicatrizes levo comigo para que testemunhem a meu favor, confirmando que combati ao lado daquele que agora me recompensará.

Chegando o dia em que ele deveria partir, muitos o acompanharam até a margem. Ao entrar nas águas, disse:

– Onde está, ó morte, o teu aguilhão? – E, avançando para o meio do rio, rematou: – Onde está, ó morte, a tua vitória? (1 Co 15.55). – E assim ele cruzou as águas, e sons de trombetas o receberam do outro lado.

Então veio o chamado para o sr. Firme (aquele que os peregrinos encontraram de joelhos no Solo Enfeitiçado), e o mensageiro lhe entregou a mensagem que dizia que ele deveria se preparar para uma mudança de vida, pois o seu Mestre não mais o queria afastado de si. Firme, porém, ficou sem saber exatamente o que devia pensar disso.

– Não – disse-lhe porém o mensageiro –, você não precisa duvidar da verdade da minha mensagem. Pois eis aqui a prova da

veracidade dela: “A tua roda se desfez junto ao poço”.[8] – O sr. Firme chamou então o sr. Grande-Coração, seu guia, e lhe disse:

– Senhor, embora eu não tenha tido a sorte de contar com a sua companhia em todos os dias da minha peregrinação, desde que o conheci, o senhor sempre foi muito importante para mim.

– Quando saí de casa, deixei para trás mulher e cinco filhos pequenos – confidenciou-lhe. – Tomo agora a liberdade de lhe rogar um grande favor: que, ao voltar (pois sei que voltará à casa do seu Senhor, na esperança de que ainda venha a ser guia de mais santos peregrinos), mande um mensageiro à minha casa para contar-lhes tudo o que me aconteceu, e o que ainda me acontecerá.

– Conte-lhes, ainda, da minha abençoada chegada a este lugar – pediu –, e deste estado bem-aventurado em que agora me encontro. Rogo também que fale de Cristão e de Cristiana, sua esposa, de como ela e seus filhos seguiram os passos dele. Fale também, senhor, do feliz final que ela alcançou, e do lugar para onde foi.

– Tenho pouco ou nada para enviar à minha família – concluiu –, exceto as orações e as lágrimas que chorei por eles. Quem sabe isso já será suficiente, se diante do que o senhor lhes disser, eles perseverarem.

Dispondo assim as coisas, e chegando o tempo de partir, o sr. Firme também entrou nas águas do rio. Naquele momento, a corrente estava incomumente calma, de modo que, estando já no meio do rio, ainda conversava com os seus companheiros, que foram dele se despedir. E assim dizia:

– Este rio é terror para muitos. A simples lembrança dele muitas vezes também me apavorou. Agora, porém, creio que estou em paz. Meu pé descansa sobre o mesmo fundamento que suportou os pés dos sacerdotes que carregaram a arca da aliança quando Israel cruzou este mesmo Jordão.

– As águas de fato são amargas ao paladar, e frias quando tocam o estômago – disse. – As esperanças, porém, que tenho em relação ao lugar para onde vou, e a recepção que me aguarda do outro lado, queimam como brasa ardente no meu peito.

– Vejo-me agora no fim da minha jornada – acrescentou. – Findam os meus dias de trabalho. Parto agora para ver aquela cabeça que um dia foi coroada de espinhos, aquele rosto que suportou cusparadas por minha causa.

– Até hoje vivi de rumores e fé – continuou –, mas agora vou para um lugar onde a visão vai me sustentar, e estarei com ele em cuja companhia me comprazo. Sempre amei ouvir falar do meu Senhor, e onde vi suas pegada na terra, ali desejei calcar também o meu pé.

– O nome do Senhor tem sido para mim um vidro de almíscar, e mais doce que todos os perfumes! – exclamou. – A sua voz é para mim dulcíssima, e o seu semblante mais desejei do que jamais desejaram nesta terra a luz do sol. A sua Palavra eu costumava ter por alimento e por antídoto contra os meus desânimos. Ele me sustentou e eu consegui me guardar das minhas iniquidades. Sim, pois ele fortaleceu os meus pés no seu caminho.

Ora, estando ele ainda a falar mudou-se a sua expressão, os homens fortes debaixo dele se curvaram, e depois de dizer – “Leva-me, pois venho para ti” – não mais foi visto.

Que espetáculo maravilhoso foi ver a outra margem encher-se de cavalos e carruagens, com trombeteiros e flautistas, cantores e músicos com instrumentos de cordas, todos para receber os peregrinos que, um após o outro, subiam até o belo portão da cidade.

Quanto aos filhos de Cristiana, os quatro meninos que ela levou consigo, com as suas esposas e filhos, não fiquei para vê-los também cruzar o rio. Na verdade, depois de partir ouvi alguém dizer que eles ainda estavam vivos, e assim permaneceriam para o bem da Igreja no lugar onde estavam morando.

Caso me sorria de novo a sorte de voltar por este caminho, talvez eu possa dar àqueles que desejam um relato daquilo que aqui não narrei. Mas, por agora, despeço-me do meu leitor.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

1 Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira.

1 Anote isso; eis a quintessência do inferno.

1 Timorata vem visitar Cristiana, com Misericórdia, uma das suas vizinhas.

2 O argumento da carne.

1 Cristiana convence-a a ir até a porta, que é Cristo, e promete ali perguntar sobre a situação dela.

2 Suas próprias conclusões carnais, e não a palavra da vida.

3 O cão, o Diabo, inimigo da oração.

4 Os atrasos deixam mais fervorosa a alma faminta.

1 Cristo crucificado visto de longe.

2 Repare a referência a Mt 11.12.

3 Note possíveis fontes em Os 14.2 e Hb 13.15.

4 O jardim do Diabo.

1 Os santos se alegram ao ver os jovens trilhando os caminhos de Deus.

2 A oração se inspira em Pv 30.8.

3 A banheira da santificação.

4 Veja Êx 13.8-10.

1 Comentário sobre o que foi dito à porta do caminho, ou sermão sobre o fato de sermos justificados por Cristo.

2 Vara fina e flexível usada para castigar ou torturar.

3 Compare este trecho com Ez 24.18. É difícil encontrar a boa doutrina em tempos corruptos.

1 A fonte deste trecho se encontra em Mt 11.28,29.

2 A possível inspiração desses presentes se encontra em Ct 8.2 e 5.1.

3 Retrato daqueles que avançam bravamente quando não há perigo, mas se encolhem quando surgem as dificuldades.

4 A fonte deste trecho se encontra em Jz 5.6-7.

1 Por não terem pedido, acabaram perdendo esse auxílio.

2 Talvez Jo 1.29 seja relevante aqui.

1 Misericórdia é rejeitada na prática da misericórdia; mas, em nome da misericórdia, é querida.

2 Uma cruz erguida num espaço público, geralmente o mercado. Nesse lugar Generosa foi publicamente condenada pelo marido.

3 Na verdade, dores de consciência.

5 Da carne e do sangue de Cristo. Ver Jo 6.53-58.

6 A Palavra de Deus nas mãos da fé do menino.

7 Com um copo de lágrimas de arrependimento.

8 Ver Hb 6.19.

1 Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (Tg 4.6).

2 A fonte desta descrição se encontra no SI 84.6.

1 Possível fonte do simbolismo deste trecho se acha em 1 Pe 5.8.

2 Repare Jn 2.3-6.

3 Demônio.

1 Os tolos são ainda piores que os meramente carnais.

2 Ver Ap 8.2, 6-13.

1 São ofertas sacrificiais. Ver Lv 7.32-34, 10.14-15.

1 Veja Lc 10.35.

2 Compare Jó 12.5.

3 A fonte desse nome é Sl 38.17.

1 Veja At 21.16.

2 A fonte da descrição se encontra em Ap 17.3.

1 Veja Is 11.6.

1 Era a Palavra de Deus.

2 Veja Tg 1.23; 1 Co 13.12; 2 Co 3.18.

1 A Palavra. A Fé. Sangue.

1 Veja Pv 23.34,35.

2 A luz da Palavra.

3 O mundo. Ver Tg 4.4 e 1 Jo 2.15.

1 A morte é amarga para a carne, mas doce para a alma.

2 Mensageiro da morte enviado a Cristiana.

3 A fonte das provas do mensageiro é Ec 12.1-7.

4 Veja Ec 12.3.

5 Veja Ec 12.5.

6 Veja Ec 12.4.

7 Veja Ec 12.6.

8 Veja Ec 12.6.